

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ROSÂNIA ALVES MAGALHÃES

**A escrita feminina Afrodescendente na obra de
Conceição Evaristo**

Uberlândia

2014

ROSÂNIA ALVES MAGALHÃES

**A escrita feminina Afrodescendente na obra de
Conceição Evaristo**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos em Teoria Literária do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teoria Literária. Estudos sobre Poéticas do Texto Literário: Cultura e Representação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cíntia Camargo Vianna.

Uberlândia

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M188e Magalhães, Rosânia Alves, 1978-
2014 A escrita feminina afrodescendente na obra de Conceição Evaristo /
 Rosânia Alves Magalhães. -- 2014.
 110 f. : il.

 Orientadora: Cíntia Camargo Vianna.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-Graduação em Letras.
 Inclui bibliografia.

 1. Literatura - Teses. 2. Literatura africana (Português) - História e
 crítica - Teses. 3. Evaristo, Conceição, 1946- - Ponciá Vicêncio - Crítica e
 interpretação - Teses. I. Vianna, Cíntia Camargo. II. Universidade
 Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 82

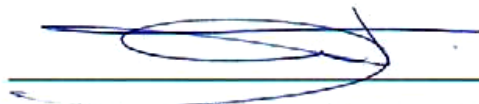
ROSÂNIA ALVES MAGALHÃES

**A escrita feminina Afrodescendente na obra de
Conceição Evaristo**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Letras –
Curso de Mestrado Acadêmico em
Teoria Literária do Instituto de Letras da
Universidade Federal de Uberlândia,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Mestre em Letras,
área de concentração: Teoria Literária.

Uberlândia, 27 de maio de 2014.

Banca Examinadora:



Professora Doutora Cintia Camargo Vianna / UFU (Presidente)



Professora Doutora Íris Maria da Costa Amâncio/ UFF (Membro externo)



Professora Doutora Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro / UFU (Membro interno)

Dedico aos meus filhos, Ana Laura e Gladyston Filho, inspiração diária para realização dos meus sonhos e pela busca de conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, Deus, pela fidelidade, controle e direção em minha vida. Por me dá sabedoria e perseverança para continuar minha caminhada.

Aos meus pais e irmãs pelas constantes orações e palavras de encorajamento.

Ao meu esposo, exemplo de determinação e paciência, por estar sempre ao meu lado, com palavras de incentivo, carinho e compreensão.

Aos meus filhos, Ana Laura e Gladyston Filho pela constante força e inspiração que representam em minha vida.

Aos professores, técnicos administrativos e colegas do PPGLET/UFU.

A minha orientadora, professora doutora Cíntia Camargo Vianna, pelas aulas e por me apresentar a literatura afro-brasileira, em especial o romance *Ponciá Vicêncio* e a autora Conceição Evaristo.

A todos aqueles que compartilharam desse minha conquista, pois só quem acompanhou minha travessia, sabe que representa uma grande vitória.

RESUMO

Essa dissertação pretende investigar como se efetiva a constituição da escrita feminina afrodescendente no romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Para tanto, analisa-se as formulações teóricas recentes sobre a literatura afrodescendente no Brasil e que tornaram possível o conceito desta literatura. A partir destas discussões examinam-se as questões que estão em torno da escrita de Conceição Evaristo que a torna figura importante na valorização e propagação da literatura afro-brasileira. Além disso, discorre-se sobre alguns apontamentos acerca do negro, no Brasil, a partir de discussões que giram em torno o surgimento de novas identidades, que ocasionaram o surgimento de novos movimentos sociais, especialmente os movimentos feministas para, a partir daí analisar no romance *Ponciá Vicêncio* as relações de representação identitária que valorize o papel da mulher negra na cultura afro-brasileira. E finalmente, abordam-se questões relativas à memória no romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, o intuito principal é resgatar as variadas formas de lembranças que se efetivam no plano individual e coletivo e que trazem para a discussão a importância da memória para a preservação de tradições e conhecimentos da cultura de um povo. Além de, investigar como Conceição Evaristo na condição de mulher negra recupera essa memória. Como essa autora persegue, no romance os vestígios de uma memória para recompor uma história perdida dos negros, e através dela gritar por um sentimento que a própria Conceição nomeia de resistência e insubordinação.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira, Gênero, Identidade, Memória, *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo.

ABSTRACT

This research intends to investigate how effective the constitution of African descent women's writing in the novel *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo. For this, we analyze the recent theoretical formulations on afro descendant literature in Brazil and that made possible the concept of this literature. From these discussions we examine the issues that are around writing Conceição Evaristo makes it important figure in the recovery and propagation of african - Brazilian literature. Moreover, it discusses about some notes about the black, in Brazil, from discussions that revolve around the emergence of new identities, which caused the emergence of new social movements, especially feminist movements to thereafter analyze the novel *Ponciá Vicêncio* relations of identity representation that values the role of black women in african - Brazilian culture. And finally, approach is memory-related issues in the novel *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo, the main aim is to rescue the varied forms of memories that take place at the individual and group level and bring to the discussion the importance of memory to preserve traditions and knowledge of the culture of a people. Besides, investigate how Conceição Evaristo provided black woman regains that memory. As this author pursues, the novel traces of a memory to reconstruct a history of Blacks lost, and through her screaming for a feeling that itself Conceição appointing of resistance and insubordination.

Keywords: African-Brazilian Literature, Gender, Identity, Memory, *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1	
Literatura Afro-brasileira e Conceição Evaristo	13
CAPÍTULO 2	
Gênero e Identidade.....	32
CAPÍTULO 3	
Memória e Escrivência	61
CONCLUSÃO.....	90
REFERÊNCIAS POR SEÇÃO.....	93
Obras Sobre Literatura Afro-brasileira.....	93
Obras de Conceição Evaristo.....	93
Obras Sobre Conceição Evaristo.....	93
Obras sobre Gênero.....	95
Obras sobre Identidade	95
Obras sobre Memória.....	97
ANEXO I.....	22
ANEXO II.....	98
ANEXO III.....	100
ANEXO IV.....	103

Introdução

Neste trabalho procura-se refletir sobre a literatura afro-brasileira, movidos pelo desejo de saber como a atividade literária pode revelar os meandros da escrita feminina afro-descendente. Para tal, centramos nossa atenção em Conceição Evaristo, que é uma expressiva representante deste viés literário, focalizando especialmente, um de seus romances: *Ponciá Vicêncio*, publicado em 2003.

Assim o objetivo principal deste trabalho é investigar como se efetiva a constituição da escrita feminina afrodescendente no romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Como objetivos específicos pretende-se verificar como é reconstruída a herança identitária, no romance *Ponciá Vicêncio*, na observação do relacionamento da protagonista Ponciá Vicêncio com os outros personagens da narrativa, tais como, o Vô Vicêncio, o pai de Ponciá Vicêncio, a mãe e o irmão Luandi; e analisar a representação do sujeito feminino negro a partir da contextualização de seu lugar no romance *Ponciá Vicêncio*.

Nota-se na proposta de análise desta obra, uma inter-relação entre gênero, identidade e memória no romance *Ponciá Vicêncio*. Este se destaca como o primeiro romance da autora e desde sua publicação tem sido tema de artigos e discussões no meio acadêmico. O livro também foi publicado em inglês, além de ter sido indicado ao vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, em 2008. A obra trata de temas relacionados ao cotidiano dos excluídos, em especial a mulher negra, fala da condição do negro na pós-escravidão, retrata as formas de opressão contra o negro e sua condição social, ademais, de forma poética a autora nos apresenta personagens com ações de resistência ao mundo que lhes é oferecido, além do que, como dito anteriormente, nos possibilita uma reflexão a respeito da condição de ser mulher negra, no Brasil.

Assim, com base nesta obra procura-se compreender a ideia de reconstrução da identidade negra, examinando a relação dos personagens com as suas ações e omissões na tentativa de resgatar as representações identitárias nele apresentadas, já que as representações constituem estratégias culturais que podem mostrar o papel assumido pelo negro nesta escrita literária e constituir fundamentos para o discurso identitário.

Frisa-se que por se tratar de uma obra da literatura afro-brasileira, este romance busca uma ressignificação do sentido dado aos atos dos negros, colocando-o como protagonista de sua história. Desse modo, é vital apreender esses sentidos dados às representações identitárias destes sujeitos.

Como, em *Ponciá Vicêncio*, a personagem principal é mulher, abordam-se questões relativas ao gênero, salientando a posição de sujeito-mulher-negro que gera possibilidades outras de percepção do feminino em um contexto marcado pelo apagamento do seu protagonismo na história do Brasil. Dessa forma, conforme palavras de Alzira Rufino (1997):

Pouco mais de cinqüenta anos nos separam da universal declaração de direitos ao que é humano. Pouco mais de um século nos separa do tempo e espaço em que, como escravas, não éramos donas de nossa fala, nosso corpo, nosso destino. (RUFINO, 1997, p.11).

Assim, Conceição Evaristo assumindo uma atitude compromissada, reelabora o papel da mulher, fugindo dessa perspectiva de apagamento e dando a ela instrumentos identitários que guia em especial a mulher negra, para uma via de resistência e contestação cultural. Portanto, pauta-se nos apontamentos oriundos deste romance para evidenciar as imposições infligidas a mulheres negras e sua forma de resistência a tais opressões, para assim evitar o seu silenciamento.

Para tanto este trabalho será composto por três capítulos, a saber: Primeiro capítulo, *Literatura Afro-brasileira e Conceição Evaristo*; segundo capítulo, *Gênero e identidade: a mulher negra em Ponciá Vicêncio*; terceiro capítulo, *Memória e Escrivência: o não lugar dos negros em Ponciá Vicêncio*. Este caminho foi traçado pensando, sobretudo nos elementos que a escrita de Conceição Evaristo nos apresenta como a identidade negra e feminina, o tratamento dado à mulher em sua obra e as questões de memória que trazem as tradições afro-descendente como valorização da cultura deste povo e ainda a maneira singular de escrivência desta autora que se vale da obra enquanto espaço de insubordinação e resistência.

No primeiro capítulo, *Conceição Evaristo e a Literatura Afro-brasileira*, procura-se trazer para discussão as formulações teóricas recentes sobre a literatura afro-descendente no Brasil e que tornaram possível o conceito desta literatura, bem como, investiga-se a importância das publicações de *Cadernos Negros*, em relação à produção editorial da escrita negra que possibilitou a publicação dos escritos de Conceição Evaristo, assim com de outros importantes nomes da Literatura afro-brasileira. Nele pode-se ter ideia do lugar atualmente ocupado por esta literatura, além de conhecer o contexto que possibilitou o seu surgimento. A partir deste contexto examinam-se as questões que estão em torno da escrita de Conceição Evaristo que se tornou figura importante na valorização e propagação desta literatura.

No segundo capítulo, intitulado de *Gênero e identidade: a mulher negra em Ponciá Vicêncio* abordar-se-á algumas discussões que giram em torno da condição da mulher negra no Brasil. Argumenta-se que a imagem do negro continua ser alvo de preconceito, portanto, muitos textos têm procurado reavaliar as imagens do negro que estão presentes nas formações imaginárias da nação brasileira. Apresentam-se também algumas discussões que tratam da formação de uma cultura nacional que conforme palavras de Fonseca (2010) contribuem para criar padrões que carregam visões deformadas criadas pelo europeu colonizador e que dificultam o desenvolvimento da identidade dos brasileiros afrodescendentes. Além disso, aborda-se a questão do mito da democracia racial que segundo Fonseca (2010), encobre e dificulta o combate à discriminação racial. Assim, “as imagens depreciativas sobre os negros precisam ser reiteradas por estereótipos que asseguram aos não negros as qualidades negadas aos “de cor”.” (FONSECA, 2010, p.99). A partir dessas discussões analisa-se, no romance *Ponciá Vicêncio*, a relação das representações identitárias que valorizam o papel da mulher negra na cultura afro-brasileira.

No terceiro capítulo, intitulado de *Memória e Escrevivência: o não lugar dos negros em Ponciá Vicêncio* examina-se os subsídios utilizados pela escritora para constituir sua escrita enquanto uma escrevivência¹, ou seja, uma escrita sobre vivências

¹ Termo utilizado por Conceição Evaristo para “escrever a existência – meio conceito, meio desafio para o eu lírico transcender o biográfico [...]”. (DUARTE, 2013, p.3)

que retratam o contexto e tradições dos negros, valorizando-os como sujeitos de sua história e sendo forma de insubordinação, resistência e denúncia.

Além disso, procura-se demonstrar que no romance *Ponciá Vicêncio* aparecem vários elementos que podem indicar um fluxo contínuo entre o passado, o presente e o futuro, propondo assim, o resgate de uma memória tanto individual como coletiva, isto com base no pressuposto de que os testemunhos de outras pessoas podem ser aproveitados em nossas memórias, desde que existam pontos semelhantes que nos façam recordar e venham a ser reconstruída sobre uma base comum, no caso uma memória afrodescendente.

Destaca-se ainda o uso da escrita feminina enquanto meio de insubordinação e resistência aos padrões impostos pela sociedade. E a forma, de recuperação de uma memória afrodescendente.

CAPÍTULO 1

Conceição Evaristo e a Literatura Afro-brasileira

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se e resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades.

(Neuza Santos Souza, 1983)².

² SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

Neste capítulo, procura-se trazer para discussão as formulações teóricas recentes sobre a literatura afrodescendente no Brasil e que tornaram possível o conceito de literatura negra. Investiga-se também a importância de *Cadernos Negros*, responsável pela produção editorial da escrita negra que possibilitou a publicação dos escritos de Conceição Evaristo, assim com de outros importantes nomes da Literatura afro-brasileira. A partir destas discussões examina-se a escrita feminina de Conceição Evaristo, que a torna figura relevante na valorização e disseminação da cultura do negro.

Conceição Evaristo nasceu em 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte advinda de uma família modesta precisou trabalhar desde muito cedo para auxiliar a família e apesar do trabalho ainda estudava “exigência da mãe severa, preocupada com o futuro da prole de nove filhos” (DUARTE, 2007, p.23). Todavia, com todas as dificuldades que tivera só finalizou o antigo curso normal superior aos 25 anos e com desejo de desenvolver seus estudos mudou-se para o Rio de Janeiro em 1973 e graduou-se em Letras, tendo ingressado no mestrado em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro defendendo no ano de 1996 sua dissertação sobre literatura negra.

Um dos motivos para sua mudança para o Rio de Janeiro foi às dificuldades encontradas em sua terra natal para estudar. Assim buscando novos contornos acadêmicos é que Conceição Evaristo se sujeita a ir para essa cidade, tendo trabalhado “como professora da rede pública de ensino da capital fluminense e da rede privada de ensino superior” (OLIVEIRA, 2009, p.621).

Vislumbra-se que nos escritos de Evaristo há um movimento de fuga e inserção no espaço, possibilitado pela leitura e pela escrita que a ajudava a fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Tendo isso em vista, a autora afirma que:

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. (EVARISTO, 2007, p.20)

Além disso, em entrevista concedida a Giselle Araújo (2007), anexada em sua íntegra, ao final deste trabalho, Evaristo expõe que: “Há uma relação muito grande entre o

sujeito autoral com a ficção na literatura afro-brasileira”. (ARAÚJO, 2007, p.2). De forma que, a luta pelo espaço de fala de autores negros se confunde com os sujeitos enunciadores criados na literatura afro-brasileira. Assim, conforme depoimento da própria escritora percebe-se que a escrita é para Evaristo uma forma inserção e ao mesmo tempo de mudança do destino que está estabelecido às mulheres negras:

[...] Atravessei o chão da cidade com trouxas de roupa na cabeça para trabalhar na casa das patroas, ajudando minha mãe a catar papel para completar a renda. No entanto, a cidade me deu régua e compasso, e eu sai traçando meus caminhos. Tive muito apoio da família, especialmente da minha mãe e tia, para mudar o destino que as pessoas queriam que ficasse estabelecido para mim. (ARAÚJO, 2007, p.2).

Assim como a escritora, Ponciá Vicêncio teve que atravessar o chão da cidade, para tentar uma vida melhor:

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. [...] Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. [...] E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. (EVARISTO, 2003, p.33).

Porém, diferente da escritora a personagem Ponciá, não teve, em seu percurso, a companhia da família, talvez, por isso, “a cidade lhe parecia agora sem graça e a vida seguia sem qualquer motivo. Trabalhara, conseguira juntar algum dinheiro com o qual pudera comprar uma casinha, mas faltava-lhe os seus [...]”. (EVARISTO, 2003, p.74). Além disso, suas perspectivas em relação à cidade foram frustradas:

Ela havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas. Umas sobras de roupa e de alimento para compensar um salário que não bastava. Um homem sisudo, cansado, mais do que ela talvez, e

desesperançado de outra forma de vida. Foi bom os filhos terem morrido. (EVARISTO, 2003, p.82).

Aqui não se traça essas nuances de sua vida por acaso, mas de modo comprometido, já que “A condição social de escritora é índice biográfico relevante em seu percurso de vida, mas simboliza também a trajetória de resistência de toda a comunidade feminina negra, para ampliar o leque dos locais sociais das mulheres negras”. (SENA, 2012, p.288-289), o que por vezes, estará estampado em sua obra que retrata a vivência de uma mulher negra, que é representativa de toda uma coletividade. Dessa forma:

Evaristo deixa clara em sua obra a preocupação de fazer emergir um discurso subalterno, através de personagens negras, pobres e mulheres. Sua trajetória militante acompanha as mudanças que caracterizaram o movimento negro brasileiro ao longo das últimas décadas. (MACHADO, 2012, p.1)

Nota-se que “a biografia de Conceição Evaristo é marcada pelos entraves recorrentes às mulheres negras, em nossa sociedade, os quais ainda delimitam os devires do sujeito feminino negro, restringindo-lhes as possibilidades de ocuparem outros lugares do que os previamente estabelecidos”. (SENA, 2012, p.291). E, portanto dificultando sua ascensão a outros patamares que os previamente determinados para os negros.

Como pessoa preocupada com as causas de seu povo participou “dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país” (OLIVEIRA, 2009, p.621) e publicou pela primeira vez em 1990, na série *Cadernos Negros*³, já no seu volume 13, com sua escrita comprometida integrou ainda várias antologias nacionais, tais como: “Quilombo de palavras, Vozes Mulheres, O negro em versos – estrangeiras – como Callaloo, Schwarze prose, Moving beyond boundaries, Women rightiing, Fourteen female voices from Brazil e Finally us: contemporary Black Brazilian women writers” (CAMPOS; DUARTE, 2011, p.208).

Já em 2003, publica o romance *Ponciá Vicêncio* e no ano de 2006 vem a lume outro romance intitulado *Becos da memória* que apesar de “escrito em fins dos anos 1970 e início dos 1980. Ficou engavetado por cerca de 20 anos até sua publicação em 2006” (OLIVEIRA, 2009, p.621).

³ “É num clima de intensa mobilização política, 1978 que surge a primeira edição da Antologia *Cadernos Negros*. A publicação nasceu da necessidade de visibilizar o negro, torná-lo protagonista da sua própria história”. Disponível em: http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=860&Itemid=184. Acesso em: 12 jan 2014.

O primeiro romance ganhou relevância após sua adoção no vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais, ele retrava as vivências de Ponciá desde sua infância até a fase adulta, sendo que estas servirão de base para vislumbrar o modo de vida e de resistência dos negros, já que sua trajetória segue os mesmos percalços pelos quais passam outros negros.

A adoção do romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, pela Universidade Federal de Minas Gerais para o vestibular 2008 e do livro Cadernos Negros: Os melhores poemas, para o vestibular 2008 da Universidade Federal da Bahia, representa um marco na história da literatura afro-brasileira (SENA, 2012, p.293).

Pode-se inferir que a trajetória vivenciada pela autora contribui para que ela traga neste romance uma visão diferenciada sobre o negro, dando a ele protagonismo em sua história. Desse modo, Conceição Evaristo tem papel de destaque na literatura afro-brasileira como uma escritora engajada que pretende com seus escritos retratar as riquezas da cultura negra, bem como, faz-se uma denúncia e se mostra resistente às mazelas experimentadas pelos negros. Ademais, conforme palavras de Maria José Somerlate Barbosa (2003):

Quase sempre este romance explora as complexidades das personagens. Raramente encontramos uma neste texto (mesmo as personagens periféricas) que possam ser categorizadas usando-se uma simplicidade dualística, ou seja, como seres meramente bons ou maus. Para cada personagem, Evaristo apresenta sempre mais de uma faceta, ou busca causa sociais, históricas e emocionais para explicar os comportamentos, fugindo sempre de conclusões apressadas. Por exemplo, ao descrever o relacionamento de Ponciá com seu marido, jamais a descreve como uma heroína trágica ou o marido como um vilão [...]. Além de apresentar uma trama psicológica e emocional complexa, *Ponciá Vicêncio* retrata e analisa questões sociais e raciais, pois até mesmo o sobrenome “Vicêncio” era herança da escravidão negra.” (p.9-10).

Com efeito, para melhor compreensão da literatura afro-brasileira e de que modo a autora se insere neste contexto, pretende-se demonstrar como essa literatura vem sendo consolidada no Brasil, sendo assim distinta da compreensão que se tem sobre a literatura brasileira. Segundo Eduardo de Assis Duarte (2008), a literatura afro-brasileira é:

Uma literatura empenhada, sim, mas num projeto suplementar (no sentido derridiano) ao da literatura brasileira canônica: o de edificar, no âmbito da cultura letrada produzida pelos afro-descendentes, uma escritura que seja não apenas a sua expressão enquanto sujeitos de cultura e arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundado na *diferença* que questiona e abala a trajetória progressiva e linear da historiografia literária canônica. (DUARTE, 2008, p.22)

Para tanto, recorre-se primeiramente a Maria Nazareth Soares Fonseca (2011), que trata do surgimento de diversas manifestações literárias que ficaram conhecidas como o Renascimento Negro Norte-Americano, nas primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos. Cabe frisar que a explanação acerca desse Renascimento Negro é importante, pois mostra como gradativamente foi se modificando a forma de abordar a temática sobre o negro, até chegar ao entendimento atual da literatura afro-descendente que percebe o negro como sujeito de sua história em escritos afro-identificados.

Assim, segundo Fonseca (2011) o Renascimento Negro Norte-Americano em suas diferentes vertentes, assumiu tanto a produção artístico-literária inspirada pela exclusão dos afrodescendentes, nos Estados Unidos, quanto em questões ligadas à exclusão sofrida pelos negros numa sociedade que apresentava barreiras sólidas para a separação dos indivíduos de pele negra. Daí segundo dizeres de Fonseca é possível afirmar que:

A produção literária de escritores negros, nos Estados Unidos, dos anos de 1920 a 1930, é responsável pela afirmação de uma blackness, uma consciência de ser negro, que fortaleceu a luta pelos direitos civis dos afro-americanos e, certamente, contaminou outros movimentos que surgiram, um pouco mais tarde, na Europa, nas Antilhas, no Caribe e em diferentes regiões da África colonizada (FONSECA, 2011, p. 246).

Além disso, Fonseca (2011) argumenta que essas tendências desenvolvidas pelos movimentos que se espalharam primeiramente nos Estados Unidos e depois em outros espaços da diáspora afro-americana é que irão tornar possível o conceito de literatura negra, além de, definir alguns de seus mais significativos traços como, por exemplo, a celebração de concepções e valores próprios de diferentes culturas africanas, bem como “a busca de uma origem africana, que redundará por vezes na representação de uma África

mítica, imaginada e, até mesmo, na retomada de alguns clichês sobre o exotismo do continente” (FONSECA, 2011, p. 247).

Fonseca (2011) expõe que, nos anos de 1930, em Paris, através das vozes dos escritores norte-americanos que aportavam na Europa, importantes tendências literárias serão afirmadas, nascidas tanto da motivação de denúncia e opressão sofrida pelos afrodescendentes, como do cultivo de uma poesia que assume a ruptura proposta pelo surrealismo e por outras vanguardas que acirravam a contestação à norma literária vigente. Em 1947, surge também, em Paris, explica a autora, a revista *Présence Africaine*, responsável pela grande disseminação de ideias e tendências literárias de intelectuais e escritores africanos na diáspora. Para Fonseca, a expressão poesia negra, tanto dos movimentos do Renascimento Negro Norte-Americano, quanto da Negritude assumiu várias acepções. Expressou tanto o desejo de levar ao público leitor a voz de escritores negros condenados à exclusão, como defendeu um projeto interessado no desvio de modelos literários legitimados e propenso a propor novos caminhos para a literatura.

Desse modo, essas influências externas contribuíram para que no Brasil se pensasse a temática sobre o negro com uma postura compromissada do escritor afro-descendente que utiliza dos seus escritos como forma de insubordinação contra o sistema social vigente e defende o negro como sujeito de sua história. Assim, além dos próprios escritores negros e estudiosos sobre essa temática que auxiliaram na difusão da representação literária do negro brasileiro e o lugar ocupado pelos descendentes de africanos escravizados na sociedade brasileira, podemos destacar ainda a contribuição dos *Cadernos Negros*, lançado em 1978, principalmente em seus primeiros números, que tinham como proposta apagar do corpo negro os estigmas remanescentes do sistema marcados pela pobreza e pela cor da pele.

Assim, podem-se destacar *Cadernos Negros* como um veículo de divulgação dos contos e poesias de autores negros, o que é vital para dar visibilidade para tal temática e servir de amparo para as publicações dos autores, trazendo para estes um reconhecimento sobre seus escritos, uma vez que o mercado editorial da época era muito restrito.

Desta feita, *Cadernos Negros* se afigura como meio de valorização tanto dos escritores negros, como das suas tradições, pois é um instrumento que torna real a

possibilidade de ter nesses escritos a chance de aumentar o alcance de divulgação de suas obras. Por isso mesmo:

Quando Conceição Evaristo procurou a Editora Mazza Edições para que esta publicasse Ponciá Vicêncio, a autora não encontrou resistência ali, talvez porque já fosse conhecida no meio literário por seus poemas e contos publicados em *Cadernos Negros* e por sua obra ser investigada pela crítica nacional e internacional. (LIMA, s.d, p.5).

Nesta passagem percebe-se a relevância que *Cadernos Negros* possuem na vida dos escritores negros, sendo para muitos deles a primeira oportunidade de divulgação de seus trabalhos e a maneira mais rápida de chegar ao público leitor.

Também é analisado por Fonseca que na literatura afro-brasileira

As imagens do negro circulam com intenções que se marcam pela autoconscientização e pela imposição de ampliar o espaço de visibilidade dos negros e de seus descendentes, independentemente da cor da pele, do tipo de cabelo ou da carnadura do corpo. (FONSECA, 2011, p. 266).

Por isso, a autora considera de grande importância às publicações dos textos dos *Cadernos Negros* que, segundo ela, além de apagar os estigmas remanescentes do povo negro, amplia uma reflexão sobre a condição de escrita dos escritores negros, a linguagem em que se expressam a circulação de seus textos e sobre a marginalidade dessa produção.

Além disso, Fonseca (2011) ressalta que, no âmbito das produções publicadas pelos *Cadernos Negros*, muitos escritores e escritoras distendem a questão étnica, através de suas produções literárias, em busca de novos arranjos de linguagem que assumam as matrizes africanas presentes na cultura brasileira. Dentre essas escritoras, Fonseca (2011) enfatiza o papel de Míriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Lia Vieira, Cristiane Sobral, Conceição Evaristo que trazem para seus textos um eu mulher enunciador de visões de mundo que desestabilizam tanto o racismo quanto o sexismo.

Além do que este periódico pode ser visto como “espaço de afirmação consciente de singularização e de afirmação cultural” (PROENÇA FILHO, 2004, p.185), pois o negro

é visto como o sujeito do discurso literário, sendo assim, sujeito sintomático das produções realizadas nesta esfera literária, pois é meio de divulgação da literatura afro-brasileira.

Aliás, como forma de buscar a atenção do leitor para *Cadernos Negros* é que nele as capas devem funcionar como um anúncio publicitário, no sentido de fisgar o leitor pelos olhos, motivá-lo a comprar e ler o que é anunciado. Dessa forma, Florentina da Silva Souza (2006) divide em três fases o projeto dos *Cadernos Negros*, tomando como ponto de partida a “sintaxe” sugerida pelas capas. Segundo a autora:

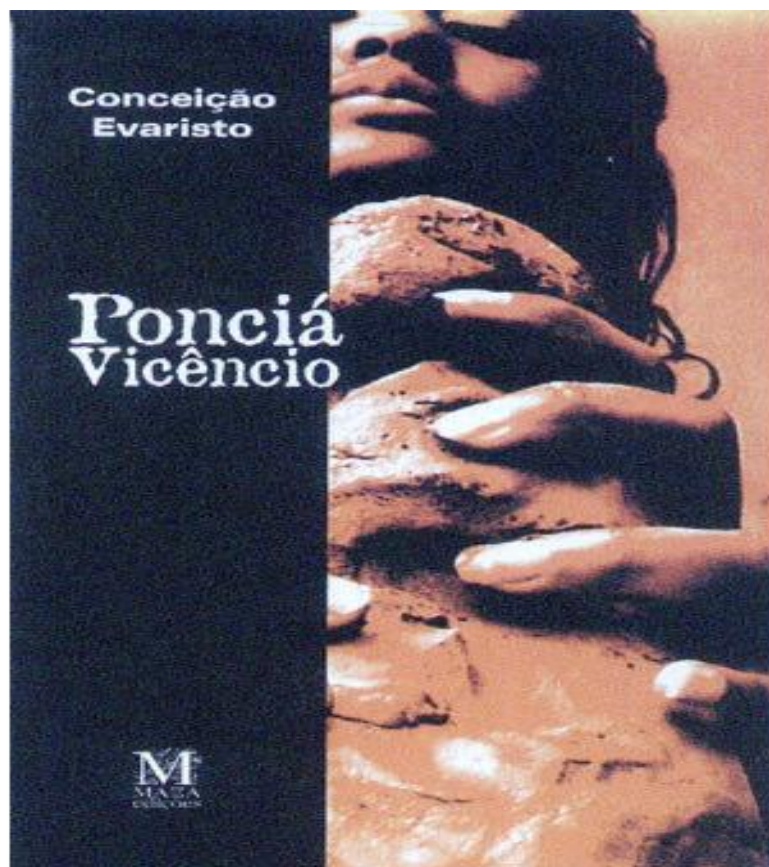
A primeira estaria mais interessada em fazer das capas um instrumento de conscientização e vai até o número 12; a segunda fase compreende os números 13, 14, 15 e 16, cujas capas são compostas a partir do aproveitamento de detalhes de pinturas, máscaras, objetos ligados às artes e às culturas africanas; os últimos números apresentam nas capas fotografias de casais e famílias negras, enfatizando plasticidade dos modelos em atmosfera de afetividade. (SOUZA, 2006, p.99).

Ainda a respeito da estrutura dos periódicos de *Cadernos Negros*, Souza (2006), menciona que as capas se tornaram veículos de propagação da beleza negra, da expressividade do corpo negro, das tradições de origem africana e da disposição do negro para a luta e por um espaço de atuação na sociedade, onde esses desenhos de contra-imagens podem ser observados. De modo que:

As fotos de crianças, mulheres e guerreiros negros deslocam o olhar instituído sobre o Outro e forçam um outro olhar para a diferença, olhar que desafia a tradição ocidental, que exige modelos de apreciação e análise fora dos seus padrões. (SOUZA, 2006, p.103)

Neste contexto, conforme figura abaixo, a capa do romance *Ponciá Vicêncio* mostra uma mulher negra manuseando o barro. Em quase metade da capa aparece uma faixa preta na qual aparece o nome da autora e do romance em destaque. E mais abaixo o nome da editora.

Anexo I— Capa do romance *Ponciá Vicêncio*, publicado em 2003.



Também, em relação às contracapas, Souza (2006) afirma que também elas servem de veículo de propagação da beleza negra, além de ser um recurso de fixação de autoria. Através de publicação de pequenas fotografias dos escritores em cada um de seus números. Segundo a autora:

Rostos negros e mestiços com marcas e traços individuais apontam para a existência também de um discurso afro-brasileiro de caligrafias, sentidos e idéias variadas. Organizadas de modo a sugerir simultaneamente a idéia de conjunto e de individualidade, as fotografias ressaltam rostos e perfis de cada autor representado, também, a diversidade das identidades individuais e do grupo, que se fazem e se refazem diferentemente a cada número e a cada texto dos CN. (SOUZA, 2006, p. 104).

Essa publicação intitulada de *Cadernos Negros* que como já dito começou a ser lançada em 1978 em São Paulo contou com a participação de vários escritores negros provenientes de vários estados brasileiros. Tendo segundo Souza (2006) como participantes, em sua maioria, militantes em entidades ou grupos do movimento negro no Brasil, como o Movimento Negro Unificado, Negricia, Quilombhoje, Unegro, dentre outros.

Frisa-se que somente na edição número treze de *Cadernos Negros* é que foi oportunizada para Conceição Evaristo a publicação de suas poesias, isso já no ano de 1990, em pesquisa feita por Duarte (2011) sobre o levantamento de poesias e contos dessa autora no referido Caderno, nota-se que ela participou de 14 edições entre 1990 e 2000, o que demonstra a importância da veiculação dos escritos dos autores afrodescendentes em *Cadernos Negros*, que se afigura como um incentivador da valorização da cultura negra em suas múltiplas manifestações.

Souza (2006) ressalta que a trajetória de organização editorial do periódico em princípio não faz referência a um grupo organizador. Somente a partir o número 6, de 1983, a organização geral, divulgação e distribuição passam a ser responsabilidade do grupo Quilombhoje. Já no número 14, pela primeira vez é indicada a composição do Quilombhoje: “Cuti, Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa, Sônia Fátima da Conceição e Oubi Inaê Kibuko”. (SOUZA, 2006, p.97). A autora menciona também que no ano de 1994, na publicação do Número 17, a organização geral do Quilombhoje passa a contar com a parceria da editora Anita Garibaldi. “A publicação constitui um importante documento de preservação, daí memória da imprensa e dos movimentos negros no Brasil, uma história ainda a ser escrita”. (SOUZA, 2006, p.98).

Destaca-se que as publicações, como ressalta Souza (2006), são importantes veículos de divulgação e de conservação da memória acerca de uma temática, ainda mais sobre a temática do negro que teve em seus primórdios apenas uma visão deste como objeto em escritos, sobretudo de autores brancos, e só com uma mudança de postura é que se notou um comprometimento na escrita advinda, sobretudo de autores negros, ou seja, aqueles que se afiguram como pertencentes à literatura afro-brasileira e participantes ativos dos *Cadernos Negros*.

Frisa-se, como bem aponta Zilá Bernd (1984), que esta literatura é ainda hoje marginal, porque não encontra apoio nas instâncias de legitimação (editoras), além da negligência de alguns críticos literários que, muitas vezes, consideram-na de terceira categoria, sem ao menos ler; falta de circulação das obras, tendo como consequência um público consumidor restrito.

Por isso, interessante é que se preservem as obras derivadas de autores negros comprometidos em sua escrita, pois é essencial para revelar as nuances específicas da tradição negra, pois percebemos sobre essa literatura afro-brasileira que muitos são os elementos que possuem tratamento diferenciado nesta literatura, um exemplo de acordo com Souza (2006) é o corpo, pois ele na tradição de origem africana tem papel e função bastante diferentes daquele proposto pela tradição ocidental e pela tradição religiosa judaico-cristã. Segundo a autora:

O corpo móvel, elástico e gingado será visto como exótico e imoral por uma cultura na qual é trabalhado, desde a infância, para a imobilidade, tolhido em seus movimentos e na expressão dos seus desejos. A liberdade dos movimentos do corpo e a valorização da sua linguagem são desprestigiados e mesmo reprimidos pelo sistema educacional e religioso ocidental e hegemônico, forçando homens e mulheres a se especializarem na criação de formas de expressão camufladas sob o véu do puritanismo. No entanto, como nos lembra Muniz Sodré⁴ a tradição simbólica de origem africana reivindica a presença ativa do corpo, e somente por meio dele ocorre a expansão do individual concreto. O corpo é, pois, essencial para a expansão da força vital (axé). (SOUZA, 2006, p.102)

Dessa forma, a autora explica que os movimentos negros da diáspora traçaram desenhos identitários que recuperam e valorizam o corpo negro em suas formas e movimentos. Desde então, “em vários espaços da diáspora negra, a representação do corpo negro passa a ser considerado um palco de luta pela construção da identidade negra que desafiam os modos hegemônicos de representação”. (SOUZA, 2006, p. 103).

⁴ Muniz Sodré de Araujo Cabral é professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde desenvolve estudos nas áreas da Comunicação e da Cultura há mais de três décadas. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2013/07/entrevista-muniz-sodre-relembra-sua-trajetoria-academica.html>. Acesso: 25 de Nov. de 2013.

No caso de *Ponciá Vicêncio* pode-se falar da representação do corpo negro feminino, em especial. Verifica-se que no início da narrativa, havia por parte da protagonista certa preocupação em permanecer-se mulher. Como se observa no trecho abaixo:

A menina “[...] passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda. Lá estava os seinhos, que começavam a crescer. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma saliência a não ser os pelos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina”. (EVARISTO, 2003, p.13)

Além disso, Souza (2006) expõe que, a linguagem utilizada é predominante de apelo e persuasão, já que o objetivo é mobilizar o leitor para reagir às situações de discriminação e racismo tão recorrentes. Neste contexto, Maria José Somerlate Barbosa (2003) afirma sobre o romance de Conceição Evaristo que:

Escrito de dentro para fora, Ponciá Vicêncio apresenta muitas das mesmas qualidades da poesia lúcida e insone da autora. Eu costumava dizer que a poesia de Conceição Evaristo é uma poesia de vísceras, profundamente marcada por palavras escolhidas a dedo e pelo impacto verbal e emocional que causa nos leitores. Depois de ler Ponciá Vicêncio, passei a crer que há uma grande proximidade entre sua poesia e prosa. Se as travessias ontológicas e hermenêuticas dos seus textos narrativos parecem mais suaves do que os que encontramos na sua poesia, tanto em um como em outro caso, os significados embutidos nas entrelinhas são bastante complexos e acabam nos remetendo às profundas buscas que as personagens fazem de si mesmas e ao questionamento do mundo ao seu redor. É muitas vezes a sutileza do que não foi dito ou explicado, ou aquilo que foi narrado apenas de soslaio que anuncia os processos de travessia emocional dos personagens e que enriquece o texto. (p.11-12).

Cabe ressaltar que para a configuração do que se entende por literatura afro-brasileira algumas constantes discursivas têm sido utilizadas. Neste contexto, destacamos o pensamento de Duarte (2008), pois ele trata da consolidação acadêmica dessa literatura enquanto campo específico de produção. Segundo esse autor, no século XXI, a literatura afro-brasileira passa por um momento de grandes realizações e descobertas, de forma a ampliar seu *corpus*, tanto na prosa, como na poesia. Porém, explica o autor, quando se refere ao seu diálogo com a literatura brasileira a história é outra, mas apesar de muitos na

academia indagarem sua existência, a literatura afro-brasileira “não só existe como está presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo, não só existe como é múltipla e diversa”. (DUARTE, 2008, p. 11).

Neste trabalho, assumem-se as constantes discursivas elencadas por Duarte (2008) como critérios de configuração da literatura afro-brasileira, sendo elas: a *temática* - onde “o negro é o tema principal da literatura negra” (Octavio Ianni *apud* Duarte, 2008, p.12). A *autoria* - uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro. O *ponto de vista* - a escrita afro-brasileira deve estar identificada à história, à cultura, a problemática do negro. A *linguagem* - esta deve ser constituída de uma discursividade específica, marcada por um vocabulário oriundo da África e inserido no processo transculturador em curso no Brasil. Um *público leitor* - leitores afro-descendentes como fator de intencionalidade ausente do projeto que norteia a literatura brasileira em geral. O autor explica que quaisquer umas destas constantes isoladas são insuficientes para propiciar o pertencimento à literatura afro-brasileira.

Conforme palavras do próprio Duarte (2007), o romance Ponciá Vicêncio:

Se entendido como texto de autoria afrodescendente, tratando de tema vinculado à presença desse segmento nas relações sociais vividas no país, a partir de uma perspectiva identificada politicamente com as demandas e com o universo cultural afro-brasileiro e destacando ainda o protagonismo negro nas ações, em especial aquelas em que se defronta com o poder e com seus donos, não há dúvida de que Ponciá Vicêncio não só preenche tais requisitos, como ocupa o lugar supostamente vazio do romance afro-brasileiro. (DUARTE, 2007, p.27).

Portanto, neste trabalho adota-se esse posicionamento de Duarte (2008) que se encaixa perfeitamente ao romance Ponciá Vicêncio, pois este se amolda a noção de literatura afro-brasileira, mencionada por este autor, visto que se trata de um romance escrito por uma mulher negra, com personagens negros, no qual a autora discute temas relacionados ao negro e principalmente à condição da mulher negra no cenário brasileiro. Alguns temas que se destacam também neste romance são: discriminação, limitações sociais sofridas principalmente pelas personagens Ponciá Vicêncio e Bilisa, resgate da cultura negra, valorização dos saberes populares, respeito pelos ancestrais, entre outros.

Duarte (2008) chega à conclusão de que, a partir da conjunção desses cinco elementos, poderia se verificar a existência da literatura afro-brasileira em sua plenitude. Dessa forma:

[...] temos uma produção que está *dentro* da literatura brasileira, porque utiliza da mesma língua, e, praticamente, das mesmas formas, gêneros e processos (procedimentos) de expressão. Mas que está *fora* porque, entre outros fatores não se enquadra na ‘missão’ romântica, tão bem detectada por Antônio Candido, de instituir o advento do espírito nacional. [...] Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundado na diferença que questiona e abala a trajetória progressiva e linear da historiografia literária canônica. (DUARTE, 2008, p.22)

Ainda segundo o autor, o romance *Ponciá Vicêncio* consiste em um texto de autoria afrodescendente, que traz como tema à presença desse segmento nas relações sociais vividas no país, a partir de uma perspectiva identificada politicamente com as demandas e o universo cultural afro-brasileiro. Além de destacar o protagonismo negro nas ações, principalmente no que se refere à questão do poder. O referido romance também destaca o universo feminino de onde emana um olhar outro e uma discursividade específica.

De acordo com Marcos Antônio Alexandre (2007), a produção textual de Conceição Evaristo é demarcada de escrevivência, porque põe em cena, sob uma perspectiva feminina, a afro-identidade, problemas do cotidiano de mulheres negras, conectando sua literatura às raízes étnicas. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*, de Conceição Evaristo, ela conta que a leitura desde a adolescência foi um meio de suportar o mundo, uma vez que lhe proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que vivia, assim como a escrita, como se observa no trecho a seguir:

Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares, eu inventava um outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto-afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra. (EVARISTO, 2007, p.20).

Por isso, é importante atentar para a forma como é retratada a figura do negro nas obras literárias. Para Domício Proença Filho (2004), evidenciam-se dois posicionamentos na trajetória do negro na literatura brasileira: *a condição do negro como objeto*, numa visão distanciada, e *o negro como sujeito*, numa atitude compromissada. A visão distanciada aparece em textos nos quais o negro ou o descendente do negro é representado de forma estereotipada, indicando ideologias e atitudes da estética branca dominante.

Segundo Proença Filho (2004), embora a matéria negra só ganhe presença mais significativa a partir do século XIX, surge na literatura brasileira desde o século XVII, nos versos satíricos e demolidores de Gregório de Matos, imagens estereotipadas, tais como o escravo nobre, o negro infantilizado, o escravo demônio, o negro pervertido. A figura do negro exilado na cultura brasileira prevalece na literatura contemporânea pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir textos compromissados com a real dimensão da etnia. Somente a partir da década de 80, começa a surgir obras preocupadas em resgatar a figura do negro.

Para esse autor a Literatura Negra é aquela feita por negros ou por descendentes assumidos de negros, que revelam visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições sociais e históricas condicionadoras, estão ligadas por um intuito claro de singularidade cultural. E explica, “*Lato sensu*, será negra a arte literária feita por quem quer que seja, desde que centrada em dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 185).

Sendo assim, o autor argumenta que o exercício da literatura associa-se aos movimentos de afirmação do negro, a partir de uma tomada de consciência de sua situação social, seja no espaço dos povos da África, seja no domínio da diáspora africana, e conduz à preocupação com a singularidade cultural mencionada. Além disso, o negro brasileiro como os demais grupos étnicos é parte da comunidade que fez e faz o país. Proença Filho ressalta ainda que:

A arte literária compromissada precisa ser arte literária antes de ser compromissada, sob pena de descaracterizar-se e perder seu poder de repercussão mobilizadora. [...] Há que considerar a literatura como lugar de afirmação e singularização de identidades múltiplas e várias, mas

integradas no tecido da arte literária brasileira e universal. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 187).

Por isso, conclui Proença Filho (2004) muito mais pertinente e apropriado, quando se leva em consideração o propósito de afirmação da etnia é que, em lugar da literatura negra, defenda-se a referência à presença do negro ou da condição negra na literatura brasileira.

Vê que o conceito de literatura negra de Proença Filho se distingue do conceito de Literatura afro-brasileira dado por Duarte (2008). Nota-se que o primeiro entende que a autoria da literatura negra pode ser feita por qualquer pessoa, não precisando pertencer a um grupo específico, o importante nesta visão é que a temática seja centrada no negro. Em contrapartida, o segundo considera que, de acordo com as constantes discursivas que configuram a literatura afro-brasileira, especialmente no que se refere à autoria, a escrita deve ser proveniente de um autor afro-brasileiro ou descendente deste. Disto isto, fica evidente que a distinção do termo utilizado pelos referidos autores não ocorre por acaso.

Contudo, apesar de neste trabalho assumir as constantes discursivas apresentadas por Duarte (2008), como critérios de configuração da literatura afro-brasileira. Recorre-se ao posicionamento evidenciado por Proença Filho (2004), no que se refere ao posicionamento de mostrar o negro, numa atitude compromissada em sua trajetória na literatura brasileira. A “representação do negro como objeto agrega valores e visões forjadas no âmbito da escravidão, interessadas em afirmar a inferioridade dos negros ou a sua condição instintiva – propensos à submissão e/ou à violência”. (FONSECA, 2011, p.255). Assim, acredita-se que o posicionamento de mostrar o negro enquanto sujeito de sua própria história enfatizado por Proença Filho (2004), complementa as cinco constantes discursivas mencionadas por Duarte (2008), citadas anteriormente neste trabalho, sendo que nos diversos escritos literários que assumem tal posicionamento os negros são “centrados na temática e na tomada de posição” (PROENÇA FILHO, 2004, p.179).

Neste contexto, observa-se no romance *Ponciá Vicêncio*, a história do Vô Vicêncio contada por Luandi, a sua irmã Ponciá, “a história do braço cotó de Vô Vicêncio” (EVARISTO, 2003, p.51), demonstra uma posição de revolta, dor e sofrimento em virtude de um sistema da época que aniquilava, excluía e, principalmente, explorava a mão de obra

negra. “[...] Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se auto-flagelar decepando a mão.” (Evaristo, 2003, p. 51). Esta atitude do avô de Ponciá representa um grito de indignação contra um sistema de escravidão.

Dessa forma, Evaristo assevera através dos seus escritos, que o negro não se silencia, ao contrário mostra traços de ruptura com uma posição de preconceito e exclusão, e por vezes de denúncia contra o mesmo. Assim, vê-se no romance *Ponciá Vicêncio* que:

Depois Nêgua Kainda olhou os trajes de Luandi e deu de rir, mas com os olhos. Ria dizendo que o moço estava num caminho que não era o dele. Que estava querendo ter voz de mando, mas de que valera mandar tanto, se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse o eco encompridado de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia, sim, se peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus. (EVARISTO, 2003, p.94)

Nota-se que no romance *Ponciá Vicêncio* (2003), Conceição Evaristo retrata o negro enquanto sujeito, sendo este valorizado nos seus traços culturais, ritos e crenças, trazendo assim para o conhecimento do leitor as reais vivências por estes experimentadas, ou seja, aqui o negro é retratado como sujeito da sua própria história, como forma de preservar reconstituir e reorganizar a história do negro, desvencilhando da história oficial, pois aqui a perspectiva é da história do negro contada pelo negro e não mais a história do opressor, mas sim a visão do oprimido. Dessa forma, Evaristo “apresenta uma personagem que ‘escuta os passos’ do passado e que se compraz com a memória rica, os laços perdidos, os afetos que se esvaíram, a saudade do que já se foi e a solidão do que não foi dito”. (BARBOSA, 2003, p.11).

Dito isto, a teoria de Duarte (2008), somando ao posicionamento mencionado por Proença Filho (2004), de tratar *o negro como sujeito*, numa atitude compromissada, vem de encontro ao objeto de estudo deste trabalho, que traz como tema o resgate da memória de um povo negro, sofrido que foi abdicado de sua identidade enquanto sujeito ativo na construção de um país, além de, se tratar de uma reivindicação feita por uma mulher negra que sente ou já sentiu na própria pele, as marcas do preconceito, em uma sociedade marcada pelo mito da democracia e que tem em sua origem uma formação patriarcalista.

Assim, compreender esse percurso pelo qual passou a literatura afrodescendente desde a contribuição do Renascimento Negro até os dias atuais é importante para o conceito de literatura afro-brasileira, pois o material da crítica literária sobre esse assunto é ainda muito escasso no Brasil e esses subsídios teóricos auxiliam em uma melhor compreensão da transformação que se efetuou no plano dos estudos sobre o negro.

Desse modo, entendendo como relevante a literatura afro-brasileira, e destacando como vital para a valorização étnica deste grupo a questão identitária, abordar-se-á no próximo tópico os apontamentos inseridos na obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo que revelam representações identitárias que enfatizam a etnia e também a importância do gênero feminino para os negros.

CAPÍTULO 2

Gênero e Identidade: a mulher negra em *Ponciá Vicêncio*

Não digam que fui rebotinho, que vivi à margem da vida. Digam que eu procurava trabalho, mas fui sempre preterida.
(Quarto de despejo, Carolina Maria de Jesus).

Neste capítulo, discorre-se sobre os apontamentos acerca do negro no Brasil, a partir de discussões que giram em torno o surgimento de novas identidades, que ocasionaram o surgimento de novos movimentos sociais, especialmente os movimentos feministas para, a partir daí analisar no romance *Ponciá Vicêncio* a relação das representações identitárias que valorizam a etnicidade e o papel da mulher negra na cultura afro-brasileira.

Para Stuart Hall (2000), o conceito de identidade desenvolvido não é um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional, ou seja, esta concepção de identidade “não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, ‘o mesmo’, idêntico a si mesmo ao longo do tempo” (HALL, 2000, p. 108). Na modernidade tardia, essas concepções aceitam que a identidade não é unificada, que elas estão cada vez mais fragmentadas e fraturadas. Além disso, elas não são singulares, mas múltiplas construídas ao longo de discursos, práticas e posições que se cruzam ou podem ser antagônicas. “As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.” (HALL, 2000, p. 107-108).

Ainda segundo o autor é preciso relacionar as discussões sobre identidade aos processos e práticas que têm perturbado a estabilidade de muitas populações e culturas. Dessa forma:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para produção não daquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios. (HALL, 2000, p.108-109)

Elisa Larkin Nascimento (2003) afirma que, a identidade pode vista como um entrelaçamento entre indivíduo e sociedade que se constituem mutuamente. De forma que, “a pessoa realiza esse processo por meio de sua própria experiência de vida e das representações da experiência coletiva de sua comunidade e sociedade, apreendidas na sua

interação com os outros”. (NASCIMENTO, 2003, p.31). Sendo assim, a identidade coletiva, segundo a autora:

Pode ser entendida como o conjunto de referenciais que regem os inter-relacionamentos dos integrantes de uma sociedade ou como o complexo de referenciais que diferenciam o grupo e seus componentes dos “outros”, grupos e seus membros, que compõem o restante da sociedade. (NASCIMENTO, 2003, p.31)

Por isso, na evolução da questão da identidade, ela acredita que a atuação dos movimentos “anticolonialistas, feministas e de minorias ou majorias oprimidas dentro de sociedades plurais” (NASCIMENTO, 2003, p33), tem sido de fundamental importância.

Ao fazer um paralelo entre as ideias de Hall e de Nascimento percebe-se que, o resgate dos recursos históricos, da linguagem e da cultura de um povo, está diretamente relacionado, à sua representação enquanto sujeito. De forma que, a pessoa realizará esse processo por meio de sua própria experiência de vida e das representações apreendidas na sua interação com os outros de sua comunidade e sociedade em que vivem.

Neste contexto, Conceição Evaristo expõe que a gênese de sua escrita está no acúmulo de tudo e ouviu desde sua infância:

[...] creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossas casas e adjacências. Dos fatos contados a meia voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados, eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite. (Evaristo, 2007, p.19)

Ou seja, através do acúmulo das palavras, histórias, e vivências com de outras pessoas, a autora constrói sua história, por meio da escrita. “[...] a autora demonstra seu testemunho

de resistência, individual, a princípio, e coletiva, contra, pelo menos, uma tripla exclusão: a racial, a de gênero e a de classe”. (ARRUDA, s.d., p.1)

A respeito da fragmentação do homem moderno, Stuart Hall (2006) afirma que, “As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. (HALL, 2006, p.7). Dessa forma, o autor nos alerta para um deslocamento das estruturas e processos centrais que abalam os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social causando assim a “crise de identidade”.

Segundo o autor, alguns teóricos acreditam que as identidades modernas (séc. XX) estão entrando em colapso, de forma a fragmentar as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas”. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2006, p.10-13)

Daí argumenta Hall, a principal distinção entre as sociedades tradicionais e as modernas, as sociedades modernas são de mudança constante, rápida e permanente. Alguns argumentam que o nascimento do “indivíduo soberano”, entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, foi o motor que colocou todo o sistema social da modernidade em movimento, representando assim uma ruptura importante com o passado. Então, emergiu uma concepção mais social do sujeito.

Para Hall, o indivíduo passou a ser visto como mais localizado e definido no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna. A tese de que as identidades modernas estão se fragmentando, sustentam não somente sua

desagregação, mas seu deslocamento. Deslocamento que ocorrem através de uma série de rupturas nos discursos modernos. Um exemplo desses movimentos é o movimento feminista surgido nos anos 60, as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado a 1968, foi o grande marco da modernidade tardia.

Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecida como a política de identidade _ uma identidade para cada movimento. Mas o feminismo teve também uma relação mais direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico: Ele questionou a clássica distinção entre “dentro” e o “fora”, o “privado” e “público”. O slogan do feminismo era: “o pessoal é político”; Ele abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc. Ele também enfatizou, como uma questão política social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas); aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero; o feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a “Humanidade”, substituindo-a pela questão da diferença sexual. (HALL, 2006, p.34-46)

Conforme Hall (2006), “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (p.49-50). Dessa forma, assevera Hall (2006), a cultura nacional se tornou uma característica essencial da industrialização e um dispositivo da modernidade. Uma vez que, a formação de uma cultura nacional contribui para criar padrões de alfabetização universais, generaliza uma única língua, como o meio dominante de comunicação em toda a nação, cria uma cultura homogenia e mantém instituições culturais nacionais.

Neste contexto, no romance *Ponciá Vicêncio* observamos que há uma busca pela identidade perdida, a começar pelo sobrenome de Ponciá que “[...] tinha vindo antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio”. (EVARISTO, 2003, p.29).

Dessa forma, Ponciá ao regressar à casa da mãe, em busca dos seus, a encontra vazia. Assim, esse processo de concretização da busca de identidade de Ponciá, que se encontra no laço familiar e se concretizará somente ao final da narrativa.

Na noite em que aconteceu o regresso, Ponciá Vicêncio não dormiu. Viveu o tempo em que era tomada pela ausência e quando retornou a si, ficou apenas deitada escutando. Escutou na cozinha os passos dos seus. Sentiu o cheiro de café fresco e de broa de fubá feitos pela mãe. Escutou o barulho do irmão [...] Escutou as toadas que o pai cantava. [...] Escutou, e o que mais escutou, e o que profundamente escutou foram os choros-risos do homem-barro que ele havia feito um dia. [...] a dor da ausência da mãe e do irmão aconteceu mais forte ainda”. (EVARISTO, 2003, p. 57).

Portanto, conforme expõe Fonseca (2010), esses padrões em sua maioria carregam consigo visões deformadas criadas pelo europeu colonizador, que dificulta o desenvolvimento da identidade dos brasileiros afrodescendentes. Sendo assim, “em função desse processo de desvalorização da pessoa negra, os afrodescendentes tendem a introjetar a visão dominante de mundo branco, visto como superior devido às relações hierárquicas e poderes de raiz histórica que instituíram o poder do branco sobre eles”. (STRINGHINI, 2008, p.3). Pois são nocivos nos relacionamentos pessoais que associam traços de inferioridade e outros valores negativos, em suas construções simbólicas, em relação aos indivíduos diferentes. Assim, “a ideia de branqueamento implica em denegação do ser e do existir negro num país de racismo camuflado como o Brasil”. (DUARTE, s.d. p.11)⁵.

À respeito disto, Paul Gilroy (2001) afirma que, os pontos críticos que dominaram as lutas políticas dos europeus negros, “como forçar governos a reconhecerem o enraizamento e a mistura e como defender a diferença que eles provocam em termos de cidadania” (p.10), parecem irrelevantes num lugar em que o prejudicial ideal de pureza tem um sentido frouxo em relação à política cultural e em relação diferente com as ideias de raça e de identidade nacional.

Segundo Kathryn Woodward (2000), “os homens tendem a construir posições de sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência”. (WOODWARD, 2000, p.10). De modo que, a identidade é marcada pela diferença, porém

⁵ DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e Afro-descendência**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/artigoeduardoafrodescendencias.pdf>. Acesso em: 12 nov 2013.

algumas diferenças entre grupos étnicos são mais importantes que outras, principalmente em lugares e momentos particulares. E “uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos”. (WOODWARD, 2000, p.11).

De acordo com a autora através de um argumento sobre o passado e a reafirmação de uma verdade histórica pode surgir uma nova posição de sujeito do guerreiro do século XX, que tenta defender e afirmar o sentimento de separação e de distinção de sua identidade nacional no presente. E continua, essa redescoberta do passado faz parte do processo de construção da identidade do presente, e pode ser caracterizada por um conflito, uma contestação e/ou uma crise.

Diante disto, nota-se no romance *Ponciá Vicêncio*, que:

A menina ouvira dizer algumas vezes que Vô Vicêncio havia deixado uma herança para ela. Não sabia o que era herança, tinha vontade de perguntar e não sabia como. Sempre que falavam dele (falavam muito pouco, muito pouco) a conversa era baixa, quase cochichada e quando ela se aproximava, calavam. Diziam que ela se parecia muito com ele em tudo, até no modo de olhar. Diziam que ela, assim como ele, gostava de olhar o vazio. Ponciá Vicêncio não respondia, mas sabia para onde estava olhando. Ela via tudo, via o próprio vazio”. (EVARISTO, 2003, p.29)

Assim, a personagem Ponciá Vicêncio, sabe que precisa, no percurso da sua vida resgatar algo, mesmo que, em princípio, a menina não saiba exatamente o que, ou seja, do que se trata a herança deixada por Vô Vicêncio para ela. Dessa forma, entende-se que, conforme Hall (2006) afirma que a identidade não é algo acabado, com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.

Neste sentido, a Woodward (2000) afirma que, as identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais, quanto nos sistemas simbólicos. Um exemplo disso são os chamados “novos movimentos sociais”, os quais têm se concentrado em lutas em torno da identidade. Que se caracterizam por se apagarem das fronteiras entre o pessoal e o político, para adaptar o *slogan* feminista. Desse modo, argumenta a autora:

As lealdades políticas tradicionais, baseadas na classe social, foram questionadas por movimentos que atravessam as divisões de classe e se dirigiam às identidades particulares de seus sustentadores. [...] A política de identidade era o que definia esses movimentos sociais, marcados por uma preocupação profunda pela identidade: o que ela significa, como ela é produzida e como é contestada. (WOODWARD, 2000, p. 33-34)

Em relação a esses movimentos sociais, verifica-se que “quase todo texto narrativo de Conceição enfatiza a fortaleza de espírito e de corpo das mulheres e a criatividade como uma fonte geradora de mudanças sociais”. (BARBOSA, 2003, p.10). Nesta perspectiva, vê-se em *Ponciá Vicêncio*, a atitude da mãe de Ponciá, Maria Vicêncio, quando soube da morte do seu marido. “mulher, quando avistou o vulto do filho sozinho, saiu desesperada ao encontro dele. Abraçou o menino e depois, lenta e solenemente, abraçou o vazio como se estivesse abraçando alguém. Não perguntou nada. Sabia de tudo”. (EVARISTO, 2003, p.31). Apesar, da dor, que sentia em perder o marido a mulher demonstra sua fortaleza de espírito em continuar a vida, pois sabia que havia um longo percurso pela frente.

Além disso, Conforme palavras da própria Evaristo, sua proposta de contestação são as vias da lembrança. Para ela, falar e ouvir eram talvez o único remédio para mazelas em que ela e as outras mulheres se apoiavam.

Falar e ouvir entre nós era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeiro a dos patrões, depois a dos homens, seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça” da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e, mormente, para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo. (EVARISTO, 2007, p.20).

Assim, no romance *Ponciá Vicêncio*, as lembranças e relembrações aparecem como forma de alertar Ponciá, sobre os casos infelizes, as histórias de fracasso daqueles que partiram para a cidade, apesar da moça, já está decidido a partir. Dessa forma,

A vida se tornava pior do que na roça. Ela sabia de muitos casos tristes, em que tudo havia dado errado. Procurou se lembrar de algum que tivesse

tido um final feliz. Não lembrou. Esforçou mais não atinou com nenhum. Não esmoreceu. Relembra tanto, falavam tanto daqueles casos tristes, que até ela só se lembrava deles. Não tinha importância. O caso dela, quando voltasse para buscar os seus, haveria de ser uma história de final feliz. (EVARISTO, 2003, p. 37).

Do mesmo modo, da leitura em *Ponciá Vicêncio*, percebe-se que há um processo que nos leva às vias das lembranças.

Ponciá nos arrasta consigo pelo processo de lembrar. O pai, que, a princípio, era uma vaga figura ou o avô de quem só se lembrava do ‘braço cotó’ ou do enterro, vão ganhando formas mais definidas à medida que a voz narrativa permite ao leitor se esgueirar com a protagonista pelos meandros da sua memória para compartilhar com ela as amargas ausências e desencontros, mas também para vivenciar com ela os seus sonhos, a sua coragem e a profunda ternura das relações familiares. (BARBOSA, 2003, p.8)

Portanto, Woodward (2000) reitera que, essas políticas de identidade concentram-se em afirmar a identidade cultural de pessoas que pertencem a grupos oprimidos ou marginalizados. Elas têm a ver com o recrutamento de sujeitos por meio do processo de formação de identidades. Segundo a autora, esse processo dá-se pelo apelo às identidades hegemônicas, como pela resistência dos “novos movimentos sociais”, uma vez que, coloca em jogo identidades que não têm reconhecimento, que estão fora da história ou que têm ocupado espaços às margens da sociedade. Neste contexto, Fonseca (2011), afirma que Evaristo trabalha de forma marcante o universo feminino recolhendo em seus escritos, “as lágrimas e as ‘molhadas lembranças’, material que fecunda a sua poética”. (p.271).

Nota-se que a identidade é resultado de um processo histórico-cultural. E que nossa identidade social se constrói a partir do outro, daquilo que é diferente. “E essa identidade social será construída a partir de elementos históricos, culturais, religiosos, e psicológicos”. (CARNEIRO, 1989, p.9). Com o intuito de analisar a atuação das mulheres negras brasileiras na literatura afro-brasileira e a partir daí compreender a construção da personagem Ponciá Vicêncio no romance analisam-se textos teóricos que tratam da identidade feminina, discriminação da mulher negra no cenário brasileiro e a herança identitária de Ponciá Vicêncio.

Sendo a afirmação da identidade pelo negro, a busca de autodefinição:

A poesia negra é, em geral, pontuada por metáforas de ‘invisibilidade’, ‘inaudibilidade’, reveladoras desta procura de identidade que corresponde a uma exigência ativa e poderosa do homem ser visto e ouvido, reconhecido e encarado com um indivíduo com uma opção. (BERND, 1987, p.39)

Dessa forma, no plano literário, segundo palavras de Zilá Bernd (1987), o poeta surge como um mediador e, a poesia negra carrega consigo a função reveladora e integradora ao mostrar o mundo branco pelo avesso, criando um espaço dialógico no contexto da poesia brasileira. “A poesia negra está duplamente vinculada à questão da identidade: ela se origina da consciência de sua perda, da fenda que se cria quando o poeta se descobre desenraizado, e se desenvolve pela busca de sua reconstrução”. (BERND, 1987, p. 41).

Nesta perspectiva, observa-se no romance a ideia de inferioridade, demonstrada por Evaristo, quando Luandi fica surpreso ao vê o Soldado Nestor, pela primeira vez na estação.

[...] Acabava de fazer uma descoberta. A cidade era mesmo melhor do que na roça. Ali estava a prova. O soldado negro! Ah! que beleza! Na cidade, negro também mandava! [...] Chegando lá, o soldado negro chamou outro soldado. Veio um branco. Ele mandou que o branco guardasse Luandi na cela. Só trancasse o preso, não fizesse nada... Luandi conclui que o soldado negro era mesmo importante. Era ele quem mandava.

[...] Luandi só queria ser soldado. Queria mandar. Prender. Bater. Queria ter a voz alta e forte como a dos brancos. (EVARISTO, 2003, p. 70-71)

Além disso, no romance é interessante notar, a afirmação de uma identidade feminina, bem como uma identidade racial com a valorização do negro, assim é “possível refletir a necessidade de que, para além da identidade de gênero, possamos elencar outros componentes socioculturais para poderem ser analisados nos textos de Conceição Evaristo, como por exemplo, as questões de raça e classe” (DIOGO, 2010, p.2).

Cabe ressaltar que “a identidade é também algo que se constrói em oposição a alguma coisa, pressupondo portanto, o outro” (CARNEIRO, 1989, p.9). Neste contexto, a personagem Ponciá Vicêncio é apresentada por Conceição Evaristo, no romance, como forma de tratar de questões sociais e raciais, a começar pelo seu próprio sobrenome que foi herdado do “dono dos seus bisavôs”, na época da escravidão negra.

Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha, então, vontade de choros e risos. [...] Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. Ele [o marido] teve medo, muito medo. De manhã, ela parecia mais acabrunhada ainda. Pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele, espantado, perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamá-la de nada. (EVARISTO, 2003, p.19-20).

Observa-se neste trecho que é nítida a angústia de Ponciá Vicêncio que não se achava em seu próprio nome. Assim como, muitas mulheres afro-brasileiras não se acham representadas em projetos ou movimentos feministas que, assim como, “os movimentos sociais” mencionados, por Woodward (2000), são criados com o intuito de afirmar à identidade cultural de pessoas que pertencem á grupos oprimidos ou marginalizados, como forma de resistência as forças que os colocam às margens da sociedade. Contudo, esses movimentos, em especial, os feministas, criados em prol da igualdade entre homens e mulheres, e principalmente na inclusão desta como cidadã, não representa a mulher negra. Este assunto será tratado de forma mais aprofundada, mais adiante deste capítulo.

Portanto, no romance *Ponciá Vicêncio*, não é por acaso que o sobrenome Vicêncio, herdado do dono dos escravos, antepassados de Ponciá, se encontra também no título do romance em análise, pois isso aparece como forma de mostrar a inferiorização imposta ao negro. Assim:

Ponciá nos narra que o Vicêncio de seu nome, e que todos de sua família também adotam, representa um fardo sobre as suas costas. E esse sobrenome se mostra, não em vão, também no título do livro. É um sobrenome herdado do dono de seus antepassados e que substituiu a tradicional tatuagem com o nome do dono no corpo do escravo. O sobrenome Vicêncio se mostrou tão doloroso quanto a tradicional tatuagem que os senhores mandavam fazer nos possuídos. Por toda a vida representará a marca da subalternidade de uma raça. (SANTANA, 2013, p.5)

Dado que, o sobrenome Vicêncio representa-lhe “lâmina afiada a torturar-lhe o corpo” (EVARISTO, 2003, p.29), uma marca de dominação do branco sobre o negro, pois apesar deste não ser-lhe marcado na pele, representa a posse do dono das terras, onde por longos anos, os negros foram escravizados e seus descendentes, na ausência de perspectivas, continuam sendo explorados. Assim, “A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida”. (EVARISTO, 2003, p.83).

Deste modo, em *Ponciá Vicêncio*, por exemplo, segundo palavras de Duarte, de início a protagonista surge despojada do nome de família:

Pois o ‘Vicêncio’ que todos os seus usam como sobrenome provém do antigo dono da terra e era como ‘lâmina afiada a torturar-lhe o corpo’. Essa marca de subalternidade, que denuncia a ausência entre os remanescentes de escravos dos mínimos requisitos de cidadania, estende-se pelo penoso circuito de vazios e derrotas no qual tanto a menina quanto a mulher vão sendo alijados dos entes queridos e de tudo o que possa significar enraizamento identitário. (DUARTE, 2007, p.26).

Assim, por carregar esse sobrenome se nota a reificação e desprestígio do negro, pois é visto como objeto pelo dono das terras, e deste modo, nem mesmo um sobrenome próprio lhe é garantido, ficando nele a marca de uma escravidão que se posterga mesmo após o seu fim oficial, pois sua autonomia é limitada.

Portanto, percebe-se que essa falta de reconhecimento de si no sobrenome herdado de seus antepassados mostra uma reconstrução de uma identidade própria, por uma história que seja dela e não daqueles para os quais trabalha, demonstra a busca dela mesma por uma lógica de pertencimento que não é encontrada neste sobrenome, pois ele não deriva de seu povo e sim dos dominadores.

Nota-se que essa dominação do negro pelo branco faz com que este primeiro se sinta inferiorizado e não encontre meio de mudar as condições de sua vida mesmo após a escravidão. Assim, segundo Bernd (1984) é possível perceber que a sensação de não ser igual ao outro, de ser inferior, faz com que exista uma tomada de consciência da existência de dois mundos: o branco e o negro e em meio a esse dilaceramento que provoca falta de identidade, de modo que:

Com a evocação das origens, dá-se o despertar; a conscientização de que ‘aqueles’ são seus irmãos e de que juntos poderão realizar a ‘volta ao país natal’, redescobrir as raízes. Surge, assim, a canção da negritude: como afirmação dos valores negros, como desejo de recuperar o orgulho de ser negro. (BERND, 1984, p.11).

Por isso, o pai de Ponciá Vicêncio sentindo a diferença destes dois mundos, mesmo não sendo escravo viveu da mesma maneira que seus familiares, sem perspectiva de mudança. Assim ele:

[...] filho de ex-escravo, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas (EVARISTO, 2003, p. 14).

Nesta passagem resta evidente que o filho do branco tinha em si incutido que sua raça era superior e o negro, não precisava ser respeitado, tanto é assim que ele tratava com menosprezo o pai de Ponciá que era seu pajem, humilhando-o e lhe causando sofrimento, o que mais do que uma visão individual revela uma crença geral de superioridade do homem branco, própria da mentalidade da época e repassada para as futuras gerações que crescem impregnadas com o mesmo pensamento.

Assim, como a maioria da elite da sociedade era branca os trabalhos inferiores ficaram a cargo dos descendentes dos escravos, de modo que apesar de possuírem liberdade, não detinham autonomia e estavam novamente a oferecer sua mão de obra barata para os mesmos donos de terras que antes eram os donos de escravos, de forma que a estrutura social que dá ao negro um lugar inferior se mantém, o que é evidenciado na

passagem abaixo da obra, em que, o pai de Ponciá questiona ao seu pai (Vô Vicêncio) sobre a permanência deles nas terras que antes eram ocupadas pelos escravos, veja:

[...] Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? [...] O homem não encarou o menino. Olhou o tempo como se buscasse no passado, no presente e no futuro uma resposta precisa, mas que estava a lhe fugir sempre. (EVARISTO, 2003, p. 17-18).

Neste fragmento é patente a indignação do filho pela manutenção do regime de semiescravidão mesmo com a liberdade que possuíam, de modo que, apesar de receberem salários pelos seus trabalhos ainda havia a exploração e discriminação pela cor de sua pele e uma posição desfavorável dos mesmos em relação à elite branca.

Deste modo, pode-se dizer que as condições tanto sociais quanto econômicas desses descendentes de escravos permanecem inalteradas, visto que eles continuam submissos à elite branca que é detentora do poder e não conseguem galgar melhores perspectivas de vida.

Portanto, “O racismo operou em várias frentes, e sempre esteve perceptível em fatos e acontecimentos sociais [...] o que, dentre outras consequências, relegou os negros à segregação e à invisibilidade social”. (COIRO MORAES; FERREIRA, 2013, p. 113). Talvez, por isso, Luandi, irmão de Ponciá Vicêncio, acreditava que se tornando policial como soldado Nestor haveria de ter poder e ser respeitado, ou seja, aqui é revelado o pensamento de que é pela detenção do poder que a pessoa é estimada, de modo que, para o negro ter o poder seria a forma de lhe assegurar o respeito e a visibilidade social que parece tão raro nesta sociedade preconceituosa.

Neste contexto, como afirma Octavio Ianni (2011), a literatura torna possível não só expressar, como organizar uma parte importante da consciência social do negro. “Ao lado da política, da religião e outras formas de consciência, ela é uma forma singular, privilegiada, de expressão e organização das condições e possibilidades da consciência do negro”. (IANNI, 2011, p.196).

Por isso, destaca-se que a literatura como um dos possíveis “locais de enunciação que transgridem e questionam o padrão ocidental” (SENA, 2012, p.285), sendo assim um espaço para a compreensão do sujeito negro já que apropriado por escritores negros que em

suas obras retratam e dão voz a essas pessoas, para que desta feita possam eles ser os enunciadores de sua história.

Assim, no romance *Ponciá Vicêncio* “Evaristo enfatizou a necessidade de exorcizar os terrores da brutalidade excessiva imposta ao sujeito negro em geral e, mais especificamente, às mulheres negras” (SENA, 2012, p.287), nota-se que a protagonista retrata uma história não só dela, mas coletiva da realidade das vivências dos negros tanto no período da escravidão, como após ele, misturando na narrativa, passado e presente para demonstrar os percalços, pelos quais passaram esse grupo que foi inferiorizado pela sociedade dominante.

Outro ponto há de destacar desta cultura é a relevância dada aos elementos da natureza que possuem uma simbologia particular para eles, exemplo disto é o arco-íris que demonstra a transformação humana, pois é retratado no romance como o elemento capaz de fazer a pessoa se modificar de mulher para homem. “Quando menina, pensava que se passasse debaixo do arco-íris poderia virar menino”. (EVARISTO, 2003, p. 14). Do mesmo modo, a água também se mostra como elemento de pureza que traz a pessoa para suas origens, ou então o barro que demonstra a ligação do negro com a terra. Além disso, esses elementos “unem o meio e o final ao começo da história”. (BARBOSA, 2003, p.11)

Deste modo, a literatura é uma maneira de resgatar essa consciência social do negro, e não apenas ela, pois “a literatura e música negras integram-se à simbolização do novo negro, consciente do valor que sua presença teve na formação das sociedades que o vêem com desprezo” (FONSECA, 2011, p.247).

Em *Ponciá Vicêncio*, há a valorização da música de origem africana que sempre era entoada por Luandi e seu pai quando regressavam para sua casa. Dessa forma:

O pai de Lúndi, no dia em que queria agradar à mulher, costumava entoar aquela cantiga ao se aproximar de casa. Luandi não entendia as palavras do canto, sabia, porém, que era uma língua que alguns negros falavam ainda, principalmente os velhos. Era uma cantiga alegre. Luandi, além de cantar, acompanhava o ritmo batendo com as palmas das mãos em um atabaque imaginário. Estava de regresso à terra. Voltava em casa. Chegava cantando, dançando a doce e vitoriosa cantiga de regressar. (EVARISTO, 2003, p. 87).

Dessa forma, este romance retrata ainda, as angústias vividas por Ponciá Vicêncio seja pela rotina difícil, seja pelos maus-tratos do marido, seja pela perda dos filhos e, em

todos esses momentos de sofrimento em sua existência, sendo que “esse sofrimento ao mesmo tempo impulsiona a insubordinação e resistência” (DIOGO, 2010, p.3).

Com efeito, defendemos que “contrapondo-se às subjugações impostas pelo racismo, as mulheres negras formam um elo matrilinear de resistência cultural” (SENA, 2012, p.290), seja na tentativa de manter suas tradições e ritos, seja na maneira de tratar uns aos outros para que cada negro sinta o pertencimento dele ao seu grupo étnico, o que pode ser vislumbrado nesta obra, principalmente na maneira singular como um negro oferece hospedagem e alimentação a outro negro, dividindo o que tem com aqueles que pertencem ao seu grupo. Assim:

Tinha algum dinheiro, mas, na terra dos negros, o alimento não era vendido. Quem que tivesse fome era só chegar à casa de alguém e pedir o que comer. Aquele tivesse repartia o pão e não aceitava nada em troca. Havia um enorme prazer em oferecer, em dividir o alimento com o outro. Dormia-se todos, contanto que o acolhido não se importasse com a pobreza de seu acolhedor. (EVARISTO, 2003, p. 93).

Essa resistência cultural é vista nos “esforços individuais e coletivos de guarda e preservação, reconstituição e reorganização de pedaços, narrativas, cânticos e performances, tecidos e traços, plantas e costumes” (SOUZA, 2007, p.30), o que demonstra a força de um povo no cuidado com seus traços identitários.

Deste modo, um traço característico dos afrodescendentes é a transmissão dos seus saberes e costumes pela oralidade, o que demonstra tanto a credibilidade que os descendentes davam as histórias contadas pelos seus antepassados como o papel que a memória possui na difusão das tradições africanas. Um exemplo disto, no romance é quando Lundi visita a velha Nêngua Kainda para pedir-lhe a benção. “Nêngua Kainda, falando a língua que só os mais velhos entendiam, abençoou Luandi”. (EVARISTO, 2003, p. 93-94).

Assim “a temática negra abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o Brasil, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito muitas vezes à oralidade” (DUARTE, 2008, p.13), o que se mostra verdadeiramente relevante, visto que essa perpetuação de sua cultura e história pela via oral “põe em destaque o fato de que as identidades e as culturas não são imaginadas de

uma vez por todas, mas são constantemente recriadas e acrescidas com o trabalho ativo da memória e de seus vazios” (SOUZA, 2007, p.38).

Resistência e insubordinação que se materializam em mutilação física quando se trata de Vô Vicêncio, frisa-se que este ato representa um dos possíveis “locais de enunciação alternativos, nos quais contesta veementemente a exclusão imposta pelas estruturas racistas” (SENA, 2012, p. 292), assim essa mutilação se apresenta enquanto uma forma de reação a um sistema segregador que silencia as vozes dissidentes. Nota-se que ao cortar o braço o Vô Vicêncio se recusa a continuar escravo daquela condição de trabalhador nas terras dos brancos. A passagem abaixo explicita essa resistência, na medida em que ele prefere morrer ao invés de se conformar com o sistema, não conseguindo seu intento por razões alheias a sua vontade, senão vê-se:

Vô Vicêncio tinha nascido um homem perfeito, com pernas e braços completos. O braço cotó ele se deu depois, em um momento de revolta, na procura da morte. [...] Vô Vicêncio com a mulher e os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus, nascidos do “ventre livre”, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele, independentemente do seu querer. Quiseram vendê-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? Tornou-se um estorvo para os senhores. (EVARISTO, 2003, p.51).

Percebe-se nesta violência perpetrada pelo mesmo a si próprio uma dimensão do negro vítima, deste modo ele tenta fugir da realidade com a busca da morte, para assim escapar da segregação social e das reminiscências de uma vida de escravo mesmo após ter ocorrido a abolição escravocrata.

Essa mutilação de seu avô e outros acontecimentos faz com que a própria personagem Ponciá Vicêncio reconheça que a vida também não era fácil para os homens negros o que é percebido, sobretudo, pela sua observação sobre a história dos seus familiares, isso é vislumbrado na passagem abaixo.

[...] Ela que antes era feito uma formiga laboriosa resolvendo tudo. Ela que muitas vezes saía junto com ele na labuta diária do fogão, da limpeza, das trouxas de roupa nas casas das patroas. [...] Às vezes, ficava matutando para quem a vida se tornava mais difícil. Para a mulher ou para o homem? Lembrava-se do pai, da história do pai dele, o Vô Vicêncio, do irmão dela que trabalhava desde cedo nas terras dos brancos e que nem tempo de brincadeiras tivera. E acabava achando que, pelo menos para os homens que ela conhecera, a vida era tão difícil quanto para a mulher. (EVARISTO, 2003, p.55)

Pode-se dizer que a compreensão de Ponciá de que a vida de fato não era fácil também para os homens negros advém da sua observação principalmente em relação ao silenciamento destes, pois os mesmos diante da dura realidade de suas vivências preferem se calar, como pode ser percebido na passagem seguinte, senão vejamos: “o pai de Ponciá não era dado a muitos risos, caladão, quieto, guardava para si os sentimentos” (EVARISTO, 2003, p.30). Isso demonstra que há uma resignação diante dos fatos que não podem ser mudados por eles individualmente.

Também no marido de Ponciá é revelada essa característica do silenciamento, pois “ele era quase mudo. Não chorava, não ria. Desde os primeiros tempos, nos momentos em que ela se abria para ele, o homem vinha emudecido, trancado de falas, sem gesto algum dizível de nada” (EVARISTO, 2003, p.67).

Nota-se que esses exemplos de não ditos representam formas de não trazer para a memória uma realidade que não se deseja lembrar, portanto trata-se de estratégias para o esquecimento e inativação da memória, além do que “as populações negras, durante séculos, tiveram suas vozes silenciadas pelo aparato coercitivo dos dispositivos de dominação sócio-cultural no Brasil” (SENA, 2012, p.285).

Assim, a postura masculina assumida neste romance é o do silenciamento e resignação, todavia conforme aponta Sena (2012), ao resgatar as vozes silenciadas em seu romance Conceição Evaristo faz com que estas não sejam esquecidas pelas narrativas tradicionais que não as contemplam, deste modo aparece como memória transgressiva repassada pela via oral como forma de revelação de um sistema marcadamente racista.

Já a postura das mulheres negras vista em *Ponciá* é a de denúncia e resistência, ou seja, ela ativa a memória através dos relatos sobre vivências de outras pessoas de seu grupo étnico, o que serve para apresentar uma memória marginalizada, porém que retrata as vivências de seus antepassados.

Assim, ao contrário das mulheres que “frequentemente, apagam delas mesmas as marcas que adquiriram dos passos que deram no mundo, como que se deixá-las transparecer fosse uma ofensa à ordem” (PERROT, 1989, p.12) Conceição Evaristo apresenta a mulher que denuncia, que não apaga suas marcas, portanto é um tipo de mulher diferente deste exposto por Michelle Perrot (1989).

Com efeito, se “a escrita é frequentemente um fruto proibido para as mulheres” (PERROT, 1989, p.12) Conceição Evaristo no romance *Ponciá Vicêncio* não pensa assim e retrata a mulher negra pelo viés da escrita feminina.

Frisa-se que “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo” (POLLAK, 1989, p.8), por isso mesmo deve ser registrada a partir da perspectiva do negro e não por uma memória oficial que não representa as reais vivências deste grupo, mas apenas o olhar distanciado do dominador, por isso “o resgate histórico pela rememoração desloca a história oficial fissurando a narrativa do Ocidente” (SENA, 2012, p.297).

Observa-se ainda que, a passagem do espaço rural para o urbano é uma maneira de mostrar a busca do negro por melhores condições de vida, de fuga de sua realidade de sofrimentos e opressão e que por fim abala suas expectativas por se mostrar como um espaço tão excludente e discriminador quanto o primeiro. “Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. [...] Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova”. (EVARISTO, 2003, p.33). Contudo, “Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio”. (EVARISTO, 2003, p.26).

Neste contexto, o romance de Conceição Evaristo dá voz aos personagens negros; tornando-os sujeitos de sua própria história e catalisadores dos valores da cultura afro-brasileira que vão delinear uma identidade própria para o grupo. Assim, os traços

identitários são vitais enquanto “elementos decisivos na luta pela eliminação das discriminações e pela conquista do lugar que lhes pertence de direito e que o grupo dominante insiste em negar, ostensiva ou disfarçadamente” (PROENÇA FILHO, 2004, p.185). Mas não se deve perder de vista que duas são as condições a serem vencidas pela protagonista, quais sejam a condição de negra e a condição de ser mulher.

Por isso, a seguir abordar-se as representações do gênero feminino no romance *Ponciá Vicêncio*, pois elas demonstram a forma como a mulher pode insubordinar contra o sistema social excludente e sexista, que, por vezes, minimiza a importância feminina na sociedade.

No processo de construção da identidade étnica traçado, anteriormente, fica evidenciado o papel da mulher negra enquanto denunciadora das mazelas sociais sofridas por essa classe reprimida e ainda fica evidenciado o “caráter pessoal e coletivo da memória como possibilitador de construção de uma identidade” (EVARISTO, 2008, p.6).

Assim é através da figura da mulher negra, que, na maioria das vezes, se amoldam as representações identitárias no romance *Ponciá Vicêncio*. Cabe destacar que “o feminino representa a expressão do que tem sido subjugado, silenciado, colocado em uma posição secundária em termos culturais (histórico, político, econômico, etc.)” (PINTO, 1990, p.26). Neste contexto, o romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo parte de situações que retratam a condição da mulher negra com classe oprimida pela sua cor, seu sexo, sua descendência e sua condição social.

Deste modo, duvidoso é a percepção de igualdade de gênero e de etnia nesta época, pois conforme salienta Sueli Carneiro (1989), dirigente do GELEDÉS, Instituto da Mulher Negra, a ideia de uma identidade feminina homogênea para todas as mulheres é questionável. Segundo a autora, os primeiros passos do Movimento Feminista no Brasil e no mundo expressariam a intensa revolta ao processo de opressão. De modo que, todo movimento de contestação, se constitui na recusa de todos os estereótipos tradicionais contra a mulher, a saber, o mito da fragilidade, o confinamento da mulher ao espaço doméstico, a limitação da mulher ao mero agente reprodutor da espécie. Então, ser mulher hoje para Carneiro (1989) é:

Antes de tudo, um projeto em construção que passa, de um lado, pela desmontagem destes modelos introjetados de rainha do lar, do destino inexorável da maternidade, da restrição ao espaço doméstico familiar e o resgate de potencialidades abafadas ao longo de séculos de domínio pela ideologia machista e patriarcal. Mas, por outro lado, a identidade feminina enquanto projeto em construção, é fundamentalmente o esforço de construção da plena cidadania para mulheres. (CARNEIRO, 1989, p.10).

Por outro lado, Carneiro (1989) questiona que, quando se faz menção ao mito da fragilidade feminina que justificou a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres. Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, e em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, devemos pensar de que mulheres estamos falando? Já que, por meio da trajetória da mulher negra é possível verificar que elas estão nas ruas trabalhando, tentando sustentar sua casa, na condição de chefe de família, desde os tempos da abolição. Conforme se observa no trecho abaixo:

Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas como vendedoras, quituteiras, prostitutas etc.; mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou mulatas tipo exportação. [...] As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainha de nada, que são retratadas como as anti-musas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. [...] Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destinam a seguinte frase: “Exige-se boa aparência. [...] Fazemos parte de um contingente de mulheres ignorados pelo sistema de saúde na sua especificidade, porque o mito da democracia racial presente em todos nós torna desnecessária a coleta da cor dos pacientes nos formulários da rede de saúde, informação que seria indispensável para avaliarmos as condições de saúde das mulheres negras no Brasil, pois sabemos, por dados de outros países, que as mulheres brancas e negras apresentam diferenças significativas em termos de saúde. (CARNEIRO, 1989, p.11-12).

Evidenciado fica que a mulher não representa um sexo frágil, ao contrário se mostra forte para encarar a dura realidade que é vivenciada pelos negros, nesta passagem abaixo

de destaca que mesmo com os esforços deste povo a mudança do cotidiano deles é algo que se mostra como de difícil alcance.

Quando Ponciá Vicêncio, depois de muitos anos de trabalho, conseguiu comprar um quartinho na periferia da cidade, retornou ao povoado. O trem era o mesmo, com as mesmas dificuldades e desconforto. [...] Atravessou, depois, as terras dos negros e apesar dos esforços das mulheres e dos filhos pequenos que ficavam com elas, a roça ali era bem menor e o produto final ainda deveria ser dividido com o coronel. (EVARISTO, 2003, p.48).

Apesar de longos anos de trabalhos a personagem Ponciá Vicêncio não consegue mudar de vida. Também, lamenta por ter perdido seus sete filhos, mas em seguida, ela se sente aliviada por nenhum deles ter vingado. “Lembrou-se dos sete filhos que tivera todos mortos. Alguns viveram por um dia”. (EVARISTO, 2003, p.53). Através desse posicionamento da personagem, Conceição Evaristo demonstra o temor dessa mulher, de que as novas gerações sofram como seus antepassados e ela própria sofreu ou sofre, em virtude da cor da pele e pelo fato de ser mulher. Nota-se ainda que, a autora ao mesmo tempo põe a nu, em forma de denúncia, aquilo que até então era silenciado, ou seja, o mito da democracia racial e de uma sociedade patriarcalista.

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava-se de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. O pai trabalhava tanto. A mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau-a-pique coberta de capim, para abrigar a pobreza em que viviam. E esta era a condição de muitos. Molambos cobriam o corpo das crianças que até bem grandinhas andavam nuas. [...] os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. [...] Foi bom os filhos terem morrido. (EVARISTO, 2003, p.82).

Essa dificuldade de se alcançar mudanças em uma sociedade segregadora gera resistência psicológica, quando se trata da personagem Ponciá Vicêncio já que ela desanima do seu cotidiano e fica apática diante de sua realidade, o que representa uma

maneira de denúncia, pois sua inércia se deve ao fato de que ela não encontra motivos para continuar a realizar suas práticas diárias, pois estas simbolizam uma conformidade com o sistema preconceituoso no qual está inserida.

Assim, “a personagem se ausenta simbolicamente do mundo para que de alguma forma essa ausência diminua seu sofrimento” (MATOS, 2013, p.115), por isso, como defesa ela se fecha e perde o ânimo, buscando distanciamento do mundo exterior, que tanto a oprime e traça estereótipos. “O homem de Ponciá acabava de entrar em casa e viu a mulher distraída na janela. Olhou para ela com ódio. A mulher parecia lerda. Gastava horas e horas ali quieta olhando e vendo o nada”. (EVARISTO, 2003, p.19). Dessa maneira, a protagonista se atem aos seus pensamentos, pois “as lembranças fazem com que a resistência incida de maneira sistemática nesse processo de insurgência” (DIOGO, 2010, p.4), como pode ser percebido na passagem abaixo, vê-se que:

Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava a encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se alheia de seu próprio eu. (EVARISTO, 2003, p. 45)

Com efeito, percebemos na escrita de Conceição Evaristo uma representação da mulher que se move “em direção a múltiplos locais de redefinição contextual e cria um espaço de resistência para a reorientação das diversas subjetividades e das vozes de sujeitos femininos marginalizados e oprimidos pelos mecanismos de poder patriarcal” (DIOGO, 2010, p.4). Ponciá Vicêncio ao se tornar alheia de tudo, se recusava a fazer parte desse sistema que lhe oferecia apenas atividades subalternas que a impossibilitaria de ter um futuro melhor, de forma que, ela pudesse mudar sua condição de vida e de sua família.

Para melhor entender a situação da mulher negra neste contexto, recorre-se à Alzira Rufino, coordenadora da Casa de Cultura da Mulher Negra, que afirma ser necessário buscar na história do povo brasileiro alguns fatores que tornam a mulher negra sujeito de especificidades que as tornam diferentes da mulher branca.

Reduzida à condição de escrava, a mulher negra foi durante o período colonial, um instrumento de trabalho forçado, dentro das casas, na lavoura, nas minas, no comércio. Enquanto a mulher branca era mantida sob rigorosa vigilância moral, reservada para as respeitadas funções de esposa e mãe, a sociedade sujeitava a mulher negra ao abuso sexual do homem branco e adotava o estupro da escrava negra como instrumento de afirmação de virilidade machista do colonizador branco. (RUFINO, 2007, p.11).

Para a autora, fala-se de avanços no status das mulheres de todo o mundo, inclusive do Brasil, mas a mulher negra continua associada às funções que antes eram desempenhadas na sociedade colonial e imediatamente após a abolição. De forma que, as trabalhadoras negras saíram “dos trabalhos forçados, do escravagismo diretamente para os trabalhos braçais, mais insalubres, mais pesados, nesta virada do terceiro milênio”. (RUFINO, 2007, p.12).

Frisa-se que o movimento da Negritude favoreceu o fortalecimento da ideologia racista dominante, conforme palavras de Bernd, que exemplifica com o fato de que, o negro, “ao pleitear igualdade de oportunidade com o branco no mercado de trabalho do atual sistema, não chega a fazer a crítica da exploração capitalista, mas, ao contrário, a reforça, pois em última análise está pleiteando o igual direito de ser explorado”. (BERND, 1987, p.33).

Porém, ao contrário do que pensa Bernd (1987), a inserção do sujeito negro no mercado de trabalho, em condição de igualdade com o branco, mesmo que em se tratando do atual sistema capitalista, favorece sua integração como indivíduo que fez e faz parte da construção do nosso país. A questão aqui, não é pleitear o igual direito de ser explorado, e sim o de ter igualdade de direitos e deveres que o branco.

As mulheres negras estão ausentes dos espaços de decisão ocupados pela mão de obra feminina. Conforme Rufino (2007):

Para constatar que a maioria das mulheres negras não está lá, esta ainda nas funções tradicionais, ou seja, limpando a sala da diretoria, da médica, da advogada, da redação dos jornais, dos tribunais, em resumo, limpando a sala das decisões. (RUFINO, 2007, p.12).

Ademais, Bernd (1984) afirma que, a maioria dos negros nas Américas e na África pertence ao proletariado. E descobrir-se negro significa descobri-se explorado. E um verdadeiro modo de ser negro, ou seja, de ter uma real identidade negra será constituída:

Na medida em que os negros tomarem as rédeas de seu destino histórico, sabotando esquemas não-revolucionários — apenas reformistas, com a negritude — que os mantêm na marginalidade. [...] O que se espera e se acredita é que num tempo futuro este combate centrado na oposição ao branco se redimensione no sentido da consolidação de *uma noção de identidade negra*, de uma negritude. (BERND, 1984, p.52-55).

Por isso, a autora conclui que trabalhar na construção e consolidação de uma identidade através de uma nova linguagem e nutrida pela herança africana, será a melhor forma de desmascarar a visão estereotipada que se tem do negro.

Ainda sobre a discriminação sofrida pela mulher e que é percebida nitidamente no romance Ponciá Vicêncio, principalmente pelas vivências relatadas pela protagonista e por Bilisa, Rufino (2007) salienta que a mulher negra é mais vulnerável as violações aos direitos humanos, soma-se a isso o fato de representarem quase a metade da população feminina do Brasil, o que mostra a relevância de se buscar meios para combater tal discriminação, pois:

[...] qualquer estratégia de promoção da mulher deve considerar as diferenças que existem entre as mulheres, adaptando as políticas públicas às necessidades reais das mulheres brancas, negras, indígenas, para que essa metade da população feminina, negra e indígena, chegue junto com a mulher branca ao poder. (RUFINO, 2007, p.13)

A esse respeito, a escritora Conceição Evaristo, trata de forma contundente, a questão da violência doméstica, gerada em prol dessa falta de amparo das políticas públicas e, principalmente dessa vulnerabilidade as violações aos direitos humanos, que sofre a mulher, especialmente a mulher negra, o que é percebido no relacionamento de Ponciá Vicêncio com seu esposo, que infligia a ela castigos físicos, como pode ser observado no trecho abaixo:

O homem de Ponciá Vicêncio começou a achar que a mulher estava ficando doente. [...] Houve época em que ele bateu, esbofeteou, gritou... Batia-lhe, chutava-a, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa. Quando o homem viu o sangue a escorrer-lhe pela boca e pelas narinas, pensou em matá-la, mas caiu em si assustado. (EVARISTO, 2003, p.96).

Deste modo, Conceição Evaristo com sua escrita engajada retrata a violência a qual a mulher é submetida e mostra o cenário da família patriarcal, nitidamente caracterizada pela dominação masculina sobre o gênero feminino. Essa violência afeta não só o corpo com as lesões, mas também o psicológico da vítima que se sente inferiorizada e não reage. Aliás, há casos que o agressor deseja mesmo é uma reação da pessoa, pois pela apatia e inércia de Ponciá Vicêncio é que seu esposo:

[...] teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele (EVARISTO, 2003, p. 17).

Por essa passagem é visível que a personagem percebe que a violência sofrida está intimamente ligada a sua condição de ser mulher, pois ela mesma deseja passar pelo arco-íris e se tornar um homem, ou seja, fugir daquela situação que tanto a constrange, no entanto neste trecho também não há um revide e assim caracterizada ainda está à violência moral, que retira do sujeito sua dignidade e identidade.

Nota-se na escrita comprometida de Conceição Evaristo a “necessidade de engajamento em prol da mulher como possibilidade de embate, de resistência e insubordinação, sem perder de vista a ternura que caracteriza o ser feminino em proporção sobejamente reconhecida” (DIOGO, 2010, p.7). Assim, vislumbra-se nesta obra marcas do feminino e de crítica das relações sociais.

Outro aspecto mencionado por Rufino (2007) é o da imagem da mulher negra do ponto de vista afetivo. Segundo a autora, do ponto de vista das relações afetivas, a mulher negra passa por um processo específico:

O homem negro procura a mulher branca para uma relação mais estável, para o casamento, como forma de ascensão social. O homem branco vê a mulher negra, na maioria das vezes, como objeto sexual eventual, não para uma relação afetiva. Desta forma, por negros e brancos, ela é desvalorizada social e afetivamente em relação à mulher branca, que tem sido a musa, a mulher cantada pelos poetas, à rainha do lar. (RUFINO, 2007, p.13).

No romance *Ponciá Vicêncio*, essa desvalorização social e afetiva pode ser observada através da personagem Bilisa, quando trabalhou como doméstica na casa de uma família. Conforme o trecho abaixo:

[...] A patroa não gostou da suspeita que caiu sobre o seu filho. Quanto a dormir com a empregada, tudo bem. Ela mesma havia pedido ao marido que estimulasse a brincadeira, que incentivasse o filho à investida. O moço namorava firme uma colega de infância, ia casar em breve e a empregada Bilisa era tão limpa e parecia tão ardente. Bilisa não encontrou o dinheiro e nunca mais viu o filho da patroa. (EVARISTO, 2003, p.98)

Mesmo o Soldado Nestor sendo negro, conhecedor das lutas dos negros, não aceitava o relacionamento de seu amigo Luandi com a prostituta Bilisa. Para ele, “mulher-dama não prestava. Não conseguia gostar de um só homem. Aliás, pensando bem, mulher-dama não gostava de homem algum” (EVARISTO, 2003, p.103). Ou seja, ele a julgava pela sua profissão de prostituta, mas em momento algum pensou qual seria a motivação daquela mulher em aceitar tal condição. Na verdade, “Ele não sabia que mulher-dama gostava muito também. Ela mesma, a Bilisa, desde o primeiro encontro, não quis aceitar o dinheiro” (EVARISTO, 2003, p. 103).

Dessa forma, “alguns fatores nos tornam sujeito de direitos diferenciados, ou de não-direitos. Coisas de um passado muito próximo, ainda à flor da pele”. (RUFINO, 2007, p.11). Dito isto, a autora conclui que:

Se a violência contra a mulher é uma epidemia que desconhece classes sociais, existem segmentos que são mais vulneráveis porque já têm uma outra história de violência, como é o das mulheres negras, sob fogo

cruzado de várias formas de violência: a de gênero, privada, no lar; a da pobreza, que as escraviza a jornadas de trabalho intermináveis das quais não sobrarão sequer a mínima aposentadoria; e o preconceito racial que ainda tenta nos confinar no espaço que via do fogão ao tanque, domesticadas, no fundo de cena. (RUFINO, 2007, p.11).

Nessa perspectiva, com o intuito ainda de demonstrar a dura realidade vivenciada pela mulher negra e sua falta de perspectiva para uma vida melhor, Cristina Ferreira Pinto (1990) observa que, o “mundo exterior” que forma o herói ‘Bildungsroman’ na literatura reserva a protagonista feminina, os limites do lar e da família, de forma que não há margem para o seu crescimento interior. Esse termo Bildungsroman advém do “alemão, ‘Bildung’ tem o sentido de formação, educação, cultura ou processo de civilização, e em português ‘Bildungsroman’ seria traduzido como “romance de aprendizagem”, “de formação”, ou “de desenvolvimento”. (PINTO, 1990, p.9).

Cabe frisar que este herói do Bildungsroman:

[...] vive um ciclo no qual seu amadurecimento é o objetivo final. Ele sai da sua casa paterna, passa por transformações que o mundo lhe proporciona até chegar ao autoconhecimento e autodescobrimento. Em sua trajetória, passa por percalços, dificuldades, instabilidades e normalmente tem sua formação através de instrutores, mentores, pessoas mais velhas e encontros com a arte, com a política e com a vida pública (ARRUDA, s.d, p.2).

Assim, de acordo com Duarte (2007), no romance *Ponciá Vicêncio*, a autora retoma um procedimento chamado de brutalismo poético, uma vez que, narra em uma linguagem concisa de sentido, a vida de uma mulher vinda do meio rural para uma favela em que vegeta junto com o marido.

A narrativa configura-se como um bildusgsroman feminino e negro ao dramatizar a busca quase intemporal da protagonista, a fim de recuperar e reconstituir família, memória, identidade. No entanto, o ímpeto antropofágico se faz presente na postura de rasurar o modelo europeu para conformá-lo às peculiaridades da matéria representada. (DUARTE, 2007, p.25-26).

Porém, cabe destacar que no caso de Ponciá Vicêncio “a autora descontinua, rasura e desconstrói o romance de formação através da estilização paródica do gênero Bildungsroman” (ARRUDA, p.3). Deste modo, a protagonista, seguindo um ciclo, sai do espaço rural e vai para o urbano e ao final retorna para a casa de sua família para concluir seu aprendizado, todavia, na falta de um mentor, ela segue sem saber a herança deixada por Vô Vicêncio. Assim, Ponciá Vicêncio segue seu caminho, na condição de uma afrodescendente que tenta confrontar com sua realidade.

Nota-se que a alienação imposta ou voluntária caracteriza elementos constantes na experiência feminina, tanto na literatura como na vida real. Assim como a morte e a loucura que podem ser entendidos como uma forma de punição da mulher por tentar ir além dos limites sociais normalmente aceitos, “ou como a única forma de rejeição desses mesmos limites [...]”. (PINTO, 1990, p.18).

Dessa forma, o romance Ponciá Vicêncio é uma forma de rejeição dos limites sociais normalmente aceitos, ou, conforme palavras da própria escritora Conceição Evaristo, a escrita trata-se de uma forma de resistir, insubordinar aquilo que lhe é imposto, além do que por ser o romance retratado pela própria personagem feminina, isso faz com que ela em seus relatos estabelecidos como denúncias seja senhora “de uma história que só poderia ser contada de forma tão incidente por aqueles que a viveram” (ROCHA, 2011, p.56).

CAPÍTULO 3

Memória e escrevivência: o não lugar dos negros em Ponciá Vicêncio

O que a minha memória escreveu em mim e sobre mim, mesmo que toda a paisagem externa tenha sofrido uma profunda transformação, as lembranças, mesmo que esfiapadas, sobrevivem. E na tentativa de recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo, escrevo. Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez.

(Conceição Evaristo, 2009).

A questão de gênero e de identidade estabelecida no capítulo anterior evidencia, sobretudo, a centralidade da temática do negro, ou seja, sua raça e as limitações por que passam os sujeitos situados neste grupo, seja em virtude de questões étnicas, sociais ou de desprestígio do gênero feminino.

Neste capítulo, abordam-se questões relativas à memória no romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, o intuito principal é resgatar as variadas formas de lembranças que se efetivam no plano individual e coletivo e que trazem para a discussão a importância da memória para a preservação de tradições e conhecimentos de um povo.

Investiga-se ainda como Conceição Evaristo na condição de mulher negra recupera essa memória. Como essa autora persegue, no romance os vestígios de uma memória para recompor uma história perdida dos negros, e através dela gritar por um sentimento que a própria Conceição nomeia de resistência e insubordinação.

Segundo Maurice Halbwachs (2006), a memória seja ela pensada como repetição ou como evocação, sempre estará associada ao passado, ou melhor, dizendo a leituras do passado a partir de lembranças cujos vazios são preenchidos com nossas experiências e criatividade. Assim, “se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente”. (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Halbwachs (2006) expõe ainda que, nossas lembranças são coletivas, mesmo que se trate de eventos que somente nós participamos ou objetos que foram visto somente por nós. O autor argumenta que, isso acontece porque jamais estamos sós e sempre levamos pessoas que não se confundem. Portanto, para recordar uma lembrança não é necessário que outras pessoas estejam presentes sob uma forma material e sensível. “Se a memória é a via de acesso de Ponciá ao seu autoconhecimento, é também através dela, do que a voz narrativa reconstrói, que nós leitores penetramos a conhecer a história pessoal de cada um”. (BARBOSA, 2003, p.9).

De acordo com Halbwachs (2006), para que os testemunhos que outras pessoas sejam aproveitados e nossas memórias é necessário que a memória de outros não tenham deixado de fazer parte de nossas memórias, que existam pontos semelhantes que nos façam recordar e venham ser reconstruídas sobre uma base comum.

Não bastante reconstituir pedaço a pedaço a imagem de uma acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Neste sentido, pode-se verificar em *Ponciá Vicêncio*, que apesar de ainda criança de colo, a protagonista carregava consigo a lembrança de Vô Vicêncio, pois a menina carregava consigo uma herança deixado pelo avô Vicêncio, que, desde criança trazia uma certa preocupação para sua mãe, Maria Vicêncio.

Ela era menina, de colo ainda, quando ele morreu, mas se lembrava nitidamente de um detalhe: em Vô Vicêncio faltava uma das mãos e vivia escondendo o braço mutilado pra trás. Ele chorava e ria muito. Chorava feito criança. Falava sozinho também. O pouco tempo em que conviveu com o avô, bastou para que ela guardasse as marcas dele. [...] Ela, menina de colo, viu e sentiu o odor das velas acesas durante a noite. Viu o bracinho cotoco dele. Sentiu o cheiro de biscoito frito, de café fresco dado para as mulheres e as crianças que estavam fazendo quarto ao defunto. Sentiu também o cheiro de pinga que exalava da garrafinha e da boca dos homens sentados lá fora com o chapéu no colo. Ponciá Vicêncio, mesmo menina de colo ainda, nunca esqueceu o derradeiro choro e riso do avô. [...] Andava com um dos braços escondidos às costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó. Fazia quase um ano que Vô Vicêncio tinha morrido. Todos deram de perguntar por que ela andava assim. (EVARISTO, 2003, p.15-16)

A respeito da lembrança de Ponciá, ainda criança de colo, Halbwachs (2006) assevera que, mesmo que outros não estejam materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos fatos que se referem à vida de nosso grupo, que víamos e ainda vemos no momento da recordação, do ponto de vista desse grupo, “[...] esse tipo de atitude mental só existe em alguém que faça ou tenha feito parte de um grupo e porque, pelo menos à distância, essa pessoa ainda recebe sua influência”. (HALBWACHS, 2006. p. 41).

Dessa forma, “Ponciá Vicêncio segue os passos de Conceição Evaristo que também é herdeira de uma linhagem memorialista feminina na literatura afro-brasileira.” (ARRUDA, s.d, p.1). Assim, o percurso da protagonista na narrativa segue a partir da memória herdada do seu avô Vicêncio.

Neste contexto, ao final do romance percebe-se que, Maria Vicêncio ao reencontrar Ponciá, na cidade consegue enxergar outras faces que chegavam de outro tempo-espço no rosto de sua filha. Isso demonstra que, através da face de Ponciá é possível enxergar a busca incessante da memória afrodescendente de seus ancestrais.

Maria Vicêncio, agora de olhos abertos, contemplava a filha. A menina continuava bela; no rosto sofrente, feições de mulher. Por alguns momentos, outras faces, não só a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegavam de um outro tempo-espço. Lá estava a sua menina única e múltipla.(EVARISTO, 2003, p.125).

Ainda segundo Halbwachs (2006), a condição necessária para pensar em algo aparentemente é uma sequência de percepções pelas quais só passaremos de novo refazendo o mesmo caminho, estando novamente diante das mesmas casas, dos mesmos rochedos, por exemplo. Assim, no retorno de Ponciá à vila onde moravam sua mãe e seu irmão, a protagonista teve a sensação de ser segurada por pulso de ferro que há aprisionava no tempo.

Depois de andar algumas horas, Ponciá Vicêncio teve a impressão de que havia ali um pulso de ferro a segurar o tempo. Uma soberana mão que eternizava uma condição antiga. Várias vezes seus olhos bisaram a imagem de uma mãe negra rodeada de filhos. De velhas e de velhos sentados no tempo passado e presente de um sofrimento antigo. Bisaram também a cena de pequenos, crianças que, com uma enxada na mão, ajudavam a lavrar a terra”. (EVARISTO, 2003, p. 49)

Ao atravessar novamente as terras dos negros Ponciá, percebe que a exploração dos negros na zona rural ainda existia que “[...] apesar dos esforços das mulheres e dos filhos

pequenos que ficavam com elas, a roça ali era bem menor e o produto final ainda deveria ser dividido com o coronel”. (EVARISTO, 2003, p.48).

Dessa forma, para o Halbwachs (2006), mesmo que as lembranças não tendo sido reconstruídas, mas evocadas, elas teriam sido guardada assim mesmo em nosso espírito. Porém o único meio de preencher essa lacuna da nossa memória seria retornar a esse local, abrir os olhos.

Nós nos surpreendemos ao reencontrar essa lembrança, mas após um momento de reflexão, poderíamos também nos espantar por não a termos evocado antes, ao descobrirmos no labirinto de nossos pensamentos mais de uma avenida que a ela nos levariam. Esse lugar, esses objetos nos trazem essa lembrança. (HALBWACHS, 2006. p. 54)

Nesta perspectiva, o espaço aparece como fator importante de percepção da cultura e regaste da memória dos negros, em Ponciá, a protagonista relembra o espaço de sua infância, após contemplar o desleixo da sua casa e perceber que faltava-lhe coragem para mudar aquele ambiente.

Fechou os olhos e relembrou a casinha de chão de barro batido de sua infância. O solo era todo liso e por igual, mesmo seco dava a impressão de ser escorregadio. Tudo ali era de barro. Panelas, canecas, enfeites e até uma colher com que a mãe servia o feijão. Ao se lembrar da mãe, sentiu um aperto no peito. O que acontecera com ela? Teria morrido? Precisava levantar algumas histórias do passado. Mas como? E o irmão? Vivera pouco com ele na infância, muito pouco, mas das raras vezes que se encontraram, gostavam tanto (EVARISTO, 2003, p.25)

Segundo Florentina da Silva Souza (2007), a história das culturas afrodescendentes é tradicionalmente marcada por discussões que envolvem reflexões sobre a memória, história, identidade e *performances*. Essas discussões nascem da história do tráfico e na existência de um ritual que envolvia um círculo em torno da “árvore do esquecimento” para impedir o apagamento daqueles que seriam embarcados à força para a diáspora. Sendo assim:

As várias tradições culturais africanas da diáspora sempre lidaram com esforços individuais e coletivos de guarda e preservação, reconstituição e reorganização de pedaços, narrativas, cânticos e *performance*, tecidos e traços, plantas e costumes entre outras bagagens que, junto com os corpos e almas, atravessaram o Atlântico. (SOUZA, 2007, p.30).

Dessa forma, os africanos e afrodescendentes costuraram e teceram identidades e, a partir da memória, reorganizaram suas vidas traçando novas configurações culturais advindas da sua situação em terras estrangeiras. “A lembrança reaparece em função de muitas séries de pensamentos coletivos emaranhados”. (HALBWACHS, 2006. p. 70). Por isso, cada grupo elege os elementos que comporão a sua memória, ou os seus lugares de memória. Lugares estes que serão cuidadosamente construídos e ritualizados com vistas a torná-los únicos, repetíveis e atualizáveis.

Logo, percebe-se que esses lugares de memória são uma forma de reavivar essa história dos negros e manter sua cultura acessa, assim:

[...] estes lugares serão meticulosamente construídos e, em geral, ritualizados com vistas a torná-los simultaneamente únicos, repetíveis e atualizáveis. As memórias dos afrodescendentes foram forjadas em tensões constantes, apropriações e reapropriações espontâneas ou obrigatórias e utilizadas como marcas de um passado a ser evocado para constituição de um repertório de resistência e de identidade (SOUZA, 2007, p. 31).

Destaca-se assim, neste romance pelo reavivamento da memória a riqueza da cultura africana com suas tradições e ritos, um exemplo emblemático é o do respeito que todos têm por Nêngua Kaínda, que é uma conselheira, uma líder de seu grupo, uma pessoa sábia que adivinha o que se passará com a pessoa advertindo sobre os percalços do caminho que o indivíduo está querendo escolher.

Nesta perspectiva, evidencia-se a travessia da Mãe de Ponciá, que sabia por meio de Nêngua Kaínda que deveria buscar seus filhos na cidade, ou seja, distanciar-se de suas raízes, o que representa a diáspora do negro pelo Atlântico, que sem querer é forçado a sair da África e vir para o Brasil ser escravizado. Frisa-se ainda que pelo respeito a essa figura a mãe de Ponciá Vicêncio só realizou a travessia depois que Nêngua kaínda afirmou que já era o momento. Desse modo:

Maria Vicêncio ainda pôde decifrar o que a velha Nêngua Kaínda estava dizendo. Ela dizia que o tempo já permitia e abria os caminhos para que a

mãe fosse encontrar os filhos. E como derradeira fala, Nêgua abençoou com a força de seus olhos, já fechados, mas que agora mais e mais viam, a viagem que Maria Vicêncio empreenderia para buscar os filhos. (EVARISTO, 2003, p.115).

Interessante perceber que a sabedoria desta figura mítica advém de conhecimentos populares, de saberes derivados de sua compreensão sobre a própria cultura africana, o que revela a importância que as raízes culturais possuem para este povo.

De modo que quando Ponciá, a sua mãe e também o seu irmão procuram Nêgua Kainda em momentos distintos este ato representa não só uma busca por se encontrar, mas um ato de pertencimento, de busca em sua origem étnica, já que essa sábia simboliza os conhecimentos advindos dos ancestrais, dos saberes populares da comunidade negra.

As tradições dos negros foram obrigadas a conviver com culturas diversas na diáspora tendo que aprender a se relacionarem com as demais culturas africanas ou dos colonizadores e a se recompor nestes diálogos. A poeta e romancista Conceição Evaristo traz em seus poemas “uma linhagem de falas e cantos que reinterpreta e atualiza histórias e a história do país [...]” (SOUZA, 2007, p.32).

Em relação à memória afro-brasileira podemos destacar as culturas trazidas pelos povos da África traficados ao Brasil. Dentre elas, as vozes, costumes, sons e sentimentos que foram adaptados à nossa sociedade. Sendo indissociáveis das várias formas de ser dos brasileiros. Recuperar a memória de negros significa entender de que forma eles foram destituídos de sua própria identidade.

Segundo Maria Nazareth Soares Fonseca (2006), com o intuito de desconstruir o esquecimento imposto à produção de artistas e escritores afrodescendentes, Emanuel Araújo (1997), organizou algumas exposições sobre a influência das culturas africanas sobre a arte brasileira. Nessas exposições, o autor forneceu informações importantes sobre os quilombos e as insurreições ocorridas no período do Brasil escravocrata. Essas informações não são divulgadas pelos textos dos manuais didáticos de História, pois eles, não enfatizam ou omitem. Além disso, o artista organizou objetos produzidos pelos escravos e que escapam à função meramente utilitária.

Desde, *A mão afro-brasileira*, realizada em 1988, o artista tem se preocupado em retomar a arte e a literatura que reverenciam as tradições preservadas pelos descendentes dos antigos escravizados no Brasil. Na exposição *Os herdeiros da noite*, de 1995, ele ressaltou a importância de levar ao público objetos e textos indicadores da corporeidade que as lembranças dos escravizados africanos ganharam no Brasil. (FONSECA, 2006, p.26).

Segundo dizeres de Emanuel Araújo (2004)⁶, o que se quer resgatar entre os negros é:

Uma certa auto-estima e uma imagem que nos sirva de padrão de orgulho por nossos heróis, que pretendemos nos sejam devolvidos em carne e osso, em sangue e espírito, como pessoas reais que puderam até alçar-se à condição de mito, mas não mais como lendas perdidas numa nebulosa história. Precisamos ter orgulho dos feitos de nossos homens e mulheres que a despeito do estigma herdado da escravidão, marcaram seu lugar na nossa história, como cientistas, engenheiros, poetas, escritores, doutores, escultores, pintores, historiadores. (ARAÚJO, 2004, p. 247)

Araújo (2004) expõe ainda que, ao invés de simplesmente registrar o fracasso dos negros frente às injustiças sofridas, prefere registrar suas vitórias, vingança e tudo que foram capazes de fazer para incorporar-se à cultura brasileira. “Uma cultura que guarda, através de sua história, um rastro profundo de negros africanos e brasileiros, mulatos e cafuzos, construtores silenciosos de nossa identidade”. (2004, p. 250).

Ressalta-se que o romance de Conceição Evaristo apresenta a personagem Ponciá como uma mulher que veio do meio rural, que passa sua maturidade de forma vegetativa na favela com o companheiro. Através de uma busca intemporal Ponciá tenta recuperar e reconstituir sua família, memória e identidade. No trecho abaixo, Conceição Evaristo nos apresenta a necessidade dessa mulher (sujeito de enunciação, que é ao mesmo tempo individual e coletiva), em reconstituir sua identidade.

⁶ Emanuel Araújo começou a trabalhar na década de 1960, como entalhador, gravurista e cenógrafo. Na década seguinte escolheu a escultura como forma de expressão e, em 1977, rendeu-se a influência da arte africana no seu trabalho. Em 1981, assumiu a diretoria do Museu de Arte da Bahia, onde, em dezoito meses, comandou sua transferência para um novo local. Em seguida, retomou suas esculturas e, em 1992, assumiu, em São Paulo, a Pinacoteca do Estado, permanecendo por oito anos.

Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. Ele (o marido) teve medo, muito medo. De manhã, ela parecia mais acabrunhada ainda. Pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele, espantado, perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamá-la de nada. (EVARISTO, 2003, p.20).

Isto porque a protagonista não se encontra em seu próprio nome. O sobrenome Vicêncio herdado pelo antigo dono da terra, em que seu avô trabalhava como escravo. “Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens”. (EVARISTO, 2007, p.29).

Essa ausência de cidadania, em relação aos descendentes de escravos é retratada no romance de forma constante, principalmente em relação à mulher, suas condições de moradia, sua falta de perspectiva de um futuro melhor.

O pai trabalhava tanto. A mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau-a-pique coberta de capim, para abrigar a pobreza em que viviam. E esta era a condição de muitos. Molambos cobriam o corpo das crianças que até bem grandinhas andavam nuas. [...] Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. (EVARISTO, 2003, p.82)

Além disso, Evaristo apresenta como meio de resgatar a memória dos negros, a cultura do trabalho no barro. Os objetos representativos da cultura negra que a mãe de Ponciá e ela faziam através do barro. “A mãe fazia panelas, potes e bichinhos de barro. A menina buscava a argila nas margens do rio. Depois de seco, a mãe punha os trabalhos para assar num forno de barro também.” (EVARISTO, 2003, p.21). Para Conceição Evaristo:

Eram trabalhos que contavam partes de uma história. A história dos negros talvez. A irmã [de Luandi] tinha os traços e os modos de Vô Vicêncio. Não estranhou a semelhança que se fazia cada vez maior. Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão

sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino. (EVARISTO, 2003, p.126).

Aliás, o trabalho no barro é apresentado como um meio de reconstituição de um corpo feito de ausências, que no caso, da personagem Ponciá, significa uma afirmação de um ser mulher, através da matéria-prima. Paul Ricoeur (2007) expõe que, a memória, diferente da imaginação, refere-se à realidade anterior, às recordações do passado, que passam pelas recordações individuais e coletivas. Dessa forma, é através desse retrato da mulher negra, no romance *Ponciá Vicêncio*, é que surge a denúncia daquilo que foi vivido em relação à escravidão do passado, bem como, dos resquícios que ela ainda vive nos dias atuais.

Requícios provenientes de uma visão deformada dos europeus colonizadores e que perduram nos dias atuais. Trazendo como consequência, segundo palavras de Ricardo Franklin Ferreira (2000), “relacionamentos pessoais que associam traços de inferioridade e outros valores negativos, em suas construções simbólicas, em relação aos indivíduos diferentes”. Nesta perspectiva, Conceição Evaristo, “a partir do ponto de vista de sua identidade afro-brasileira e feminina, transmite para seus personagens a experiência da diáspora, revelando a memória coletiva através do olhar nada distante de seus personagens”. (ARRUDA, s.d, p.4)

A partir das formulações por Halbwachs (2006), vê-se que, mesmo que as lembranças não tenham sido reconstruídas, quando evocadas são guardadas em nosso espírito. Além disso, o autor afirma que, para que os testemunhos de outras pessoas sejam aproveitados em nossas memórias é necessário que existam pontos semelhantes que nos façam recordar e venham ser reconstruídos sobre uma base comum. Ou seja, mesmo que outros não estejam presentes, pode-se falar de memória coletiva quando evocamos fatos que referem à vida de nosso grupo. Ainda é enfatizado por Araújo que, o resgatar da memória dos negros significa por fim, nos estigmas criados por uma sociedade que os exclui dos benefícios, mas que consome os costumes, as crenças e a cultura dos negros.

Faz-se necessário uma análise sobre a construção da personagem Ponciá Vicêncio, já que ela aparece neste contexto como denunciadora da realidade deste grupo ao qual pertence e ainda como possibilitadora do resgate da memória coletiva.

Frisa-se que “a memória é, então, para a autora, uma espécie de motor da narrativa. É ela que conduz Ponciá a seu destino” (ARRUDA, s.d, p.4), ademais a memória está relacionada com a identidade, visto que “a memória é erigida como critério de identidade e está serviço da busca dela” (ARRUDA, s.d, p.4).

Percebe-se que desde criança Ponciá ouve seus parentes falarem de uma herança que lhe fora deixada pelo avô Vicêncio. Aqui, busca-se compreender de que forma esta herança pode estar relacionada com a escrita feminina de Conceição Evaristo. Para tanto, faço uso de algumas entrevistas concedidas pela escritora, que estarão anexadas em sua íntegra, ao final deste trabalho, que acredito deixarem pistas sobre o seu fazer artístico, ou seja, a escrita feminina de Conceição Evaristo.

Conforme afirma Eduardo de Assis Duarte (2007), no romance *Ponciá Vicêncio*:

A autora retoma o procedimento – que arriscaria chamar de *brutalismo poético* – ao narrar, numa linguagem concisa e densa de sentido, a vida de uma mulher oriunda do mundo rural, desde a infância até a “maturidade” desterritorializada na favela em que vegeta junto ao companheiro. A narrativa configura-se como um *Bildungsroman* feminino e negro ao dramatizar a busca quase intemporal da protagonista, a fim de recuperar e reconstituir família, memória, identidade. No entanto, o ímpeto antropofágico se faz presente na postura de rasurar o modelo europeu para conformá-lo às peculiaridades da matéria representada. Assim, a apropriação feita por Conceição Evaristo ganha contornos paródicos, pois em lugar da trajetória ascendente do personagem em formação, oriunda de Goethe e tantos mais, o que se tem é um percurso de perdas materiais, familiares e culturais. E, em lugar da linearidade triunfante do herói romanesco, temos uma narrativa complexa e entrecortada, a mesclar de forma tensa passado e presente, recordação e devaneio. (DUARTE, 2007, p.25-26).

De fato, *Ponciá Vicêncio* herdeira de uma memória familiar, segue os passos de Conceição Evaristo que, “também esta herdeira de uma forte linhagem memorialística existente na literatura afro-brasileira. Como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, Conceição traz a narrativa dos despojados da liberdade, mas não da consciência.” (DUARTE, 2007, p.27). Dessa forma, Duarte expõe que, a fala diaspórica dos condenados da terra se articula de forma sincrônica e a *posteriori*, sem conhecer a encarnação da nacionalidade que marca grande parte da nossa literatura canônica.

Nesse sentido, Conceição Evaristo afirma que:

O que minha memória escreveu em mim e sobre mim, mesmo que toda a paisagem externa tenha sofrido uma profunda transformação, as lembranças, mesmo que esfiapadas, sobrevivem. E na tentativa de recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo, escrevo. Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez. E como a memória é também vítima do esquecimento, invento, invento. Inventei, confundi Ponciá Vicêncio nos becos de minha memória. E dos becos de minha memória imaginei, criei. (EVARISTO, 2009, p.5).

Em *Ponciá Vicêncio*, pode-se notar que há todo um trabalho da escritora que consiste em perseguir vestígios de memória para recompor uma história perdida, e através dela gritar por um sentimento que a própria Conceição nomeia de resistência. Nota-se que essa resistência é necessária, pois por muito tempo ao tratar das imagens criadas a partir dos traços do negro e da negrura, ao longo da história do povo brasileiro este sujeito era desprestigiado. Assim, Fonseca (2010) expõe que considerado parte degradada do povo, o negro foi ignorado nos projetos de feição nativistas que transformaram o índio em símbolo da identidade do país. Isso porque, apesar da tentativa de construir uma face na qual o Brasil pudesse se reconhecer como nação livre, foi apresentado um rosto desfigurado para expressar o caráter nacional brasileiro, ainda que grande parte da população, fosse composta por negros e mestiços.

Segundo Fonseca (2010) é pertinente observar que, em decorrência da forma como a questão escravocrata foi tratada as imagens do negro e de negrura continuam a ser alvo de preconceitos, mesmo que, algumas vezes, de forma encoberta pelo eufemismo criado a partir do século XX, quando o país decide ver-se como mestiço e reconhecer a pluralidade étnica de sua população. Porém, destaca-se que:

[...] os mesmo traços que fortalecem argumentos sobre a pretensa inferioridade dos africanos que, aos poucos, vão sendo transformados em símbolos da identidade de espaços que, como o Brasil, são herdeiros da diversidade étnica que os navios negreiros trouxeram para garantir o sucesso das atividades desenvolvidas nas terras do Novo Mundo. (FONSECA, 2010, p.92)

Fonseca (2010) deduz que, no Brasil, as teorias raciais tiveram que conviver com o mito da miscigenação, utilizada como impulso de branqueamento da população; uma vez

que, supunha-se que os negros iriam desaparecer à medida que seus descendentes se integrassem ao modelo de sociedade democrática, livre e branca. Para a autora:

Essa visão, que aprisiona o negro em estereótipos construídos segundo os modos como a sociedade lida com os descendentes de escravos, perpassa também olhares que, querendo-se críticos, endossam os valores defendidos pela sociedade. [...] Ainda quando se quer transgredir a tipificação do chamado homem de cor e ultrapassar os estereótipos negativos que configuram a sua marginalização, as representações de negro tendem a cair nas armadilhas de justificativas ou na idealização de qualidades. A estética do atleta vigoroso ou da mulata exuberante e sensual serve bem a esse propósito. [...] Daí o perigo de se fortalecer numa visão que aprisiona o negro em lugares em que sua identidade só pode ser delineada através de utopias e anacrônicas que desarticulam a sua efetiva integração na sociedade como cidadão. (FONSECA, 2010, p.94-95).

A própria Conceição Evaristo se sente incomodada com a cor parda que lhe é dado em seu registro de nascimento.

Sou mineira, filha dessa cidade, meu registro informa que nasci no dia 29 de novembro de 1946. Essa informação deve ter sido dada por minha mãe, Joana Josefina Evaristo, na hora de me registrar, por isso acredito ser verdadeira. Mãe, hoje com os seus 85 anos, nunca foi mulher de mentir. Deduzo ainda que ela tenha ido sozinha fazer o meu registro, portando algum documento da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de cor parda, filho da senhora tal, que seria ela. Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra⁷. (EVARISTO, 2009, p.1).

Fonseca (2010) salienta ainda que, seguindo uma trilha de redescoberta e de ressignificação, muitos textos têm procurado reavaliar as imagens do negro que estão

⁷ Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Texto publicado no Portal Literafro da UFMG. Texto publicado em Escritoras Mineiras – Poesia, ficção, memória. (org.) Constância Lima Duarte, Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2010. Disponível em: <http://nossaescrivencia.blogspot.com.br/search/label/apresentacao>. Acesso: 11 nov 13.

presentes nas formações imaginárias da nação brasileira, além de revisar mitos que tentam amenizar o impacto da presença de mais de três milhões de escravos africanos que foram trazidos para o Brasil, da segunda metade do século XVI ao final do século XIX. O fato é que, segundo a autora:

Todos esses textos têm ajudado a construir um olhar mais crítico sobre questões específicas da população negra, tanto na desarticulação de mitos que apaziguam os intensos conflitos existentes na sociedade, quanto na análise de ações que, querendo-se libertadoras, acabam por reiterar posturas conciliatórias e bastante cuidadosas com relação à questão da discriminação racial no Brasil. (FONSECA, 2010, p.96).

Neste contexto, no romance *Ponciá Vicêncio*, dentre as várias situações que a autora apresenta para retratar essa realidade que marginaliza o negro ou o descendente do negro, e em especial a mulher negra é a situação da personagem a prostituta Bilisa que assim como Ponciá veio da roça para a cidade com a ideia de trabalhar e vencer na vida. Porém os lugares que lhes são reservados acabam por marginalizá-los, limitar sua condição de cidadão na sociedade em que vivem.

Bilisa, como ele e a irmã, viera da roça para a cidade. Não era das redondezas dele. Viera com a ideia de trabalhar. Trabalhou muito, juntou algum dinheiro com o propósito de voltar à casa dos pais para buscá-los e os irmãos. Um dia, não se sabe como, a caixinha de dinheiro que ela guardava no fundo do armário sumiu. Sumiram as economias, o sacrifício de anos e anos. Bilisa se desesperou. [...] Bilisa estava cansada. Tinha de começar tudo de novo. Não, não começaria mesmo! A cozinha, a arrumação da casa, o tanque, o ferro de passar roupa... Haveria de ganhar dinheiro mais rapidamente. (EVARISTO, 2003, p.98-99).

Entretanto, ao longo da história do povo brasileiro, o negro foi sempre reconhecido por códigos que os impunham tarefas mal remuneradas que os impediam de integrar a sociedade. “O que vemos neste cenário, é que apesar de libertas, as mulheres negras continuam excluídas da lógica social e econômica do país”. (TOKITA, 2013, p.122). Dessa forma:

A cor da pele, mesmo quando esmaecida pelo mito da harmonia racial, é sempre recorrência a um sistema de relações em que ser negro continua a ser significado por formas de despersonalização construídas pelo ideário escravocrata. Por isso, sobre os indivíduos marcados pela cor negra da pele, a violência pode ser exercida como atividade natural, pois, tornada rotineira no cotidiano da escravidão, nem mesmo parece constranger a sociedade, ao continuar ser exibida em atos corriqueiros que expressam a eficácia do controle a ser exercido sobre os indivíduos marcados por sinais que desaprovam a sua integração na sociedade. (FONSECA, 2010, p.97)

Também em *Ponciá Vicêncio* esses sinais que desaprovam a integração do negro na sociedade são claramente apresentados por Conceição Evaristo, quando, por exemplo, Luandi é chamado pelo delegado para falar a respeito do crime que ocasionou a morte da prostituta Bilisa.

Alguns dias, depois de tudo, o delegado mandou chamá-lo e, perto de Soldado Nestor, falou do susto que o fato lhe causara. Nunca, em tantos anos de trabalho, ele havia cuidado de um crime tão brutal com aquele. [...] Nada de gostar de mulher-dama. Ele dera até sorte, pois Negro Climério poderia ter feito o mesmo com ele também. E que Luandi não levasse a mal o que ele ia dizer, mas quase todo negro era vagabundo, baderneiro, ladrão e com propensão ao crime. (EVARISTO, 2003, p.118)

Portanto, o que se nota é a incapacidade do povo brasileiro de se enxergar realmente como é, de forma que, reforça um racismo camuflado que freiam ações eficazes, contra a discriminação crescente.

Nota-se que no Brasil, as imagens construídas sobre os negros são produzidas em uma sociedade que anseia por ser harmônica e democrática, mas não sabe lidar com a cor que tem. “[...] Por esse motivo, as imagens depreciativas sobre os negros precisam ser reiteradas por estereótipos que asseguram aos não negros as qualidades negadas aos ‘de cor’.” (FONSECA, 2010, p.99). Principalmente, no que se refere à realidade das mulheres negras. “Uma realidade é que agora as mulheres negras ganham status de cidadãs livres, mas na prática, a lógica escravagista continua presente nos corpos dos senhores de escravos e da sociedade brasileira”. (TOKITA, 2013, p.121)

Fonseca (2010) afirma ainda que, a partir dos traços do negro e da negrura, constroem-se imagens do diferente que reforçam um olhar que se fixa em detalhes, que por si só são excludentes em nossa sociedade. Por isso, o negro precisa ultrapassar os estereótipos negativos que os distanciam do padrão de beleza aceito pela sociedade. Além disso, esses valores negativos que são atribuídos a detalhes do corpo de negros e mestiços produz uma baixa autoestima responsável pela propagação de ideias de branqueamento, além de levar o sujeito negro a repudiar sua cor e seu próprio corpo.

Por isso, na tentativa de fortalecerem as manifestações da herança africana, mitos sobre a questão da cor e de raça no imaginário da nação brasileira estão sendo recolocados em questão.

Sem perder de vista o lugar de afirmação do negro. Apesar do longo caminho, o percurso vem sendo percorrido, a ocupação pelos negros e seus descendentes tem crescido, mesmos que timidamente, nos espaços históricos de nossa constituição enquanto povo, e isso se deve, principalmente, ao posicionamento de negros, tais como Ponciá Vicêncio que se valem do caminho da resistência e da denúncia por meio da memória, para assim preservar os traços característicos da cultura negra. Desta feita, a escritora Conceição Evaristo “assume a insubordinação como posição ideológica por encenar, literariamente, a dominação masculina e situações de exclusão social” (DIOGO, 2010, p.1).

Frisa-se que essa resistência pode ser sentida tanto nos atos denunciadores da realidade vivenciada pelos negros neste romance, como pelos traços culturais que este grupo busca manter para resgatar suas raízes. Aliás, conforme a autora, resistência deveria chamar o monumento que foi erguido na Rua Albita, local onde sua mãe enterrou o seu umbigo, na capital mineira.

O pequeno monumento que foi erguido, não em memória aos antigos e primeiros da área, se chama “Otimismo”. Não sei por que pensei em nossos mortos, em todas as pessoas que viveram ali. E agradei à vida o momento que estou vivendo agora. Impliquei com nome dado à escultura e fiquei curiosa. Qual seria o motivo daquela estátua? E porque o nome “Otimismo”? Outros nomes e sentidos me vieram à mente. Um deles insiste: resistência, resistência, resistência... (EVARISTO, 2009, p.5).

Conceição apresenta está memória ancestral, através do barro que é metaforizada em seu fazer artístico, sendo representada como veículo de denúncia e resistência dos negros, como forma que recuperar a participação que lhes fora roubada na história do país. O barro aparece como elemento de recuperação de uma memória do negro que se busca recuperar.

[...] E, sem que Luandi pedisse, o amigo, também emocionado, pegou o cartãozinho branco que estava ao lado dos objetos e leu: “Autores: Maria Vicêncio e filha Ponciá Vicêncio” /Região: Vila Vicêncio/Proprietário: Dr.: Aristeu Pena Forte Soares Vicêncio. Luandi olhava os trabalhos da mãe e da irmã como se o visse pela primeira vez, embora se reconhecesse em cada um deles. [...] Luandi tomou do cartãozinho branco e reconheceu o nome das duas, quis levar a indicação consigo, mas recuou. Estava feliz também, porque na criação da mãe e da irmã estava apontados os nomes delas como autoras. [...] Pessoas, animais, utensílios de casa, tudo coisas de faz-de-contas, objetos de enfeitar, de brincar. Criações feitas, como se as duas quisessem miniaturar a vida, para que ela coubesse e eternizasse sobre o olhar de todos, em qualquer lugar. (EVARISTO, 2003, p. 104-105).

No romance, Luandi, irmão de Ponciá à medida que contemplava os objetos do seu passado aflorava-lhe as lembranças da vida na roça, pois os trabalhos confeccionados no barro por sua irmã e pela sua mãe “contavam parte de uma história. A história dos negros talvez. A irmã tinha os traços e os modos de Vô Vicêncio”. (EVARISTO, 2003, p.126). Havia também, certa urgência por parte da protagonista em trabalhar o barro, a ponto de seus dedos coçarem até sagrar.

Na primeira manhã em que Ponciá Vicêncio amanheceu novamente no emprego depois do retorno à terra natal, levantou-se com uma coceira insistente entre os dedos das mãos. Coçou tanto até sangrar. [...] Correu lá no fundo da casa, no seu quarto de empregada, e tirou o homem barro de dentro da trouxa. Cheirou o trabalho, era o mesmo odor da mão. Ah! Então, era isso! Era o Vô Vicêncio que tinha deixado aquele cheiro. Era de Vô Vicêncio aquele odor de barro! O homem chorava e ria. Ela beijou respeitosamente a estátua sentindo uma palpável saudade do barro. Ficou por uns instantes trabalhando uma massa imaginária nas mãos. Ouviu murmúrios, lamentos e risos... Era Vô Vicêncio. Apurou os ouvidos e respirou fundo. Não, ela não tinha perdido o contato com os mortos. E era sinal de que encontrara a mãe e o irmão vivos. (EVARISTO, 2003, p.73-74).

Esse barro é uma maneira de representação da arte. E a arte pode ser vislumbrada como uma forma de escapar, suportar o mundo sem enlouquecer. De forma que, a partir daquele fazer artístico é como se houvesse um ritual que aproximava Ponciá Vicêncio dos

seus antepassados e de sua parentela. O dilaceramento de sua expressão se materializava através da ausência do contato físico com o barro.

A saudade que ela dizia sentir do pai e do avô mortos, da mãe e do irmão desaparecidos. Ela, às vezes, dizia também que tinha saudade do barro e, de tempo em tempo, apresentava um incomodo entre os dedos que coçava até sangrar. (EVARISTO, 2003, p.109).

Além disso, romance é composto por pensamentos e lembranças que não seguem uma linearidade, de forma que se cruzam fatos do passado e presente em forma de devaneios, como forma de passar a ideia de uma identidade fragmentada, no caso a dos negros ou mais precisamente da mulher negra. Assim, conforme palavras de Duarte (2009), a autora “busca trazer o leitor os dramas vividos na modernidade brasileira, com suas ilhas de prosperidade cercadas de miséria e exclusão”. (p.81)

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que havia acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou relembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia apenas que, de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava a encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu. (EVARISTO, 2003, p.45).

Justamente por essa identidade aparecer de maneira fragmentada é que ela aponta semelhanças entre ela e seu Vô Vicêncio na narrativa e que não aparecem por acaso, pois a partir dessa relação com o outro se revela traços identitários que não marcam apenas sua vivência, mas também a de seu grupo étnico.

Ela era a pura parença com Vô Vicêncio. Tanto o modo de andar, com o braço para trás e a mão fechada como se fosse cotó, como ainda as feições do velho que se faziam reconhecer no semblante jovem da moça. A neta, desde menina, era o gesto repetitivo do avô no tempo. (EVARISTO, 2003, p.63).

Daí era preciso compreender que “A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser” (EVARISTO, 2003, p.127). Até

porque ao final da narrativa *Ponciá* numa espécie de transe “Desfiava fios retorcidos de uma longa história” (EVARISTO, 2003, p.127). Em movimentos circulares, ela andava com uma das mãos fechadas e o braço para trás, ou com as palmas abertas fazia movimentos calmos e ritmados “como se estivesse moldando alguma matéria viva”. (EVARISTO, 2003, p.127).

Nota-se que mais uma vez a arte aparece como fonte de representação das mutilações e ausências do corpo negro, mas também como forma zelosa do fazer artístico. Desse modo, Duarte entende a autoria “[...] não apenas como um dado exterior, mas na condição de traduzida em constante discursiva integrada à materialidade da construção literária”. (Duarte, 2008, p.15)

Todo cuidado Ponciá Vicêncio punha nesse imaginário ato de fazer. Com o zelo da arte, atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como buscava ainda significar as mutilações e as ausências que também conforma um corpo. Suas mãos seguiam reinventando sempre e sempre. E quando interrompiam o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda. Seus passos em roda se faziam ligeiramente mais rápidos então, sem contudo se descuidar das mãos. Andava como se quisesse emendar um tempo ao outro, seguia agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de vir. (EVARISTO, 2003, p.128).

A esse respeito, Conceição Evaristo afirma em entrevista concedida 18 de julho de 2007, a respeito do zelo do fazer artístico:

[...] A ausência de sua mão é que o faz reconhecido, percebido. Eu trabalhei bastante o texto final do livro. Eu queria falar da própria arte da literatura. Quando construo o texto e trabalho as palavras, é como Ponciá trabalha o barro. Aquele cuidado dela é como o que a escritora tem com a feitura do texto. (ARRUDA, 2007, p.102).

Esse fazer artístico então é um modo de dar voz ao negro e dar a ele protagonismo em sua própria história, essa centralidade de trazer a temática da negritude nos escritos é uma característica que perpassa as obras dos escritores afrodescendentes como maneira de reavivar os meandros de sua cultura e manter ativa a memória sobre suas tradições, assim é que “essa presença do passado como referência para as demandas do presente confere à escrita dos afrodescendentes uma dimensão histórica e política específica” (DUARTE, 2007, p.25).

Portanto, ao final do romance, Maria Vicêncio, mãe de Ponciá, sabia exatamente qual era sua missão. Reconduzir a filha a casa, à beira do rio. “Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a sustância, o húmus para o seu viver” (EVARISTO, 2003, p.125). Dessa forma, também como símbolo de resgate de uma identidade perdida e uma representação do entrelaçamento entre passado-presente-futuro aparecem as águas do rio. “Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio”. (EVARISTO, 2003, p.128).

Assim, como o rio que dá a ideia de ciclo, surge também no céu um enorme angorô multicolorido, ou seja, não importa a cor se é negra, moreninha ou mulata. O passado-presente-futuro se entrecruza, o ciclo permanece, conforme retratado no poema *Vozes Mulheres* de autoria da própria Conceição Evaristo, as vozes ainda ecoam lamentos, vozes caladas, engasgadas na garganta, seja nos porões dos navios negreiros, nas cozinhas dos brancos, embaixo das trouxas de roupas ou pelo caminho empoeirado rumo à favela. Conforme se observa no trecho abaixo:

[...]
 A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 Recolhe em si
 A fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 o eco da vida-liberdade”⁸.

Dessa maneira, o que percebe-se nessa obra é o resgate do passado por meio da vida do pai, da mãe e do avô de Ponciá Vicêncio que vão traçar as características recorrentes na cultura afro-brasileira, o presente é visto através da vida que Ponciá vivenciou e vivencia e o futuro é vislumbrado pelas futuras gerações negras que crescerão

⁸ EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. (p.10-11). In: CAMPOS, Maria Consuelo Cunha; DUARTE, Eduardo de Assis. (org.). **Conceição Evaristo**. Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica. 2011. Volume 2. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.217.

sem perspectiva. Neste contexto, o rio é o elemento que vai mostrar esse ciclo por causa das ideologias já criadas, e que só será modificado por meio das atuais gerações que devem valorizar a cultura negra. “A menina buscava a argila nas margens do rio. Depois de seco, a mãe punha os trabalhos para assar num forno de barro também. As coisinhas saíam então duras, fortes, custosas de quebrar”. (EVARISTO, 2003, p.21).

Segundo Octávio Ianni (2011), “a literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. [...] é um imaginário que se articula por autores, obras, temas, invenções literárias”. (p.183). Dessa forma, “a literatura das escritoras assume a insubordinação como posição ideológica por encenar, literamente, a dominação masculina e situações de exclusão racial.” (DIOGO, 2010, p.1).

Neste contexto, a escritora Conceição Evaristo “traça o perfil da mulher negra vivendo numa sociedade pós-abolicionista que deixa o afrodescendente em posição tão vulnerável à supremacia do branco quanto àquela vivida durante o regime escravocrata”. (ROCHA, 2011, p.54). Nesse processo de recuperação da memória afrodescendente associado à ideia de construção de uma identidade negra é importante ressaltar o papel da escrita feminina, especialmente, de mulheres negras que muitas vezes sofrem a exclusão racial e de gênero por estarem relacionados à falta de instrução.

A respeito disso, Lídia Avelar Estanislau (2010) assevera que, cabem às mulheres, em especial, às negras categorias ocupacionais de menos prestígio e remuneração, mesmo que seja considerável o número de mulheres com escolaridade superior. “As negras permanecem mal remuneradas ou são preteridas pelo mercado de trabalho, sob o eufemismo da ‘boa aparência’”. (ESTANISLAU, 2010, p. 216).

Neste contexto, em *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo nos apresenta a escrita de seus personagens, como critério de crítica e denúncia da exclusão racial e de gênero que tantas mulheres negras enfrentam apesar de uma boa escolarização. A esse respeito Constância Lima Duarte (2013) afirma que:

A competência de Conceição Evaristo para mergulhar fundo no pensamento e na ação do oprimido, e construir sua ficção verdade, pode ser verificada não apenas em seus contos, mas também nos poemas e romances que já publicou. Aliás, mais uma vez ela afirmou que a gênese de sua escrita está no acúmulo de tudo que ouviu e viveu desde a infância. (DUARTE, 2013, p.3).

Dessa forma, Maria Vicêncio, mãe de Ponciá, acredita que se a filha aprendesse a ler poderia conseguir um destino diferente dos seus na cidade. Por isso, quando chegou à notícia na roça de que os missionários iriam montar uma escola, ela tratou logo de consentir a filha que estudasse.

Quem sabe a menina um dia sairia da roça e iria para a cidade. Então, carecia de aprender a ler. Na roça, não! Outro saber se fazia necessário. [...] O saber que se precisa na roça difere em tudo do da cidade. Era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra. (EVARISTO, 2003, p. 28).

Porém, não tardou para que, Ponciá percebesse que seu saber de pouco adiantaria na cidade.

Antes gostava de ler. Guardava várias revistas e jornais velhos. Lia e relia tudo. [...] um dia Ponciá juntou todas as revistas e jornais e fez uma grande fogueira com tudo. De que valia ler? De que valia ter aprendido a ler? No tempo em vivia na roça, pensava que, quando viesse para a cidade, a leitura lhe abria meio mundo ou até o mundo inteiro. (EVARISTO, 2003, p. 91).

Também, o pai de Ponciá conhecia todas as letras do alfabeto. Porém, não conseguia formar as sílabas e nem as palavras. “Aprendera ler as letras numa brincadeira com o sinhô-moço. Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais”. (EVARISTO, 2003, p.17). O sinhozinho logo que percebeu que negro aprendia, parou a brincadeira. “O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber”. (EVARISTO, 2003, p. 17).

Além do pai de Ponciá, o irmão também é mencionado na questão do saber a ler. Lundi José Vicêncio “aprendeu a ler, escrevia o próprio nome, e ia aprender muito mais”. (EVARISTO, 2003, p.114). E de fato, o saber a ler e escrever lhe possibilitou conquistar a função de soldado, na delegacia em que trabalhava limpando o chão. Mas, assim como a irmã, percebeu que o sonho de vestir “os trajes da importância”, estavam distante do projeto maior, ou seja, “[...] não bastava saber a ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus”. (EVARISTO, 2003, p.127).

Todos esses exemplos, relacionados ao “saber ler”, das personagens de Conceição servem para reflexão daquilo que afirma Alzira Rufino (1997) quando diz que:

A mobilidade profissional é tão restrita para a mulher negra que, mesmo aquela que consegue um grau maior de escolaridade, é obrigada a continuar a trabalhar como doméstica por ver limitado seu acesso a outras atividades. O que predomina é o item cor, não a escolaridade que a mulher negra já (a duras penas) alcançou. (RUFINO, 1997, p.20).

A própria Conceição Evaristo sentiu na pele o preconceito que sofre uma mulher negra em relação à escolarização. Proveniente de uma linhagem de mulheres que prestavam serviços de “[...] cozinheiras, arrumadeiras e lavadeiras que serviram a tradicionais famílias da cidade, encontrou dificuldades imensas quando se dispôs a estudar”. (DUARTE, 2007, 23). Logo:

Enquanto trabalhava como doméstica e após concluir o Curso Normal, eu sonhava em dar aula em Belo Horizonte. Mas aí entra uma questão seriíssima. Em 1971, não havia concurso para o magistério e, para ser contratada como professora, era necessário apadrinhamento. E as famílias tradicionais para quem nós trabalhávamos não me indicariam e nunca indicaram; não imaginavam e não queriam para mim um outro lugar a não ser aquele que “naturalmente” haviam me reservado. Houve mesmo uma patroa de minha tia, numa casa em que eu ainda menina e já mocinha ia fazer limpeza, lavar fraldas de bebês, ajudar nas festas, entregar roupas limpas e buscar as sujas, que fez a seguinte observação: “Maria, não sei porquê você esforça tanto para a Preta estudar”. (EVARISTO *apud* DUARTE, 2007, p.23)

Assim, como Lúcia Avelar Estanislau (2010), Alzira Rufino (1997) acredita que por causa do preconceito, a mulher negra enfrenta um mercado de trabalho com limitações, por causa da cor da pele, por causa de sua aparência. Dessa forma, apesar dos grandes progressos e conquistas realizados pelos movimentos feministas, nas últimas décadas, as mulheres negras acabam por não usufruir os mesmos direitos das mulheres brancas.

Na verdade, esses movimentos não incluem preocupações de raça, de forma que, as mulheres negras não se veem ali representadas. Dessa forma, elas ficam expostas a vários tipos de exclusão, assédio sexual, dentre outras situações agravantes, tais como violência doméstica. Daí a intenção da autora, em conscientizar mulheres negras que, “na medida em que se libertam dos estereótipos de mulata-tipo-exportação, acreditando no seu potencial

⁹ Depoimento de Conceição Evaristo concedido a Eduardo de Assis Duarte em 2 de março de 2006.

intelectual e na sua própria força, as mulheres negras fortalecem sua autoestima, apoiadas em sua história de resistência”. (RUFINO, 1997, p.23). A própria Ponciá foi vítima dessa violência doméstica, que tantas outras mulheres negras sofrem em nosso país. “Ao ver a mulher tão alheia, teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome.” (EVARISTO, 2003, p.20).

Porém, mesmo com todos os percalços enfrentados pelos negros e, em especial pela mulher negra, a autora acredita que a escrita seria o meio de reverter o apagamento do protagonismo do negro na história do país. Por isso, “tomo como objeto a obra de Conceição Evaristo, que, a meu ver, contém as marcas identitárias de mulheres que estão reescrevendo a história literária brasileira” (DUARTE, 2013, p.2).

Aliás, a escrita na obra de Conceição Evaristo toma contornos poéticos e compromisso social, mesmo quando ela apresenta suas funções utilitárias. A autora expõe que, o primeiro sinal gráfico que lhe foi apresentado como escrita veio de um gesto antigo de sua mãe. Que “na composição daqueles traços, na arquitetura símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero. [...] É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso?”. (EVARISTO, 2007, p. 16). Mas ainda, quando menina a escrita lhe apareceu em sua função utilitária e às vezes constrangedora, era o momento de devolução das roupas limpas.

Uma leitura solene do rol acontecia no espaço da cozinha das senhoras:

- 4 lençóis brancos,
- 4 fronhas,
- 4 cobre-leitos,
- 4 toalhas de banho,
- 4 toalhas de rosto,
- 2 toalhas de mesa,
- 15 calcinhas,
- 20 toalhinhas,
- 10 cuecas,
- 7 pares de meias, etc., etc., etc. (EVARISTO, 2007, p.17).

Assim, “A literatura de autoria assumidamente negra – como esta – assinada por Conceição Evaristo – ao mesmo tempo projeto político e social, testemunho e ficção, está se inscrevendo de forma definitiva na literatura nacional” (DUARTE, 2013, p.6). Também através de uma linhagem memorialista, como dito anteriormente, Conceição nos apresenta a imagem de sua mãe e de um Diário escrito por ela, Evaristo questiona:

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita?

Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, com também pela escolha da matéria narrada.

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (EVARISTO, 2007, p.20-21).

Portanto, para a autora de *Ponciá Vicêncio*, mesmo que exista o eufemismo da “boa aparência”, citado por Estanislau, a escrita representa sua auto-inscrição no mundo. “A escrita literária foi o local onde a poeta Conceição Evaristo encontrou refúgio. E é como uma refugiada que Evaristo vai conduzir sua escritura” (SENA, 2012, p.288). E na condição de mulher negra inserida nos espaços culturais brasileiros, a escrita adquire um sentido de insubordinação. Pois a constituição dessa escrita “permite abandonar estereótipos que durante muito tempo caracterizaram o afrodescendente e que ressaltavam apenas seus atributos físicos, [...] sua falta de inteligência”. (ROCHA, 2011, p.54)

Também, em entrevista concedida a Eduardo de Assis Duarte, em novembro de 2006, Conceição Evaristo explica a origem do diário que sua mãe escrevia. Segundo a escritora, o diário significou o impacto que a leitura do *Quarto de despejo* causou na vida delas.

Foi a partir da leitura do livro de Carolina de Jesus, mulher negra e favelada, migrante mineira em São Paulo, que minha mãe desenvolveu o desejo da escrita. Nas páginas da outra favelada nós nos encontrávamos. Conhecíamos, como Carolina, a aflição da fome. E daí ela percebeu que podia escrever como a outra, porque ela era também a Outra... São lindos os originais de minha mãe, caderninhos velhos, folhas faltando, exteriorizando a pobreza em que vivíamos. Ali, para além de suas carências, ela se valeu da magia da escrita e tentou, como Carolina, manipular as armas próprias do sujeito alfabetizado. No entanto, ela registrou mais que as necessidades do momento. É uma escrita que guarda a memória do cotidiano, da premência da vida no dia a dia,

entremeada, às vezes, por uma lembrança mais antiga. A nossa memória familiar, que cultua os nossos avós e bisavós, me chegou muito também por meio dos relatos de minha tia, a que me criou e que se foi aos 85 anos. (DUARTE, 2011, p. 147).

Duarte (2007) argumenta que, o texto de *Ponciá Vicêncio* destaca-se pelo território feminino de onde emana um olhar outro, marcado pela etnicidade, que provém a vozes das correntes arrastadas e uma discursividade específica. Dessa forma:

Vê-se que no romance fala um *sujeito étnico*, com as marcas da exclusão inscritas na pele, a percorrer nosso passado em contraponto com a história dos vencedores e seus mitos de cordialidade e democracia racial. Mas, também, fala um *sujeito gendrado*, tocado pela condição de ser mulher e negra num país que faz dela vítima de olhares e ofensas nascidas do preconceito. Esse ser construído pelas relações gênero se inscreve de forma indelével no romance de Conceição Evaristo, que, sem descartar a necessidade histórica do testemunho, supera-o para torná-lo perene na ficção”. (DUARTE, 2007, p.29).

De acordo com Maria Consuelo Cunha Campos e Eduardo de Assis Duarte (2011), a escrivência de Conceição Evaristo articula seus projetos literário e existencial, a uma longa e persistente militância social, étnica e de gênero, que se agrega a atuação acadêmica e a sua criação poética e narrativa. Portanto suas obras “revelam a consciência de pertencimento a um grupo social oprimido, que tem na pele a cor da exclusão, e está presente em cada personagem” (DUARTE, 2013, p.3). Desse modo, Evaristo:

Põe em cena, sob uma perspectiva feminina a afro-identificada, problemas do cotidiano de mulheres negras, conectando sua literatura às raízes étnicas. Centrados na temática afro-brasileira, seus escritos consubstanciam sua resistência ao sexismo, ao racismo e aos demais preconceitos e formas correlatas de exclusão. Mas sem perder a ternura jamais. (CAMPOS; DUARTE, 2011, p.213)

Neste contexto de militância, Evaristo apresenta em *Ponciá Vicêncio*, uma menina negra em que “nos tempos de roça”, “de casa e pau-a-pique”, “chão de barro batido”, “bonecas de espigas de milho”, “arco-íris feito de cobra coral” e “bebendo água no rio”, Ponciá gostava de ser mulher, ela era feliz.

Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-de-catarro, das canas e

do milharal. [...] Ponciá Vicêncio ria. Tudo era tão bom. (EVARISTO, 2003, p. 13)

Porém, na fase adulta, a personagem ao tomar consciência de sua condição de mulher negra, pobre e favelada se depara com uma realidade da qual ela prefere esquecer.

Ponciá Vicêncio interrompeu os pensamentos lembranças, levantou-se endireitando as costas que ardiam pelo soco recebido do homem e foi vagarosamente arrumar a comida. Olhou para ele, que se havia assentado na cama imunda, e se sentiu mais ainda desgostosa da vida. [...] Apesar da ida e vinda dela no tempo, em poucos instantes a janta ficou pronta. [...] Fechou os olhos e relembrou a casinha de chão de barro batido de sua infância. O solo era todo liso e por igual, mesmo seco dava a impressão de ser escorregadio. Tudo ali era de barro, panelas, canecas, enfeites e até uma colher com que a mãe servia o feijão. Ao se lembrar da mãe, sentiu um aperto no peito. O que acontecera com ela? Teria morrido? Precisava levantar algumas histórias do passado. [...] Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio. (EVARISTO, 2003, p. 24-26).

Assim, ao retratar estórias reais de mulheres negras, em sua trama ficcional e:

Através da densa trama rítmica que tece em sua escritura, Conceição Evaristo evoca e convoca as sensibilidades das mulheres negras marginalizadas. Dessa sensibilidade da diferença, emergem as contestações das fronteiras rígidas, visto que rompem categorias estanques do pensamento ocidental. Dessa forma, emerge uma consciência que opera em contraponto, na qual a composição polifônica e híbrida desarticula a força homogeneizante que visa excluir as vozes dissidentes. (SENA, 2012, p.291).

Vê-se no capítulo anterior, que Ponciá desde criança se incomodava com sua identidade, ou melhor, dizendo com a falta de identidade. Tanto que, a personagem Ponciá, no exercício de autoflagelo, copiava o nome e o repetia, no intuito de encontrá-la. “Às vezes, num exercício de autoflagelo ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. E era tão doloroso quando grafava o acento”. (EVARISTO, 2003, p.29). Dessa forma:

Ponciá é uma mulher que se situa no truculento momento do pós-abolição. Seu corpo vive da maneira mais intensa possível, a experiência do não lugar, que cabiam às mulheres negras neste momento. Seu

sobrenome, “ganhou” do antigo senhor de escravo, dono da fazenda. Sua família ainda vivia na mesma fazenda, fazendo os mesmo trabalhos e sendo submetidos às mesmas humilhações de outrora. Ponciá se permite viver novas experiências e vai para a cidade, assim a estória segue com uma beleza poética e uma tristeza profunda de quem sabe no corpo o significado das palavras ali contidas. Assim, o país se vê com um contingente enorme de pessoas que ocupam um não lugar social. (TOKITA, 2013, p.121).

Apesar de uma infância feliz Ponciá se sentia incomodada “A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha, então, vontade de choros e risos” (EVARISTO, 2003, p.19). Quando adulta essa necessidade de traçar sua própria história chegou forte, o meio seria mudar para cidade. Dessa forma, “a crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites. [...] Haveria, sim, de traçar o seu destino”. (EVARISTO, 2003, p.36). Diante do exposto:

Somando-se a condição do não lugar, à baixa escolaridade, à discriminação pela cor e pelo gênero, o que temos são mulheres que com uma potência subjetiva imensa, seguiram em frente, construíram suas histórias e engendraram lutas por outras condições de vida. (TOKITA, 2013, p.123).

Portanto, conforme palavras da própria Conceição Evaristo, escrever para ela significa insubordinar aquilo que lhe é imposto por uma sociedade preconceituosa. Dessa forma, escrever para Evaristo pressupõe:

[...] um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. (EVARISTO, 2007, p.20-21).

Assim, a escrita de Conceição Evaristo, mostra-se solidária e identificada com a realidade dos menos favorecidos, especialmente, com a realidade marginalizada de mulheres negras. “Escrevivência – escrever a existência – meio conceito, meio desafio para o eu lírico transcender o biográfico, e se colocar na base da escrita desta mulher madura, lúcida e solidária” (DUARTE, 2013, p.3). Dessa forma, através de suas personagens a autora demonstra a necessidade dessas mulheres negras de traçar sua própria história e assim, abandonar estereótipos que os caracterizam de forma negativa.

CONCLUSÃO

Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação das mulheres que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi aí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita, ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?

(Conceição Evaristo, 2007)

Refletir sobre os meandros da escrita feminina afrodescendente na literatura brasileira foi um dos objetivos desse trabalho. Este trabalho surge com uma proposta de mostrar as configurações históricas que permitiu na literatura se compreender as nuances de uma literatura afro-brasileira, bem como o resgate de uma herança identitária e a representação do sujeito feminino negro, através do romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. O livro Conceição Evaristo nos mostra que por meio da escrita feminina é possível se fazer conhecida uma literatura daqueles que até então, foram colocados à margem de uma História que omitiu e renegou os afrodescendentes. Uma Literatura que, quando trata de personagens negros sempre os retratam de forma estereotipada e desprovidos de fala. Dessa forma, pudemos verificar a escrita feminina neste romance como uma forma de insubordinação e resistência, as imagens deturpadas dos negros que estão presentes nas formações imaginárias da nação brasileira.

Nota-se que há uma interação entre gênero, identidade e memória na análise desta obra. Portanto, discutimos os lugares que são reservados aos negros, especialmente as mulheres negras que acabam por marginalizá-las e limitar sua condição de cidadã na sociedade em que vivem. A partir de discussão sobre o surgimento de movimentos feministas pudemos compreender que o anseio da mulher negra não se encontra representados nesses movimentos.

Percebe-se no romance o quão importante é a luta pela construção de uma identidade negra como meio de ampliar espaços de propagação da cultura afrodescendente. Portanto, a literatura torna possível não só expressar, como organizar uma parte importante da consciência social do negro. Assim, Evaristo apresenta através dos seus personagens o propósito de busca por uma memória perdida como ponto importante na construção de sua identidade. Como forma de se tornarem sujeitos de sua própria história. Para tanto, a autora constrói personagens complexos que ajudam alterar estereótipos que criam imagens negativas contra o negro, de forma que, reforçam o preconceito e a exclusão contra os negros, especialmente contra as mulheres negras.

Neste contexto, Evaristo apresenta Ponciá que em sua fase adulta percebe que a violência e limitações enfrentadas estão intimamente ligadas a sua condição de ser mulher e negra, daí o desejo de passar pelo arco-íris e se tornar homem, para fugir daquela situação que retira sua dignidade e identidade. “Somando-se a condição do não lugar, à

baixa escolaridade, à discriminação pela cor e pelo gênero, o que temos são mulheres que com uma potência subjetiva imensa, seguiram em frente, construíram suas histórias e engendraram lutas por outras condições de vida”. (TOKITA, 2013, p.123).

Além disso, essa protagonista carrega consigo uma herança identitária. Essa afirmação da identidade da mulher negra sofre progressões no decorrer do romance e se concretiza ao final da narrativa, por meio de elementos simbólicos como o barro, o rio, o arco-íris. A autora apresenta costumes e tradições dos afro-brasileiros, tal como, o respeito pela sabedoria dos mais velhos, como forma de tecer e costurar identidades, a partir da memória. Através dessa busca intemporal Ponciá tenta recuperar e reconstituir sua família, memória e identidade. Para tanto, a narrativa conta com a participação de outros personagens que ajudam na denúncia daquilo que foi vivido na escravidão do passado e dos resquícios que ainda sobrevivem nos dias atuais.

Dessa forma, o romance *Ponciá Vicêncio* surge como forma de rejeição das imposições sociais normalmente aceitas que são retratadas por meio da escrita de Conceição Evaristo que assim como ela sugere no romance, através da relação de Ponciá com o barro, utilização da arte como meio de resistir, insubordinar aquilo que lhe é imposto por uma sociedade preconceituosa e segregadora. Logo, “Escrevivência – escrever a existência – meio conceito, meio desafio para o eu lírico transcender o biográfico, e se colocar na base da escrita desta mulher madura, lúcida e solidária” (DUARTE, 2013, p.3). Assim, através de uma personagem feminina negra, a autora também afro-brasileira e que, portanto, carrega consigo a incidência daqueles que vivem tal situação nos apresenta relatos em forma de denúncias da condição de ser mulher negra no Brasil.

REFERÊNCIAS POR SEÇÃO:

SOBRE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA:

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 31. Brasília, 2008, (p.11-23).

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura Negra os sentidos e as ramificações.** In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). Literatura e afro descendência no Brasil: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, (p.245-277).

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **A produção literária afro-brasileira.** In: Literatura Negra, Literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? 2006, p.35-38. Disponível em: http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/literatura%20afrobrasileira_cI.pdf. Acesso em: 25 Nov 2013.

IANNI, Octavio. **Literatura e consciência.** In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira.** Estudos Avançados 18 (50). 2004.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU.** 1 ed., 1 reimp. Belo horizonte: Autêntica, 2006. p. 95-104.

DE CONCEIÇÃO EVARISTO:

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe:** um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos Antônio (org.). Representações performáticas brasileiras. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo.** Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafr/data1/autores/43/dadosatualizados3.pdf> 2009. Acesso: 10 out 2013.

SOBRE CONCEIÇÃO EVARISTO:

ARAÚJO, Giselle. **Conceição Evaristo: foco na cultura afro-brasileira.** Entrevista realizada em 2007. Disponível em: www.santaluzianet.com/modules/news/article.php?storyid=674. Acesso em: 10 nov 2013.

ARRUDA, Aline. **Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um bildungsroman feminino e negro.** Dissertação de Mestrado (UFMG), Belo Horizonte, 2007. Entrevista

com Conceição Evaristo, concedida a Aline Arruda (2007). Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECAP-76RF2H/1/aline-arruda-texto.pdf>. Acesso em: 27 dez 2013.

ARRUDA, Aline Alves. **Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: Um Bildungsroman Feminino e Negro**. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/literafrro/data1/autores/43/conceicaocritica02.pdf>. Acesso: 20 mar 2014.

ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

BARBOSA, Maria José Somerlate (University of Iowa). **Prefácio**. In: EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Editora Mazza, 2003. p.7-12.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha; DUARTE, Eduardo de Assis. (org.). **Conceição Evaristo**. Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica. 2011. Volume 2. Belo Horizonte: Editora UFMG.

DIOGO, Rosalia Estelita. **Paulina Chiziane e Conceição Evaristo: Escritas de resistência**. Fazendo Gênero 9; Diáspora, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010.

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277932283_ARQUIVO_ARTIGOfaZendogenero-final.pdf. Acesso em: 22 dez 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. **O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007 (p.22-29).

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura Afro-brasileira: Elementos para uma conceituação**. Acervo, Rio de Janeiro, v. 22, nº 2, p. 77-90, jul/dez 2009. Disponível em: <http://revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/viewFile/53/45>. Acesso em: 20 jan 2014.

Duarte, Eduardo de Assis. **Conceição Evaristo**. (Entrevista) In: DUARTE, Eduardo de Assis. FONSECA, Maria Nazareth Soares (Organizadores). **Sobre os autores**. Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica. 2011. Volume 4. Belo Horizonte: Editora UFMG. (p.417)

MACHADO, Bárbara Araújo. **A literatura em movimento (negro): Conceição Evaristo e a intelectualidade negra carioca (1982-2006)**. Disponível em: http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340393199_ARQUIVO_TextocompletoENHO.pdf. Acesso: 20 mar 2014.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. **"Escrivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo**. Rev. Estud. Fem. vol.17 no.2 Florianópolis May/Aug. 2009.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2009000200019&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 23 dez 2013.

SOBRE GÊNERO:

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem negra na literatura brasileira contemporânea**. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. www.lettras.ufmg.br/liteafro, 2013.

ESTANISLAU, Lídia Avelar. **Feminino Plural: negras do Brasil**. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares. Brasil afro-brasileiro (Org.). 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 211-228

PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

RUFINO, Alzira. **Mulher negra: uma outra história**. Disponível em: <http://www.irohin.org.br/onl/new.php?sec=news&id=2272-05/11/2007-10:36:13>. Acesso em 19 nov 2013.

RUFINO, Alzira. **O poder muda de mãos, não de cor**. Santos: S/I, 1997. Disponível em: <http://www.umbandaracional.com.br/iansa.html>. Acesso em 20 set 2013.

SENA, Tatiana. **Trançando identificações: a poética de Conceição Evaristo entre os movimentos negro e feminista**. A produção de autoria feminina - Vol. 2, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em:

<http://www.poscritica.uneb.br/revistaponti/arquivos/volume2-n1/20-TRAN%C3%87ANDO-IDENTIFICA%C3%87%C3%95ES-A-PO%C3%89TICA-revistaponti-vol2-n1.pdf>. Acesso: 02 jan 2014.

TOKITA, Márcia Figueiredo. **Mulheres negras**. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina. “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”. 10 a 13/09/2013. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v9_marcia_GVII.pdf. acesso: 22-12-13.

SOBRE IDENTIDADE:

BERND, Zilá. **A questão da negritude**. São Paulo. Editora brasiliense S.A., 1984.

BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p.23-69.

CARNEIRO, Sueli. **Identidade Feminina**. CACE informativo – boletim do Centro de Assessoramento e Coord. Empresarial 9CACE), ano II, n, 6, p.11, 1989. Disponível em:

<http://www.geledes.org.br/component/rsfiles/view%3Fpath%3Dcadernos-geledes/Mulher-Negra.pdf>. Acesso em: 22 nov 2013.

COIRO MORAES, Ana Luiza; FERREIRA, Jacineide T. da Silva. **Visibilidade negra na coluna social do jornal A palavra: estruturas de sentimento dominantes, residuais e emergentes**. Revista Eptic Online. Vol.15 n.3 p.101-116. Set.-dez. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/viewFile/1359/1357>. Acesso: 12 jan 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e Afro-descendência**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafr/data1/artigos/artigoeduardoafrodescendencias.pdf>. Acesso em: 12 nov 2013.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendente: Identidade em construção**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Visibilidade e ocultação da diferença**. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.). Brasil Afro-brasileiro. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. P. 87-115.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Outras expressões culturais afro-brasileiras**. In: Literatura Negra, Literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? 2006, p.26. Disponível em: http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/literatura%20afrobrasileira_cI.pdf. Acesso em: 25 Nov 2013.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34. 1ª Edição. 2001.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Stuart Hall, Kathryn Woodward. _Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. _ Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Stuart Hall, Kathryn Woodward. _Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P.7-72.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. Revista estudos feministas, vol.8, n.2, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewArticle/11917>. Acesso: 22 mar 2014.

SANTANA, Patrícia Maria dos Santos. **Memória, espaço e a necessidade de narrar a História dos vencidos no romance Ponciá Vicêncio**. Revista Garrafa 30, abril-junho de

2013. Disponível em:
http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa/garrafa30/patriciamaria_memoria.pdf. Acesso em: 13 dez 2013.

STRINGHINI, Viviane C. M. **Heranças da escravidão na narrativa Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. 2008. Disponível em:

http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie04/art_06.php. Acesso em: 12 dez 2013.

SOBRE MEMÓRIA:

ARAÚJO, Emanuel. **Negras memórias, o imaginário luso-afro-brasileiro e a herança da escravidão**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-40142004000100021&script=sci_arttext. Acesso em: 01 Nov 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MATOS, Manoela Fernanda Silva de. **A oralidade em Ponciá Vicêncio: uma pulsão da memória afrodescendente**. Boitatá, Londrina, n.15, p.106-117, jan-jul 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-15-2013/ManoelaFernanda.pdf>. Acesso: 22 dez 2013.

PERROT, Michelle. **Práticas da Memória Feminina**. Revista Brasileira de História. São Paulo, vol. 9, n. 18, p. 9-18.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1980, p. 3-15.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

ROCHA, Paraguassu de Fátima. **O discurso da memória e a identidade feminina na literatura afro-brasileira**. Entrelinhas – Vol. 5, n. 1 (jan/jun, 2011). Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/1150>. Acesso: 18 nov 2013.

SOUZA, Florentina da Silva. **Memória e Performance nas culturas afro-brasileiras**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007 (p.31-39).

ANEXOS:

II - Entrevista com Conceição Evaristo: Foco na cultura afro-brasileira. Realizada por Giselle Araújo da revista D+.

A autora Conceição Evaristo, nascida e criada numa favela de Belo Horizonte, trabalhou como doméstica, estudou magistério e só conseguiu emprego no Rio de Janeiro, onde consolidou a carreira de professora. Escreveu “Ponciá Vicêncio” na década de 90 e deixou na gaveta, até que decidiu bancar os primeiros mil exemplares, em 2003. A edição de bolso será lançada sábado, às 13h30, no Espaço Cultural Imaculada (Rua Aimorés, 1.600, Lourdes), em Belo Horizonte. Com textos publicados nos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha, além da coletânea “Cadernos negros”, do grupo paulista Quilombhoje, Conceição Evaristo revela em entrevista ao D+, a riqueza do universo feminino desvendado na literatura afro-brasileira.

1-Como você ingressou na literatura?

Escrevo desde a infância, guardando os textos, sem saber se tinham valor literário. Sempre encontrei na escrita uma maneira de suportar o mundo. Era o que me permitia viver, questionar, buscar respostas. Ganhei um prêmio de literatura, por volta dos 10 anos, quando terminei o primário, na Escola Estadual Barão do Rio Branco, em Belo Horizonte. Nos anos 90, tive poemas e contos publicados pela primeira vez, na coletânea Caderno negros, do grupo Quilombhoje, de São Paulo. Em 2003, banquei a publicação de Ponciá Vicêncio, pela Mazza Edições, obra que escrevi na década de 90. Mas meu primeiro livro foi Becos da memória, escrito em 1988 e publicado em 2006.

2-Você enfrentou muita resistência do mercado editorial?

Deixei os livros na gaveta até que resolvi bancar as primeiras edições, porque, como nova escritora, não conseguia chegar a nenhuma editora, e me entristeci com isso. Um autor já consagrado ou com presença na mídia tem mais acesso, ainda que escreva uma baboseira. Mas a situação é mais complicada para quem não está na mídia e ainda é negro e mulher. Se eu disser: fale cinco nomes de escritores brasileiros, todo mundo lembra rápido. Para citar mulheres escritoras, será preciso um esforço de memória. E se eu pedir o nome de uma escritora negra brasileira, o exercício será bem maior. Minha experiência traz à tona, sem sombra de dúvidas, grandes escritoras afro-brasileiras, como Geni, Guimarães, Lia Vieira, Míriam Alves, Maria Helena Vargas, Ana Cruz, entre outras. Infelizmente, as pessoas ainda esperam que a mulher negra se mantenha em determinados espaços, cumprindo funções como cozinhar, cantar, dançar.

3-Nessas condições, o que representa ter um livro na lista do vestibular de uma grande universidade?

Tenho recebido e-mails de jovens, negros e brancos, que lêem o livro e se identificam com a história. Percebo que, num mundo tão seco de emoções, a palavra literária ainda pode criar possibilidades de pessoas diferentes se encontrarem. Tem sido uma experiência muito gratificante ter tanto retorno de jovens de outras realidades, além da classe de onde saem os elementos do romance. Vejo que estando na lista do vestibular, chegando a escolas públicas, o livro encontra a possibilidade de retornar à sua origem. Ponciá Vicêncio é centrado numa comunidade afro-brasileira e, ao ser alçado por jovens das escolas públicas, onde há muitos afro-descendentes, possibilita a identificação desses leitores com elementos

da sua cultura sendo romanceados e valorizados, numa obra indicada para reflexão no vestibular.

4-Como os estudantes devem ler Ponciá Vicêncio para conseguir bons resultados na prova?

Não tenho a mínima noção do que será cobrado no vestibular. Acho que os estudantes deveriam observar a maneira de construção das memórias de Ponciá. Em determinados momentos, a fala do narrador se confunde com a fala da personagem, que segue retomando suas memórias. Também é interessante observar que o texto tem uma marca de oralidade muito grande. Estou há mais de 30 anos no Rio de Janeiro, mas a linguagem mineira não deixa de me atrair. As marcas de linguagem apontam para as culturas africanas, revelando a influência da etnia bantu na cultura negra do Brasil. Em muitos momentos, a narrativa de Ponciá se estabelece como um monólogo, expressando a intensidade interior da personagem. Para além da estrutura do texto, eu, como leitora, fico muito tocada com a afirmação de humanidade, não só de Ponciá, como de todos os personagens, como a prostituta Biliza e a velha Néngua Kaínda, que representa o respeito que as culturas africanas têm pelos mais velhos e sua sabedoria adquirida pela vivência.

5-A vida de Ponciá expressa a história de Conceição Evaristo?

Há uma relação muito grande entre o sujeito autoral com a ficção na literatura afro-brasileira. Mas Ponciá tem uma história própria, embora eu parta da vivência na comunidade negra para tirar os elementos da ficção. Começando minha história pelo lado feliz, digo que voltar a Belo Horizonte como escritora, com um livro indicado pela UFMG, consagra uma vida vitoriosa. Nasci e fui criada na cidade, em situação de extrema pobreza, numa favela no Bairro Cruzeiro. Em 1971, ainda morava na favela, que foi desapropriada, nos causando muita dor. Atravessei o chão da cidade com trouxas de roupa na cabeça para trabalhar na casa das patroas, ajudando minha mãe a catar papel para completar a renda. No entanto, a cidade me deu régua e compasso, e eu sai traçando meus caminhos. Tive muito apoio da família, especialmente da minha mãe e tia, para mudar o destino que as pessoas queriam que ficasse estabelecido para mim. Lembro-me que a professora de biblioteca Luiza Machado Brandão saiu em minha defesa quando outros professores se posicionaram contra o resultado do concurso de redação. Como prêmio, ganhei um missal, um livro para acompanhar as missas, que tenho até hoje, com dedicatória dessa professora, de quem eu gostaria de ter notícias.

A indicação do livro Ponciá Vicêncio para o vestibular 2008 da UFMG lança luz sobre o mercado editorial e tira da penumbra personagens que refletem a grandeza da cultura afro-brasileira.

ARAÚJO, Giselle. **Conceição Evaristo: Foco na cultura afro-brasileira**. Entrevistada em 2007. Disponível em: www.santaluzianet.com/modules/news/article.php?storyid=674. Acesso em: 10 nov 2013.

III – Entrevista Com Conceição Evaristo. Realizada dia 18/07/07, em Belo Horizonte. Por Aline Arruda (2007).

1 – Sei que o conceito de Literatura Afro-brasileira ainda é difícil de se fechar. Muito temos discutido sobre o assunto, mas, para você, em poucas palavras, em que consiste essa literatura?

Para mim a literatura afro-brasileira é uma produção literária nascida da experiência de vida do sujeito negro na sociedade brasileira. Refiro-me agora às palavras de Eduardo de Assis Duarte e de Cuti quando dizem que essa experiência negra se apresenta no texto de maneira consciente ou inconsciente. Ou seja, se o sujeito se resguarda no tempo com essa experiência negra, o ato de ele se resguardar é um indicativo. Eu não abro mão de pensar que essa literatura afro-brasileira tem a ver com a experiência do negro brasileiro.

2 - É conhecida sua frase "não nasci rodeada de livros, mas de palavras". Comente como essa sua vivência com as palavras influencia sua literatura.

Essa minha experiência com as palavras me acumulou de histórias. Certamente ela me ajudou a trabalhar minha sensibilidade diante das narrativas. Isso me provocou um certo encantamento, uma certa curiosidade em querer ouvir mais. Hoje tenho consciência de que quando ouço tais narrativas de familiares ou amigos, já preparo meu ouvido para o que poderei aproveitar dali, antes era inconsciente. Meu texto não é somente intuitivo, eu o trabalho, escolho as palavras, leio-o em voz alta, choro com o texto. Essa experimentação me trouxe o encantamento pelos sons das palavras. Gosto de ficar testando-as. É nesse sentido que afirmo não ser intuitivo. Se é intuição, há um trabalho com ela. Eu costumo ficar meses com o texto na cabeça, experimentando-o.

3 – A escolha dos nomes dos personagens são exemplos dessa intuição?

Sim, eu não sei por exemplo, de onde veio o nome Ponciá. O nome Nêgua foi intuitivo, sonoro. Só depois de muito tempo, descobri que o significado se encaixava, como está escrito no dicionário de Nei Lopes. Gosto também de inventar nomes. Fico procurando aqueles que me lembram a sonoridade das línguas africanas, como Ponciá, Nêgua e Luandi. O prazer que o som da palavra me dá, me ajuda na escolha dos nomes.

4 – E os personagens masculinos? Alguns não têm nome como o pai e o marido de Ponciá...

Me preocupou muito também porque não dei nome para esses dois, e coincidentemente são personagens masculinos. Não quis dar invisibilidade a eles... E existem no romance os personagens Luandi, Soldado Nestor, Negro Climério... Quanto a este último nome, gosto da sonoridade, assim como gosto de Alírio, personagem de *Becos da Memória*. Já o nome Davenga, personagem do conto “Ana Davenga”, surgiu assim: eu estava em algum lugar quando alguém contou de um Davenga que dançava jongo. Achei na hora o nome bonito. Agora, em *Ponciá Vicêncio*, fui ao dicionário banto para escolher palavras como “angorô”. Eu sabia que as pessoas associariam o arco-íris ao mito de Oxumaré, mas quis valorizar a cultura banto.

5 - O que personagens como Nêgua Kainda e Vô Vicêncio representaram na criação do romance, já que elas estão tão ligadas à memória coletiva?

Algumas vezes crio primeiro os personagens e depois o enredo do romance. Não me lembro se foi assim com *Ponciá Vicêncio*, porque o escrevi há muito tempo. Quando criei a personagem Nêgua, achei-a parecida com o personagem velho e sábio que dá nome ao romance *Jubiabá*, de Jorge Amado. Se foi uma influência, não sei. Lembro pouco do personagem mas sua imagem de conselheiro ficou na minha memória. Quando escrevi

“Ana Davenga”, a primeira imagem que me veio na cabeça foi a de “Meu guri”, de Chico Buarque. Com isso quero dizer que há interferências, intertextos. Isso pra explicar que eu realmente não sabia o significado de Nêgua, mas pode ter havido certa influência intuitivamente, inconscientemente. A escrita tem muito disso. Às vezes me dá uma certa insatisfação por ser Vô Vicêncio. Eu acho que eu queria que fosse uma avó. Depois que reli o texto fiquei pensando: porque eu não coloquei uma mulher? Também outro aspecto que chama a atenção no romance é que a esperança e a resolução do enredo vêm através de Luandi, pela sua retomada de consciência.

6 - Em *Ponciá Vicêncio*, a questão da arte é fundamental para a estrutura do romance. Como você vê o trabalho do barro feito por sua protagonista?

O barro pra Ponciá é a arte. E eu acho que a arte é uma forma de escapatória. Como foi para Bispo do Rosário. A arte te dá a possibilidade de viver no meio de tudo sem enlouquecer de vez. Ela permite suportar o mundo. O ser humano tem essa necessidade. O que mantinha Ponciá viva e o que possibilitou o reencontro com sua família foi o barro. No final, quando ela anda em círculos é como se estivesse trabalhando uma massa imaginária. Ela cuida das ausências porque estas se percebem e se transferem para o corpo, como com Vô Vicêncio, com o braço cotó. A ausência de sua mão é que o faz reconhecido, percebido. Eu trabalhei bastante o texto final do livro. Eu queria falar da própria arte da literatura. Quando construo o texto e trabalho as palavras, é como Ponciá trabalha o barro. Aquele cuidado dela é como o que a escritora tem com a feitura do texto. No final, são passado e presente se juntando. Há um trecho que ilustra isso [a escritora abre o livro e lê em voz alta]: “com o zelo da arte, atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como buscava ainda significar as mutilações e as ausências que também conformam um corpo. Suas mãos seguiam reinventando sempre e sempre. E quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda (PV, 131)”. Essa arte é a escrevivência.

7 – E sobre o orixá Nanã e sua relação com o barro no romance?

Quanto ao mito de Nanã, eu não me lembrei dele quando escrevi o romance. Eu sabia do mito de Oxumaré, embora não tenha me vindo à cabeça quando escrevi o livro. O arco-íris veio de minhas lembranças de menina.

8 – Sobre o final do romance, há algumas interpretações que o consideram triste, com a protagonista terminando louca. O que você acha?

Acho que no final Ponciá se apazigua, porque, se viver a loucura até as últimas consequências é uma forma de apaziguamento, ela se apazigua. Em seu momento de ausência, no olhar vazio, ela via muito mais do que outras pessoas. Mas há muitas interpretações, como a morte de Ponciá, um afogamento... Já me pediram que escrevesse outro romance a partir do final deste, mas acho que nunca será Ponciá novamente. Admito que há uma tristeza que persegue a personagem e acredito que essa tristeza é a própria solidão do ser humano.

9 - Sabemos que seus dois romances demoraram a chegar ao público. Como é seu tempo de elaboração da escrita?

Eu demoro a escrever. Não acho que preciso correr. Tenho dificuldade para cumprir os prazos [risos], meu tempo é outro. Mas essa demora ocorre primeiro, porque tem a questão da insegurança: “será que esse texto está bom mesmo? Será que já posso mostrá-lo?”. Aí se junta a dificuldade de publicar um livro também. Ponciá só foi publicado porque a professora Maria José Somerlate, depois de tomar conhecimento do livro, insistiu que eu o publicasse, mas apesar da vontade, eu tinha inibição. Então Maria José me apresentou a Mazza, que publicou o livro através de sua editora.

10 - Na Literatura Afro-brasileira são comuns as apropriações e as paródias. Como é o caso de Oliveira Silveira e a "Outra Nega Fulô", também "Licença, meu branco", de Márcio Barbosa, que parodia Manuel Bandeira. Esses são exemplos de poemas, mas, no seu caso, podemos considerar *Ponciá Vicêncio* uma apropriação do gênero "romance de formação"?

Olha, quando li seu texto e o de Eduardo percebi que a trajetória de Ponciá Vicêncio não é uma trajetória do herói clássico, parece que ela chega ao final sem nada. E Luandi joga fora aquela vitória, aquela farda e vai começar por outro caminho, que não seria o chamado "vitorioso". Em *Becos da Memória*, temos Vó Rita, que também não tinha bens materiais, e sua trajetória no final ganha outros contornos. Zilá Bernd, por exemplo afirma que Zumbi representa esse grande herói porque, além de ser um escravo, ele era um escravo fugido. Em Salvador, nas comemorações dos 300 anos de Zumbi, foi declamada uma frase que ficou entre nós: "estamos comemorando 300 anos da imortalidade de Zumbi". Fiquei pensando nessa trajetória de heróis que a gente conhece e fiquei pensando nesse Zumbi cuja vitória nós ali ainda comemorávamos 300 anos depois. Sua heroicidade vem da resistência e persistência. Por isso foi um herói negro, embora hoje seja considerado um herói nacional. Quando Solano Trindade canta que sua voz é a voz de Zumbi, ele se sente seu herdeiro. Então, a heroicidade de Zumbi não se completa nele, ela se faz ao longo dos anos na própria coletividade que ele representa. Daí fico pensando: será que os textos *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória* não apontariam uma forma diferente de desenrolar a história? O que indica que Ponciá perdeu? Será que encontrar sua ancestralidade é uma perda? Será que Vó Rita continuando todo trabalho dela, saiu sem nada? A narradora de *Becos* tem a certeza, desde o início, que um dia escreveria aquela história. Essa forma de escrever ou reescrever apresenta sim uma paródia, mas não explícita. Uma vez ouvi Marina Colasanti lendo um conto seu lindíssimo que se chama "Menina de vermelho a caminho da lua". Quando ela acabou a leitura, alguma coisa me incomodou. Em conversas com Miriam Alves, tentava descobrir o que era, pensei que se fosse uma de nós escrevendo aquela história, seria diferente. Porque a personagem que faz uma prostituta era culpada e algoz ao mesmo tempo, não é uma prostituta Bilisa. Então se nós tivéssemos escrito "Menina de vermelho a caminho da lua", seria de outra forma, talvez aí esteja a paródia.

ARRUDA, Aline. **Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um bildungsroman feminino e negro.** Dissertação de Mestrado (UFMG), Belo Horizonte, 2007. Entrevista com Conceição Evaristo, concedida a Aline Arruda (2007). Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECAP-76RF2H/1/aline-arruda-texto.pdf>. Acesso em: 27 dez 2013.

IV– Depoimento de Conceição Evaristo a Eduardo de Assis Duarte, em novembro de 2006.

EDUARDO DE ASSIS DUARTE – Vamos começar pela infância?

CONCEIÇÃO EVARISTO – Sim, minha infância, apesar de tudo, é um período que gosto de relembrar. Digo apesar porque é uma etapa de minha vida profundamente marcada pela pobreza, pela carência material. Nasci, fui criada e morei, até por volta de meus 25 anos (1971), em uma grande favela de Belo Horizonte. Sou a segunda de nove irmãos, as quatro primeiras filhas, minha mãe criou praticamente sozinha. Tive uma infância de desejos frustrados e de muitas e muitas indagações. Foi nesse tempo, talvez, que apurei minha sensibilidade para um enfrentamento com o mundo. Muitas vezes assisti minha mãe chorar porque não tinha o que nos dar de comer. Faltavam roupas, sapatos, água, mas não faltava a esperança. E não faltava a presença de minha tia, irmã mais velha de minha mãe. Ela também pobre, mas casada com um servente de pedreiro e sem filhos, podia dividir o pouco que tinha conosco. Aos 7 anos fui morar com essa tia, que residia ao lado de minha mãe, o que de certa forma permitiu que eu tivesse mais oportunidades para estudar.

EDUARDO DE ASSIS DUARTE – Como foram os seus primeiros contatos com a literatura?

CONCEIÇÃO EVARISTO – Primeiro, foi com a literatura oral vivida no seio da família, nasci cercada de palavras. Cresci escutando histórias narradas por minha mãe, tias e tios. Histórias da [...] de assombrações e outras. Os causos sobravam pelos cantos de minha casa. Durante muito tempo nem rádio tínhamos, televisão assistíamos vez ou outra na casa de uma vizinha. E já que a imagem televisiva não invadia a nossa casa, o nosso imaginário foi se apurando no exercício de uma invenção própria, a partir daquilo que nos cercava. Gosto muito de ouvir e contar histórias, até hoje. Já a literatura escrita, sem dúvida alguma, foi na escola, no primário. Conheci as histórias de Alaíde Lisboa, *A bonequinha preta*, *O bonequinho doce*, as histórias de Vovô Felício, de Lúcia Casassanta, de Lúcia Machado de Almeida... Quando terminei o primário, ganhei um prêmio por uma redação feita nas provas finais.

Minha adolescência também foi muito marcada pela leitura. Uma de minhas tias trabalhava na Biblioteca Pública de Belo Horizonte, quando o funcionamento era ainda em um prédio próximo ao local em que é hoje a Rodoviária. A única lembrança que tenho desse prédio é que as minhas vistas não alcançavam todos os livros. Eram tantos, eu ficava maravilhada. Quando a Biblioteca foi transferida para a Praça da Liberdade, o meu prazer foi enorme. Uma de minhas tias passou a trabalhar na portaria, convidada pela Prof^a. Etelvina Viana, a que fundou o curso de Biblioteconomia da UFMG. Havia anos que ela trabalhava como doméstica para a família da professora. Com o novo trabalho de minha tia, ganhei uma biblioteca, aquele mundo de certa forma se tornou meu. Isto sem dizer das bibliotecas dos colégios por onde passei e que sempre me atraíam. Meu tio, Osvaldo Catarino Evaristo, irmão de minha mãe, o primeiro da família a ter uma biblioteca em casa, em conversas e exemplos alimentou meu desejo pela leitura. Eu, menina, olhava de longe os livros que ele tinha no quarto, quando ele ainda morava em nossa casa. De Catarino Evaristo alimente também o meu gosto pela escrita. Nos anos de 1960, meu tio publicava suas poesias na página literária do *Estado de Minas*. Preciso ressaltar que, apesar de minha

mãe e tia terem iniciado o aprendizado da leitura de forma muito precária na roça e de terem frequentado pouco a escola, elas cultivavam o hábito da leitura. Liam alto as notícias de jornais, revistas e até os nossos livros escolares. O marido dessa minha tia aprendeu a ler, não sei como, pois fora criado nas fazendas. Lia relativamente bem e tinha uma letra muito bonita. No final dos anos de 1960l fazíamos serão de leitura em casa. Eu lia para ele o *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e ainda *Ela e a reclusão*, de Vera Teresa de Jesus. De dia, ele lia sozinho e, ao entardecer, já com as vistas cansadas, pedia para que eu lesse. É uma imagem bonita que guardo na lembrança. Eu, jovem, ávida do tesouro, da escuta, da escrita e da leitura, a ler para um velho que, durante toda a minha infância e ainda naquele momento, me contava histórias.

EDUARDO DE ASSIS DUARTE – E o diário que sua mãe escrevia? Ela ainda é a guardiã da memória familiar?

CONCEIÇÃO EVARISTO – Esse diário significa o impacto que a leitura do *Quarto de despejo* causou em nós. Foi a partir da leitura do livro de Carolina de Jesus, mulher negra e favelada, migrante mineira em São Paulo, que minha mãe desenvolveu o desejo da escrita. Nas páginas da outra favelada nós nos encontrávamos. Conhecíamos, como Carolina, a aflição da fome. E daí ela percebeu que podia escrever como a outra, porque ela era também a Outra... São lindos os originais de minha mãe, caderninhos velhos, folhas faltando, exteriorizando a pobreza em que vivíamos. Ali, para além de suas carências, ela se valeu da magia da escrita e tentou, como Carolina, manipular as armas próprias do sujeito alfabetizado. No entanto, ela registrou mais que as necessidades do momento. É uma escrita que guarda a memória do cotidiano, da premência da vida no dia a dia, entremeada, às vezes, por uma lembrança mais antiga. A nossa memória familiar, que cultua os nossos avós e bisavós, me chegou muito também por meio dos relatos de minha tia, a que me criou e que se foi aos 85 anos.

EDUARDO DE ASSIS DUARTE – O que a levou ao Rio de Janeiro e à carreira de professora?

CONCEIÇÃO EVARISTO – Bom, isso é uma longa história. Em 1971, quando eu terminei o Curso Normal no Instituto de Educação, havia muito tempo que não se realizava concurso para o magistério em Minas. Não sei se nunca havia tido ou se era uma situação que já vinha se arrastado ao longo dos anos. Não sei qual era o processo instituído para entrar para o quadro de professores. Minha família não tinha acesso a políticos... E as famílias importantes, tradicionais, que conhecíamos era a partir do fato de as mulheres de minha família – e eu mesma – termos trabalhado como domésticas, lavadeiras, passadeiras, arrumadeiras, babás para elas. Uma questão nova passava a ser colocada. Minha prima, que também se formara no ano anterior, e eu estávamos quebrando uma tradição. Rompíamos com as expectativas de algumas dessas famílias. Quebrávamos uma extirpe de domésticas, não seríamos as suas prováveis empregadas. Quando digo *algumas* é porque ao trabalhar, desde o primário, em casa de algumas professoras, encontrei em outras o estímulo para continuar estudando. A minha primeira professora do curso primário acompanhou mais ou menos a minha trajetória. Volta e meia nos encontrávamos. Tive o curso ginásial muito interrompido e, para que eu pudesse ingressar no Normal, passaram-se anos. Entretanto, essa professora sempre que me encontrava acenava com a possibilidade de me colocar trabalhando no grupo escolar em que eu havia estudado. Nunca fui procurá-

la. E sei por quê. Eu não acreditava que uma escola em que havia sido tão discriminada, não só eu, mas os alunos pobres e negros, quase todos favelados e que destoavam da maioria, os alunos de classe média alta, pudesse ser respeitada como profissional. Era conhecida na escola, desde pequena questionava, pedia, reclamava, fazendo-me presente em tudo, nos jograis, nas danças, nos concursos, mesmo quando a escola promovia uma seleção e me colocava na última fileira do conjunto. Fui uma menina curiosa, levada, falante. E, já formada, não acreditava que pudesse encontrar um ambiente receptivo em um espaço que me tinha sido tão hostil. Minha prima, também professora, junto com a sua família de criação, tinha ido para São Paulo no ano anterior tentar a vida. Escolhi o Rio de Janeiro, ao saber que haveria um concurso para professora. Resolvi tentar a sorte, isso em 1973. Queria exercer a minha profissão, era o meu sonho. Minha família nesse momento vivia dificuldades redobradas, no ano anterior tínhamos perdido a nossa moradia no morro, em consequência de um plano de desfavelamento da área. E tudo se tornou mais difícil ainda, a solução não estava em Minas. Precisava tentar a vida fora.

EDUARDO DE ASSIS DUARTE – Quais as diferenças mais marcantes entre Belo Horizonte e o Rio de Janeiro no que toca às condições de existência dos afrodescendentes?

CONCEIÇÃO EVARISTO – Talvez, digo talvez, na época em que migrei para o Rio, a cidade ainda oferecesse mais possibilidades para alguns. Não ao afrodescendente em si, mas para quem buscava uma melhor condição de vida. O que me salvou, entretanto, foi eu ter um diploma e estar apta para prestar um concurso. No Rio, como uma cidade grande, tudo explode com maior rapidez, tanto os problemas como as tentativas de possível solução. É ainda um espaço em que as notícias correm rapidamente, em que os movimentos sociais experimentam suas forças, fomentam suas reivindicações e muitas vezes obtêm as suas respostas. Nesse sentido, as demandas da população afrodescendente aparecem veiculadas pelos vários espaços do Movimento Negro, partidos políticos, ONGs, instituições acadêmicas etc. Algumas discussões e medidas ganham corpo no Rio e se espalham pelo Brasil. Por exemplo, o sistema de cotas universitárias. O que não se pode crer é que o Rio de Janeiro seja o paraíso dos afrodescendentes. Nem o Rio, nem Salvador, nem São Paulo... Lugar algum no Brasil, assim como a África, pode ser pensado como o paraíso para os povos africanos. Basta considerar a violência da história da colonização e, ainda hoje, os seus efeitos sobre as populações africanas.

EDUARDO DE ASSIS DUARTE – Você começa a publicar em 1990, nos *Cadernos Negros*. Ao longo da década, navegou pelas águas do conto e da poesia. E agora, nos anos 2000, traz a público dos romances. Fale um pouco dessa trajetória.

CONCEIÇÃO EVARISTO – Realmente, em 1990, tenho alguns poemas meus publicados em *Cadernos Negros 13*, organizado e editado pelo Grupo Quilomhoje Literatura de São Paulo, *Cadernos* foi o meu rito de passagem. A partir de então, o meu nome vem aparecendo em antologias alemãs, americanas, e agora em uma moçambicana. Com a agitação literária no final dos anos de 1980 eu participava das reuniões do “Coletivo de Escritores Negros do Rio de Janeiro”. Na época era um grupo liderado pelos poetas Éle Semog, Deley de Acari e Hélio de Assis, que traziam uma experiência anterior de um extinto grupo de poetas negros, o “Negricia”. Como participantes, ouvi falar de outros poetas afrodescendentes que também fariam parte do “Coletivo”: Nei Lopes, Salgado Maranhão e Elisa Lucinda, que cheguei a encontrar em uma ou duas reuniões. Como o

“Coletivo” saímos nos apresentando nos presídios, nos eventos do Movimento Negro, em algumas bibliotecas e em outros espaços alternativos que lidavam com a arte. Entretanto, sem dúvida alguma, foi a antologia paulista a responsável pela divulgação de meus trabalhos, pois *Cadernos* têm sido uma referência para pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Tenho tido meus textos citados tanto por acadêmicos, como por pessoas participantes de movimento social, o que muito me gratifica.

Sim, navego pelas águas do conto e da poesia e, apesar de ter um público leitor que aprecia meus versos e de ser mais conhecida como poetisa, gosto muito da prosa. Prefiro os meus contos aos meus poemas. Gosto de contar e ouvir casos. Muito de minha escrita nasce das histórias ouvidas, das imagens assistidas no cotidiano e de minha condição de mulher e negra na sociedade brasileira, aspectos esses que se somam ao encantamento que tenho pela palavra. Um romance que escrevi ainda em 1988, *Becos da memória*, surge a partir de conversas com minha família. Estávamos relembando certos fatos e minha mãe disse uma frase. Uma determinada palavra usada por ela, e que conferia sentido e força à cena que recuperávamos do passado, caiu dentro de mim desencadeando um estado de emoção e acordando outras lembranças. Daí para a escrita só precisou do papel e do lápis, mais nada. A frase inicial do romance repete a fala que minha mãe pronunciou naquele dia.

Ainda quanto à minha carreira literária, trago duas experiências que demonstram uma situação meio esdrúxula que envolve, se não todos, muitos dos escritores afrodescendentes: o reconhecimento de nosso trabalho por um público estrangeiro, enquanto no Brasil somos meros desconhecidos. Em 1993, foi lançada a antologia *Schwarze Prosa/Prosa Negra Afro-Brasilianische Erzählungen der Gegenwart*, em Berlim. Anteriormente, já havia sido lançada uma de poesia. O livro chegou à Áustria por meio de estudiosos de literatura brasileira. Em 1995, foi organizado em Viena e em Salzburg um seminário sobre cultura brasileira, que incluía cinema e literatura. Os escritores convidados foram João Ubaldo Ribeiro, Marina Colasanti, e mais os afrodescendentes Cuti, Miriam Alves, Geni Guimarães e eu. Fomos recepcionados igualmente, ficamos no mesmo hotel, nos apresentamos nos mesmos espaços, tivemos o mesmo público interessado. No momento, acabo de regressar dos Estados Unidos, precisamente de Nova York. Em novembro, estive por lá a convite da Host Publications, que em 2002 lançou o livro *Fourteen Female Voices From Brazil*. A obra traz autoras como Nélida Piñon, Lygia Fagundes Telles, Helena Parente, Sônia Coutinho e outras. Três escritoras afrodescendentes têm seus trabalhos publicados nessa antologia: Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro e eu. É preciso ressaltar que a organizadora da obra, a pesquisadora Elsbiet Szoka, tomou conhecimento de nossa existência quando se preparava para vir ao Seminário Mulher e Literatura, realizado em 2001 na UFMG. Naquele momento, a organização do evento, por meio da prof.^a Constância Lima Duarte, incluía na programação uma mesa sobre gênero, etnicidade e representação literária. Aquela foi a primeira vez que a professora Elzbieta tomou conhecimento de escritoras negras brasileiras na contemporaneidade. Até então ela só ouvira falar de Carolina Maria de Jesus.

EDUARDO DE ASSIS DUARTE – Como se deu a gênese de Ponciá Vicêncio?

CONCEIÇÃO EVARISTO – Não sei precisar exatamente o que me levou a escrever Ponciá Vicêncio. Talvez um acúmulo de memórias e situações dentro e fora de mim. Comecei a escrevê-lo em janeiro de 1988 e terminei no mesmo ano. Quando decidi publicá-lo, ao reler introduzi ligeiras modificações, não no que tange à história em si, mas à escrita e à estruturação do texto. No romance, construo situações para os personagens a

partir de narrativas que trago comigo. Por exemplo, cresci ouvindo dizer que menina que passasse por debaixo de arco-íris virava menino. Lembro-me de que eu e minhas irmãs tínhamos um certo temor e descobri agora que os meninos igualmente. Meus irmãos mais novos viveram esse imaginário, julgavam que virariam meninas, mas gostavam de desafiar o arco. Viviam entre a dúvida e o temor. Há uns quatro anos atrás, eu morava em Santa Teresa, no Rio, quando no final de uma tarde vi um arco-íris enfeitando o céu. Naquele momento, não me veio somente a memória da infância, mas também a imagem de Oxumarê, o orixá representado pela serpente do arco-íris, divindade nagô, que é macho e fêmea ao mesmo tempo. Nunca um arco-íris me pareceu tão belo. Eu descobria ali, olhando o céu, o fundamento de um imaginário vivido durante toda a minha infância. Um imaginário que havia sido construído a partir de traços, a partir de vestígios de elementos culturais africanos que minha mãe nos transmitiu naturalmente. A tradição aparente de minha família é católica. Foi preciso eu vir para o Rio de Janeiro e descobrir o candomblé para conseguir retomar a presença de uma narrativa mítica, que havia chegado até a minha família de forma mutilada. Narrativa que, ao ser revelada, dava-me o entendimento de que uma outra tradição religiosa subsistia em nós. Alegrei-me e me alegro muito, a cada vez que o recalcado transborda. É em um desses momentos, brincando sério com Miriam Alves, disse: ainda bem que a gente escreve... Ponciá Vicêncio já estava pronto, guardadinho na pasta. Corri em busca do texto para aproveitar um pouco mais a amplitude da representação do mito. E então encontrei no Dicionário banto do Brasil, de Nei Lopes, o Angorô, uma entidade pertencente aos terreiros de origem banta e que corresponde ao Oxumaré Nagô. Assim, o arco-íris aparece substituído pelo termo banto no final do romance. Esse e outros vocábulos e expressões são pesquisados e conscientemente testados, ensaiados no interior do texto. Gosto de usar, de experimentar vocábulos do português arcaico que as pessoas mais velhas ainda utilizam, assim como palavras originárias de línguas africanas e que compõem o falar cotidiano de minha família e de comunidades marcadas pelas culturas afro-brasileiras.

EDUARDO DE ASSIS DUARTE – Em sua opinião, quais os escritores e escritoras fundamentais em termos da participação afrodescendente na literatura brasileira?

CONCEIÇÃO EVARISTO – Vou começar por quem eu tenho preferência Lima Barreto. Gosto da contundência dele em se posicionar como um escritor negro consciente do drama racial do tempo em que viveu. Lima não teve medo de fazer de sua literatura a voz de um afrodescendente. Em 1903, em seu Diário íntimo, ele relatava o desejo de escrever sobre a escravidão no Brasil e a influência desse processo na nacionalidade brasileira. Em 1905, volta a registrar a mesma ideia, queria escrever um romance que falasse da vida e do trabalho dos negros em uma fazenda. Para a lista não ficar extensa, citarei os conhecidos Machado de Assis e Cruz e Sousa, e os não tão estudados, como Luiz Vianna e Maria Firmina dos Reis, autora do primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher. Se considerarmos a participação dos escritores afrodescendentes na literatura brasileira, independente da temática e mesmo de um autoprounciamento enquanto escritor negro ou mestiço, não podemos esquecer de Teixeira e Souza, apontado como autor do primeiro romance brasileiro. E não podemos esquecer também da poetisa Aute de Souza. Ponderando apenas o aspecto da afrodescendência, teríamos vários autores que tiveram papel marcante na literatura brasileira. Escolho, entretanto, aqueles/as que, notadamente a partir dos anos de 1920 até a contemporaneidade, escreveram e escrevem inspirados em suas experiências de afrodescendentes, Lino Guedes, que assume uma “negritude” em seus

textos, mesmo que de forma lamentosa; Solano Trindade, por declamar: “negros que exploram negros não são meus irmãos”; Abdias Nascimento, pela contundência de seu discurso poético em consonância com o seu discurso político; Adão Ventura, um dos primeiros que conheci no exercício do verso negro mineiro; Edmilson de Almeida Pereira, Ricardo Aleixo, Waldemar Euzébio, poetas mineiros de agora; Carlos de Assumpção, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Curti, Oliveira Silveira, Márcio Barbosa, poetas e pensadores da literatura afro-brasileira; e, ainda, Éle Semong e Salgado Maranhão; as mulheres: Geni Guimarães, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Maria Helena Vargas, Ana Cruz, contistas e poetisas do cotidiano, nomes que aparecerão com mais vigor na cena literária quando mais estudiosos atentos à diversidade da cultura e da literatura brasileira se debruçarem sobre o novo. E não posso deixar de citar a desconcertante Carolina Maria de Jesus que, audaciosamente, a partir de restos de papel e lixo, feriu o cânone literário brasileiro.

EDUARDO DE ASSIS DUARTE – Como você está vendo o processo atual de consolidação ou de maior visibilidade da produção literária afro-brasileira?

CONCEIÇÃO EVARISTO – Na universidade, o que está acontecendo é ainda tímido. Não se pode considerar como uma grande mudança, por exemplo, no currículo dos cursos de letras. Na verdade, vemos o esforço isolado de alguns interessados na produção literária negra. Por exemplo, professores desenvolvendo projetos de pesquisa, reunindo colaborações de instituições nacionais e estrangeiras, orientando teses e dissertações. Isso, além da inclusão de tópicos ou módulos sobre autores negros em disciplinas de literatura brasileira.

EDUARDO DE ASSIS DUARTE – E a respeito da obrigatoriedade do enfoque da história e cultura afro-brasileira nos ensinos fundamental e médio?

CONCEIÇÃO EVARISTO – A obrigatoriedade da temática “história e cultura afro-brasileira” nos ensinos fundamental e médio, oficial e particular abre, sem dúvida alguma, um espaço de visibilidade para aspectos pouco difundidos das culturas africanas e afro-brasileira. É preciso forjar o reconhecimento de que as culturas africanas, aqui aportadas, são formadoras da nacionalidade brasileira, e não meras contribuições. A presença do negro na cultura e no pensamento nacional extrapola o espaço da arte relacionada ao canto, à dança, à culinária... A história oficial brasileira pode negar aos negros o papel de atores, de sujeitos históricos, mas figuras como Zumbi, Henrique Dias, Luiz Gama, Chico Rei, Aleijadinho, José de Patrocínio, João Cândido, Cruz e Sousa, Padre José Maurício, Machado de Assis, Lima Barreto, Mário de Andrade, Juliano Moreira, dentre outros, marcaram a história brasileira nos mais diversos campos de atuação. O mesmo se pode dizer das figuras femininas como: Luiza Mahin, Dandara, Zacimba Gaba, Chica da Silva, Escrava Anastácia, Auta de Souza, Mãe Senhora, Tia Ciata, Vera Teresa de Jesus, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros, Verena Leite, Lélia Gonzalez, dentre outras, mulheres que deixaram o seu legado na vida brasileira. É preciso que se tenha um olhar mais diversificado sobre a história da literatura brasileira. Há autores e textos negros que são estudados, mas a partir de uma ótica eurocêntrica. Procura-se,

inventa-se um lado branco para esses autores, assim como para os seus trabalhos. A Academia Brasileira de Letras foi fundada por um escritor negro, que alguns estudiosos tiveram o prazer em embranquecer...

EDUARDO DE ASSIS DUARTE – Pergunto agora não apenas à escritora, mas à pesquisadora: que elementos constituem a literatura afro-brasileira e a diferenciam da literatura brasileira *tout court*?

CONCEIÇÃO EVARISTO – Considero como elementos constitutivos de um discurso literário afro-brasileiro: a afirmação de um pertencimento étnico; a busca e a valorização de uma ancestralidade africana, que pode ser revelada na própria linguagem do texto, na estética do texto; a intenção de construir um contradiscurso literário a uma literatura que estereotipa o negro; a cobrança da reescrita da História brasileira no tange à saga dos africanos e seus descendentes no Brasil; a enfática denúncia contra o racismo e as injustiças sociais que pesam sobre o negro na sociedade brasileira. E agora apresento um elemento vital na constituição de uma literatura afro-brasileira no que diz respeito a sua autoria? E, para discutir essa questão, vou partir de meu exercício como escritora. Eu sou uma escritora brasileira, mas não somente. A minha condição de brasileira agrega outras identidades que me diferenciam: a de mulher, a de negra, a de oriunda das classes populares e outras ainda, condições que marcam, que orientam, a minha escrita, consciente e inconscientemente. Nesse sentido, não tenho receio algum em não só afirmar a existência de uma literatura afro-brasileira, como ainda me encaixar no grupo de autoras/es que criam um texto afro-brasileiro. E ainda asseguro a existência de um texto feminino negro, ou afro-brasileiro, como queiram. O meu texto se apresenta sob a perspectiva, sob o ponto de vista de uma mulher negra inserida na sociedade brasileira. A questão da autoria para mim gera outras reflexões diante da afirmativa de que a literatura afro-brasileira se constitui a partir do ponto de vista, da perspectiva do texto. Concordo e concordo. Mas a perspectiva, o ponto de vista do texto é dado por um autor. Ora, sei que esse ponto de vista pode ser procurado, tentado, ensaiado por mãos que não sejam necessariamente negras, como sei também que existem mãos negras desinteressadas e que se negam a produzir qualquer texto sobre essa perspectiva. Concordo ainda com a afirmação bastante lúcida de muitos e afirmo que não basta ao escritor/a ser negro/a para se fazer uma literatura negra. Entretanto, a minha pergunta é: o ponto de vista do texto nasce do nada, como gerações espontâneas? A voz autoral é de quem? Ora, se a literatura afro-brasileira, como tem se apresentado em algumas discussões, se atualiza e se identifica a partir do ponto de vista do texto, a partir da perspectiva da escrita, que se realiza sob a ótica de um olhar negro conferido à escritura, pergunto: o sujeito autoral da escrita – aquele que cria o texto – é isento de qualquer participação nesse mesmo texto? O texto nasce de quem? Explicando melhor: para mim, à autonomia da literatura afro-brasileira em relação ao sujeito autor/a é relativa, e muito. O ponto de vista que atravessa o texto e que o texto sustenta é gerado por alguém. Alguém que é o sujeito autoral, criador/a da obra, o sujeito da criação do texto. E, nesse sentido, afirmo que, quando escrevo, sou eu, Conceição Evaristo, eu-sujeito a criar um texto e que não me desvinculo de minha condição de cidadã brasileira, negra, mulher,

viúva, professora, oriunda das classes populares, mãe de uma especial menina, Ainá etc., condições essas que influenciam na criação de personagens, enredos ou opções de linguagem a partir de uma história, de uma experiência pessoal que é *intransferível*.

Asseguro que a minha condição étnica e de gênero, ainda acrescida de outras marcas identitárias, me permite uma experiência diferenciada do homem branco, da mulher branca e mesmo do homem negro. A minha experiência pessoal influencia a minha escrita conduzindo o ponto de vista, a perspectiva, o olhar que habita em meu texto. Será que alguém escreve o texto do outro? Gosto muito de uma reflexão de Nadine Gordimer, escritora sul-africana, branca, comprometida com a luta contra o *apartheid*. Ela destaca uma diferença na experiência de brancos e negros, e como tal diferença cria uma arte também diferente. Embora a fala de Gordimer se situe em 1979, creio que ela ainda possa nos ser útil. A escritora sul-africana, refletindo sobre qual seria o modo de pertinência e de engajamento do artista branco na luta contra o *apartheid*, destaca “a substância do vivido onde o artista tira a sua visão”. A exploração que os negros vivem *como sua realidade* é uma realidade que o artista branco repudia, que ele recusa ser o agente, mas essa realidade se situa fora dele, ele a vê por meio de um filtro, de um julgamento moral ou por uma empatia racional. Para Gordimer, a criação de uma nova identidade negra estava fundada em uma realidade que o branco não poderia reivindicar, pois não era da ordem de sua experiência. A escritora ainda acrescenta que, se o artista branco pretendesse um engajamento na luta contra o *apartheid*, na construção de uma sociedade fundada em novos valores, ele deveria reconhecer abertamente que a sua ordem de experiência como branco se diferenciava completamente da ordem de experiência dos negros. Repito, embora essas reflexões tenham nascido em terreno africano, não podemos esquecer que também temos o “nosso *apartheid* de cada dia”, transformado em literatura pelas vozes afro-brasileiras. Concordando com Nadine Gordimer, penso que por mais que eu compactue com as lutas indígenas e ciganas, seria eu capaz de criar no meu texto uma perspectiva, um modo de olhar indígena ou cigano? Como eles, experimento uma história de exclusão, mas de um outro lugar. Posso tentar a até criar um arremedo, talvez.

(Depoimento concedido a Eduardo de Assis Duarte em novembro de 2006 e revisado pela autora em junho de 2008.). In: DUARTE, Eduardo de Assis Duarte; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Organizadores). **Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica**. História, teoria, polêmica. Editora UFMG. Vol. 4. 2011.